

JEISA RECH

Memórias sobre namoros em Joinville na década de 1950

Florianópolis

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Memórias sobre namoros em Joinville na década de 1950

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Cultural, sob a orientação do professor Doutor Marcos Fábio Freire Montysuma.

JEISA RECH

Florianópolis

2008

Aos meus pais, Lourival e Petronila,
com todo o meu amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos três anos que estive cursando o Mestrado, seja freqüentando as aulas, pesquisando, realizando entrevistas e escrevendo a dissertação, muitas pessoas fizeram parte da minha vida, ajudando diretamente ou demonstrando interesse, todas as formas de ajuda foram fundamentais, principalmente demonstrando atenção, oferecendo auxílio e dando apoio para esta árdua caminhada.

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais Lourival e Petronila, pela dedicação e apoio incondicionais. Desde o início me apoiaram, torceram por mim, vibraram comigo, mais do que ombros amigos, ouviram, acalmaram e aconselharam em diversos momentos. Grandes exemplos de pais zelosos, muitas vezes abdicaram de seus afazeres para me ajudar com as pesquisas e até me levar para Florianópolis, correndo contra o tempo, ao conciliar meu trabalho com as aulas, em cidades distantes. Sem vocês tudo seria mais difícil, ou até impossível, e não tenho palavras para expressar toda a gratidão e o amor que sinto por vocês.

Ao meu irmão, Lourival Rech Junior, que mesmo distante me apoiou e demonstrou interesse pelas minhas pesquisas. Desde que éramos pequenos, desempenhou muito bem o papel de irmão mais velho, me cuidando e principalmente sendo para mim um exemplo de dedicação aos estudos, coragem e determinação, valores reconhecidos por todos que o cercam.

Às ex-professoras e sempre minhas amigas Janine Gomes da Silva, Arselle de Andrade da Fontoura e Ilanil Coelho, que me incentivaram a ingressar no curso. Desde a graduação foram exemplos de dedicação, conhecimento e competência. Obrigada pelas conversas, idéias, discussões e sugestões.

Ao meu orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma, que pacientemente me guiou ao longo desta caminhada. Agradeço pela grande dedicação, apoio e auxílio, e por tudo o que simpaticamente e sempre com bom humor, me ensinou.

Aos meus entrevistados, que gentilmente me receberam em seus lares e contaram suas histórias. Essas mulheres e homens me proporcionaram momentos maravilhosos de aprendizagem e lições de vida, contribuindo para que eu me apaixone cada vez mais pela História.

Aos amigos de trabalho do Colégio Tupy que sempre deram apoio, incentivo, cobriram minhas faltas, me representaram nas reuniões e ajudaram na indicação de nomes para possíveis entrevistas. Obrigada também à coordenação e direção da

Instituição que compreenderam minhas necessidades e me apoiaram, por muitas vezes me liberaram das minhas obrigações na escola para cumprir as obrigações do curso.

Aos amigos do Arquivo Histórico de Joinville, que conheci durante a graduação e estiveram sempre dispostos a ajudar na pesquisa, nas discussões e na busca por fontes.

Aos amigos de curso: Adriana Fraga Vieira, Cezar Karpinski, Cláudia Regina Nichnig, Juliana Darós dos Santos, Maise Caroline Zucco, Maryana Cunha Ferrari e Patrícia Schimidt, que transformaram a árdua rotina das viagens e aulas em momentos prazerosos de muita discussão proveitosa e também de muitas risadas. Vivenciando as mesmas situações, enfrentando as mesmas dificuldades, em pouco tempo e pouco conhecendo do outro, tornamo-nos grandes auxiliares uns dos outros.

E finalmente, agradeço ao meu marido Osvaldo Casagrande Junior, que sempre esteve ao meu lado, dando apoio, acreditando no meu trabalho e abdicando de momentos de lazer. Além de toda a dedicação para comigo é para mim um grande exemplo de honestidade, determinação e conhecimento. Agradeço por tudo o que tem feito por mim, ao longo desses muitos anos que juntos estamos.

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	viii
APRESENTAÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - SER JOVEM EM JOINVILLE: O COTIDIANO DO JOVEM JOINVILENSE	26
1.1 – Memórias de responsabilidade: o trabalho	26
1.2 – Memórias de diversões: cinemas, bailes, passeios	33
CAPÍTULO 2 - O RELACIONAMENTO A DOIS	48
2.1 – O par “ideal”	48
2.2 – Entre credos e sobrenomes: os elementos importantes para a formação de um casal.....	55
2.3 – O início, os obstáculos, os programas, os desentendimentos: o cotidiano do casal de namorados	64
CAPÍTULO 3 - INTIMIDADES E O CAMINHO AO ALTAR	76
3.1 – O ritual do namoro: conversas, beijos, intimidades, gravidez	76
3.2 – O noivado: uma nova etapa do ritual	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
FONTES IMPRESSAS	92
ENTREVISTAS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
WEBGRAFIA	99

RESUMO

A proposta desta dissertação é a de apresentar e refletir acerca das memórias sobre o namoro daqueles que foram jovens na década de 50 em Joinville. A juventude é lembrada pelos “velhos” através das memórias do trabalho, das diversões, das amizades e dos namoros, inseridos em um contexto econômico, político e social que influenciavam em suas posturas. A pesquisa realizada teve como objetivo discutir teoricamente como as memórias da juventude podem ser problematizadas a partir da metodologia da história oral. As narrativas foram analisadas no sentido de discutir as experiências femininas e masculinas aliadas às especificidades da cidade, como o cotidiano, as diversões, o namoro e as questões que permitiam/proíbiam a constituição de um casal, os padrões de parceiro ou parceira ideal, e também de relacionamento ideal, o dia a dia do namoro, as intimidades, o noivado e o casamento. A pesquisa foi realizada através da análise de jornais e uma revista da década de 50, e de entrevistas com mulheres e homens que vivenciaram esse momento, que nas suas múltiplas significações contam outras histórias sobre a cidade de Joinville.

Palavras-chave: Joinville, namoro, memórias, juventude, década de 1950.

ABSTRACT

The proposal of this work is to present and reflect about the relationship memories from the youth during the fifties in Joinville. The youth is remembered by the old ones through the work, fun, friendship and relationship memories, inserted in economic, politic and social context that influenced on their behavior. The aim of this research is to discuss teorically as the youth memories can be seen as a problem from the oral history methodology. The narratives were analyzed in order to discuss the female and male experience into the city specificity, as the daily life, the funny times, the relationship and questions that allowed/ forbade a couple's formation, the partner way or ideal partner and also the ideal relationship, the day-by-day of the relationship, the privacy, the engagement, and the wedding. The research was done through the newspapers and a magazine from the fifties analysis, and also interviewing men and women that lived those situations, that is its different meanings tell other about histories about the city of Joinville.

Key-words: Joinville, relationship, memories, youth, the fifties.

APRESENTAÇÃO

Não é verdade que já não me lembro de nada as lembranças ainda estão lá, escondidas no novelo cinzento do cérebro, no úmido leito de areia que se deposita no fundo da torrente dos pensamentos – se é verdade que cada grão dessa areia mental guarda um momento da vida fixado de tal modo que já não seja possível apagá-lo, mas sepultado por bilhões e bilhões de outros grãosinhos. Estou tentando trazer de novo à tona um dia, uma manhã, uma hora entre a escuridão e a luz no raiar daquele dia. Há anos deixei de remexer essas lembranças, encafuadas feito enguias nas poças da memória. Tinha certeza de que a qualquer momento bastaria revolver as águas rasas para vê-las aflorar num golpe de calda. Na pior das hipóteses, teria de levantar algumas das pedras enormes que servem de barragem entre o presente e o passado, para descobrir as pequenas cavernas atrás da testa onde se anicham as coisas esquecidas. Mas por que aquela manhã e não outro momento? Há alguns pontos emergindo do fundo da areia, sinal de que ao redor daquele ponto girava uma espécie de vórtice, e quando as lembranças, após um longo sono, despertam, é a partir do centro de um daqueles vórtices que a espiral do tempo se desdobra.

Ítalo Calvino¹

As palavras de Ítalo Calvino expressam a essência deste trabalho. Buscando conhecer as sociabilidades vividas por jovens joinvilenses da década de 50, é principalmente um trabalho sobre memórias, “lembranças escondidas” nos pensamentos daqueles que vivenciaram esses momentos. São pessoas, que nas palavras de Calvino, guardam momentos especiais de suas vidas, como grãosinhos, encobertos por outros bilhões de momentos, que na sua doçura e simpatia, aceitaram receber uma “estranha” em seus lares e contar-lhe suas mais íntimas histórias. Mulheres e homens que cederam seu tempo para “remexer essas lembranças”, lembranças que ultrapassam cinco décadas, e que agora estão “encafuadas nas poças da memória”. Nas agradáveis tardes que passamos juntos, ao rememorar suas experiências, “revolveram as águas rasas”, mas também “levantaram enormes pedras”. Por que aquele momento? Porque simpaticamente responderam a perguntas sobre suas vidas, e de cada resposta, pontos emergiram do fundo da areia, despertando lembranças adormecidas, relembando um tempo, que nas palavras desses protagonistas, entre suas falas, suspirando dizem: “(...) não volta mais”.

Os entrevistados demonstraram empolgação e alegria em conceder a entrevista. Os assuntos das conversas, falar do namoro da juventude joinvilense dos anos 50 permitiu que

¹ CALVINO, Ítalo. O caminho de San Giovanni. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 67.

todos os entrevistados se sentissem à vontade para narrar suas experiências. Num momento de nostalgia, narraram histórias dignas de filmes, onde eram os protagonistas de acontecimentos envolvendo aventuras, suspenses, dramas, comédias, mas principalmente romances, já que a década de cinquenta é o cenário onde inúmeros namoros iniciaram, relacionamentos a dois que perduram até hoje, em comemorações de Bodas, como é o caso de alguns casais entrevistados.

Alguns se apresentaram tímidos para falar de certos assuntos, e outros expuseram sem pudor suas íntimas lembranças, situações muitas vezes não reveladas a parentes próximos, mas compartilhadas com uma curiosa pesquisadora naquela tarde. Muitas vezes as conversas eram interrompidas por deliciosas gargalhadas, ao rememorarem situações que provavelmente há muito estavam escondidas.

Diante dos obstáculos que a vida lhes impõe, como lembra Ecléa Bosi², a velhice sofre preconceitos, crise de identificação, sentimento de menosprezo e as tarefas que se tornam cada vez mais árduas ao longo dos anos. Assim, os velhos, distantes já das atividades profissionais, portam uma memória que revive o passado, desempenhando a maravilhosa função de lembrar. Essa função atribuída aos mais velhos parece ser encarada por eles próprios como uma atividade prazerosa. É possível perceber nas suas falas, explicações e até aconselhamentos, o sentimento de ser útil e de estar contribuindo para algo. Ao narrarem detalhadamente como era a cidade há mais de 50 anos, parecem querer explicitar, ensinar, enfim, conduzindo pelas mãos o entrevistador, pelos caminhos da sua história.

Impulsionados pelo desejo de estudar um pouco mais da história de Joinville na década de 1950, optamos por conhecer e problematizar as memórias sobre as relações de namoro na juventude, relações estas permeadas por questões de gênero. O trabalho tem como objetivo perceber e discutir as experiências femininas e masculinas em Joinville, verificando a pluralidade do cotidiano frente a um momento de forte industrialização e da introdução de normas familiares burguesas no comportamento dos operários. Utilizando da história oral, foram entrevistados homens e mulheres que eram jovens na década de 50, percebendo as memórias sobre o namoro naquela década. No sentido de descobrir os cenários frequentados pelos jovens, buscou-se compreender um pouco sobre sua rotina, como o trabalho e as diversões. Sendo objetivo maior compreender como se davam os relacionamentos amorosos entre os jovens, assim como os namoros, o caminho textual é feito de etapas, que passam pelas discussões da idealização do par, o conhecimento, as conversas, o namoro, o noivado e

² BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

as intimidades. Procurou-se problematizar as questões que permitiam ou proibiam a constituição de um casal, tais como a etnicidade e a religiosidade. Preocupou-se também discutir quais eram os “padrões” de parceiro ou parceira ideal, e também de relacionamento ideal; bem como discutir os valores e os papéis sexuais ligados ao comportamento dos jovens: atitudes, posturas, sentimentos, compromisso, gravidez, família. Assim, o trabalho foi desenvolvido por etapas, que incluem leitura bibliográfica, pesquisa em fontes, como um jornal e uma revista que eram publicados na cidade naquele momento, e principalmente, a realização de entrevistas de história oral.

As lembranças sobre a juventude são muitas... ao conversarmos com homens e mulheres que há muito passaram por essa fase social da vida humana, percebemos a nostalgia, a saudade e a alegria com que narram suas vivências. É uma fase de transformações, de mudanças no corpo, e de atribuições de responsabilidades, caracterizadas pelo trabalho, pelo auxílio à família, moldados pelas regras morais ditadas pela sociedade. O período da juventude geralmente é aquele em que as moças e rapazes começam a se olhar de forma diferente, não mais com a implicância e as brincadeiras infantis, mas com o interesse pelo outro, no sentido de se aproximarem e se unirem, formando um casal. A juventude é lembrada pelos “velhos” através das memórias das diversões, dos bailes, das amizades e dos namoros, inseridos em um contexto econômico, político e social que influenciam em suas posturas.

As mudanças ocorridas na escrita da história nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1970 e 1980, levou a uma pluralidade de métodos e objetos da história, entre eles, o estudo do jovem. Tem crescido o número de estudos sobre a juventude, juntamente com a atenção conferida aos jovens nos últimos anos por parte dos meios de comunicação de massa, das instituições governamentais e não governamentais. Mas existem alguns embates sobre o conceito de juventude: o fato de que essa fase da vida, na sociedade atual, tornou-se também modelo cultural, implicando em um modelo idealizado do “ser jovem” que ultrapassa os marcos do ciclo de vida e invade o mundo: todos querem permanecer jovens. Assim, ser jovem é viver uma determinada forma de inserção na estrutura da sociedade, de acordo com condições sociais, étnicas, culturais e de gênero³. A moderna concepção de juventude, resultado de transformações observadas a partir do século XVIII, mas consolidada a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, refletiu para algumas situações: alongou-se o período de

³ MACHADO, Fernanda Quixabeira. Por uma história da juventude brasileira. *Revista da UFG*, Vol. 6, No. 1, jun 2004.

transição entre a infância e a vida adulta, a vivência escolar, a tardia entrada no mundo do trabalho e o aparecimento de formas de consumo e de produção cultural típicas da juventude⁴.

Estou considerando neste trabalho, o conceito de juventude como geracional, a partir do corte etário que determina e permite algumas atividades às pessoas que se encontram em uma certa idade, no caso, a juventude. O conceito geracional se fundamenta na idéia de geração social, baseado na categoria de análise que admite a juventude como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade. Essa fase corresponde a um momento específico de socialização, onde os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, adquirindo elementos apropriados da "cultura" e assumindo papéis adultos⁵. Situações como começar a trabalhar, começar a frequentar cinemas e bailes, iniciar uma relação amorosa; as entrevistas demonstram que ser jovem em Joinville era fazer estas atividades, iniciando geralmente aos 14 anos, sendo que este ciclo se fechava com o casamento, que poderia variar conforme o sexo, mas tendo geralmente como idade máxima os 24 anos. Nesse sentido, utilizo o termo "juventude" como geracional, percebendo através da metodologia da história oral, as memórias de homens e mulheres que na década de 1950 contavam com estas idades, entre 14 e 24 anos. Biologicamente a juventude pode ser dividida em duas fases: a pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e a adolescência (de 15 a 19 anos); nos estudos da Sociologia, a juventude começa aos 15 e termina aos 24 anos. Apesar destas ciências definirem o limite certo do período em que começa e termina a juventude, o mesmo não ocorre na História, já que o historiador precisa definir o que é ser jovem de acordo com o período e a sociedade estudados. Para a compreensão do jovem e da juventude na história, são essenciais estudos sobre tempo, espaço e cultura, pois essa fase da vida humana não pode ser compreendido, ou limitado, conforme enquadramentos demográficos ou jurídicos⁶.

⁴ SPOSITO, Marília Pontes. *Apontamentos para a discussão sobre a condição juvenil no Brasil*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br>>. Acesso em 20 out. 2007. Sobre os estudos da juventude, ver: ABRAMO, Helena. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, número especial n. 5-6, p.25-36, 1997; LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens I: da antiguidade a era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. _____ (orgs). *História dos jovens II: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004; ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni (Org). *Retratos da juventude brasileira : análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2005.

⁵ DAMASCENO, Maria Nobre. *Formação da Juventude: educação e cidadania em áreas de assentamento do MST*. Disponível em < <http://www.alasru.org/cdaldasru2006>>. Acesso em 20 out. 2007.

⁶ MACHADO, Fernanda Quixabeira. Por uma história da juventude brasileira. *Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun 2004*.

A partir da História Nova⁷, abriram-se espaços para a discussão e escrita das mais variadas histórias, problematizando temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional, dando visibilidade aos “personagens ocultos”. Esta nova perspectiva contempla o estudo de gênero, pensando como os papéis masculinos e femininos foram construídos historicamente. Os relacionamentos interpessoais e os papéis sexuais podem ser percebidos através das memórias, ou seja, a partir da metodologia da história oral, é possível dar voz aos homens e mulheres, e através da sua subjetividade as experiências sociais do passado vão aos poucos emergindo, como as lembranças da juventude joinvilense na década de 1950.

Popularmente conhecida por “Anos Dourados”, devido ao seu crescimento econômico e aspectos “modernos”, a década de 1950 é caracterizada pelas transformações de ordem política, econômica e social, em conjunto com as alterações no estilo de vida do brasileiro. A internacionalização da economia trouxe uma mudança nos hábitos e padrões de consumo, principalmente nos centros urbanos. As transformações no cotidiano da sociedade imprimiam um novo modelo de vida, tendo como parâmetros os produtos industrializados e os comportamentos que refletiam o novo e o moderno.

O Brasil da década de 1950 teve grande apoio do governo à expansão industrial, visando o crescimento da produção dos bens de consumo, o alargamento do mercado interno e a elevação da renda nacional. O ano de 1951 ficou marcado pela volta do presidente Vargas e o seu programa de governo baseado na industrialização. Desenvolveu uma política econômica de caráter nacionalista, controlando as importações, propondo a criação de empresas estatais, aumentando assim, a intervenção do Estado na economia⁸.

Juscelino Kubitschek assumiu a presidência depois da morte de Getúlio e do governo transitório de Café Filho; o desenvolvimentismo permaneceu como ideologia do seu governo, cujo objetivo era atingir a prosperidade, a ser alcançada através da industrialização. O governo de JK investiu na criação de empresas, gerando novos empregos e elevando o nível de vida da população; incentivou a implantação de empresas multinacionais e privilegiou o desenvolvimento de estratégias voltadas a infra-estruturas urbano-industriais⁹. O grande impulso à industrialização colocou o Brasil como grande produtor e consumidor de artigos industrializados, mas a grande parte da população não participou efetivamente deste processo.

⁷ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, 1993.

⁸ RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

⁹ CARDOSO, Mirian. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK – JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 77-78.

Em consonância com as diretrizes federais, no estado de Santa Catarina elaborou-se um planejamento governamental em relação ao setor industrial. Ao longo da década de 50, os governos estaduais priorizaram as estradas de rodagem, visando interligar os portos ao interior, investiram em energia elétrica, com a construção de usinas, além da agricultura e da educação¹⁰. Na cidade de Joinville, região nordeste do estado de Santa Catarina, inserida neste contexto de industrialização, foram fundadas diversas indústrias, beneficiada pela expansão do mercado consumidor, pela queda das importações e benefícios de ordem federal e estadual; sendo que as empresas já existentes cresceram, afirmando-se no mercado nacional¹¹, principalmente no ramo têxtil e metal-mecânico, passando por uma fase de desenvolvimento urbano e crescimento populacional¹². Convém ressaltar a importância destas empresas para a cidade, muitas delas em funcionamento ainda hoje, como: Tupy, Tigre, Carrocerias Nielson (Busscar), Metalúrgica Douat, Cônsul (Whirlpool), Metalúrgica Duque, Docol, Ciser, Kavo, dentre outras.

Durante os anos de 1950, a questão comum era a superação dos problemas sociais, do atraso econômico e cultural¹³, assim, influenciada pela política desenvolvimentista, que previa o rompimento com o antigo, para tornar o Brasil um país “moderno”, a sociedade passou por uma série de transformações em seu cotidiano, que culminaram com as mudanças de hábitos e comportamentos, alterações somente possíveis a partir do grande salto da industrialização. As idéias que permeavam essa política são passíveis de questionamentos, haja vista que as sociedades vivenciam suas próprias e diferenciadas culturas, temporalidades, dinâmicas políticas, econômicas e sociais, inexistindo “atraso” econômico e cultural. O conceito de “modernização” é um termo habitualmente usado como referência aos efeitos do desenvolvimento econômico nas estruturas sociais. Refere-se ao desenvolvimento social baseado na industrialização, expansão da ciência e da tecnologia, ao mercado capitalista mundial, a urbanização e outros elementos de infra-estrutura¹⁴. Estudar os anos 50 e suas mudanças é importante para percebermos uma transformação sofrida pela sociedade que ocorre ainda hoje: a vida dos moradores urbanos mudou, adaptando-se a um ritmo cada vez mais acelerado da produção padronizada, que até hoje torna os objetos obsoletos mesmo antes de perderem sua utilidade.

¹⁰ ROCHA, Isa de Oliveira. *Industrialização de Joinville, SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: UFSC, 1997. p. 55.

¹¹ Id. Ibid. p. 58.

¹² TERNES, Apolinário, *A economia de Joinville no século 20*. Joinville: Letradágua, 2002. p. 39.

¹³ RODRIGUES, Marly. Op. cit. p. 17.

¹⁴ FEATHERSTONE, Mike. *Moderno e pós-moderno: definições e interpretações*. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/arquivos/mike_featherstone.pdf>. Acesso em 16 out. 2007.

As mudanças de comportamento foram também influenciadas pela imprensa, através da expansão dos meios de comunicação, tais como o rádio, a televisão, jornais e revistas. Os anúncios vendiam não apenas o produto, mas um novo modo de vida, associado ao novo, moderno e tecnológico; os artigos, os conselhos, ditavam formas de se comportar. A imprensa crescia em ritmo acelerado, tornando o jornal um veículo dinâmico para a notícia e para a propaganda. Em Joinville circulavam os jornais *Jornal de Joinville* (04/1931 a 08/1955) e *A Notícia* (1946 a 1955), publicando notícias, anúncios e artigos, refletindo a mentalidade do momento. Na década de 50 foram surgindo e se expandindo as revistas semanais e as revistas femininas. Na cidade de Joinville, tem-se na década de 50 a revista “Vida Nova”, uma Revista Mensal Ilustrada que trazia entre as reportagens de cunho político, propagandas, notas sociais, receitas e conselhos, poemas, humor, enfim, como analisa Janine Gomes da Silva, um importante veículo de publicidade, mas também construindo arquétipos femininos, sugerindo um “modelo de mulher joinvilense”, pautado na valorização do casamento e da maternidade¹⁵.

Diante deste período de ascensão vivido pela classe média, os anos 50 caracterizaram-se pelo período otimista de crescimento industrial e urbano, aumentando as possibilidades de trabalho para ambos os sexos. Os discursos políticos enalteciam a *democracia*, e os brasileiros tiveram maiores acessos à informação, ao lazer e ao consumo. Com seu estudo sobre o período, Carla Bassanezi contribui imensamente para a compreensão dos papéis considerados ideais naquele momento, que segundo a autora, diante da onda de transformações que abarcava o país, os comportamentos entre os sexos também foram alterados, já que vivendo nas cidades, homens e mulheres tornaram-se mais próximos, contribuindo para modificações nas práticas sociais familiares. Os papéis considerados “femininos” e “masculinos” continuavam distintos, nivelados pela moral sexual que previa para os homens a autoridade sobre as mulheres, sendo responsável pelo sustento da esposa e dos filhos. A postura de mulher ideal passava pelas características de feminilidade, instinto materno, pureza e doçura; o trabalho feminino fora de casa, ainda que comum, era visto com preconceito. A moralidade do momento era favorável às experiências sexuais masculinas, restringindo a sexualidade feminina ao casamento convencional¹⁶.

Ao discutir os relacionamentos entre os jovens na década de 50 é possível o entendimento do cotidiano histórico de uma sociedade, já que um relacionamento é fruto de

¹⁵ SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...* as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. 2004. Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 180.

¹⁶ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 608.

uma dinâmica influenciada por questões sociais, econômicas, políticas, familiares, de gênero, étnicas e religiosas. Inserida nesse processo de modernização que aconteceu em inúmeras regiões do país, Joinville possui suas singularidades. Apesar da existência de moradores luso-brasileiros na região, e anterior a eles a presença e ocupação por povos indígenas e sambaquianos, a história da cidade costuma iniciar-se com a “fundação oficial”, ocorrida com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, no dia 9 de março de 1851, moradores da atual Alemanha. Apesar da existência de noruegueses e de a maioria dos imigrantes serem suíços¹⁷, o perfil da cidade foi tornando-se germânico, preservando as práticas culturais dos antepassados. Mesmo no final do século XIX, apesar da existência de uma elite luso-brasileira, firmada na cidade principalmente a partir da atividade ervateira, as práticas culturais “alemãs” se sobressaíam¹⁸. Constituindo um grupo mais numeroso, imigrantes e descendentes, também denominados teuto-brasileiros¹⁹, colaboraram para a (re) produção de uma ideologia baseada na etnicidade. Assim, a expressão “de origem” é utilizada pelos imigrantes e descendentes como diferenciação dos outros grupos étnicos, principalmente dos brasileiros, comumente denominados “lusos” ou “caboclos”²⁰. O relacionamento entre os imigrantes e brasileiros aqui residentes foi repleto de tensões²¹ e preconceitos, inclusive existindo jornais, clubes e escolas diferenciadas, e mesmo a existência de uma linha imaginária que dividia a cidade entre “Brasil” e “Alemanha”²². Essas tensões calcadas na etnicidade e conseqüentemente na religiosidade continuavam presentes em muitas famílias ainda na década de 1950, influenciando diretamente nas relações de namoro e casamento, indicando que Joinville possuía suas especificidades.

Assuntos como a aproximação, os lugares de encontros, o namoro, o casamento, as amizades, só podem ser pensados a partir de um leque de questões, que envolvem sentimentos, valores, etnicidade, religiosidade, influências institucionais e as construções de gênero. Os indivíduos não podem ser pensados sozinhos, suas relações refletem o meio social em que vivem, sendo que os perfis de comportamento masculino e feminino definem-se em

¹⁷ Sobre a presença dos suíços em Joinville ver: CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. Joinville: Letradágua, 2003.

¹⁸ SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. Op. cit.

¹⁹ Para fazer referência aos descendentes de imigrantes vindos da atual região da Alemanha, ao longo do trabalho serão usados os termos “descendentes de alemães” e “teuto-brasileiros”. A palavra “teuto” deriva de “teutónico”, um adjetivo relativo aos Germanos.

²⁰ _____. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: Univille, 2004, p. 26.

²¹ Sobre as tensões entre luso-brasileiros e imigrantes no decorrer do século XIX, ver: SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: Univille, 2004.

²² SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de esquecer, tempo de lembrar... memória e gênero das histórias de Joinville*. *Niterói*, v. 5, n. 1, p. 31-54, 2. sem. 2004.

função um do outro e pelo grupo social. Pensando as diferenças sociais entre os sexos, as reflexões de Joan Scott são fundamentais; em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”²³ a autora discute o conceito gênero nas relações sociais e institucionais, entendendo que as diferenças entre o masculino e o feminino, mais do que baseadas nas diferenças biológicas, são construções sociais. A autora teoriza o conceito como maneira de dar significado às relações de poder, já que esta concepção estrutura a organização da vida social, e permite compreender as relações entre os seres sociais. Esse conceito é útil para discutir as memórias e experiências dos jovens, homens e mulheres joinvilenses. São memórias e vivências construídas a partir do desempenho de papéis considerados femininos e masculinos presentes na sociedade, e nas relações de poder que circundam a própria dinâmica social, como a família, o governo, a imprensa; sendo possível compreender as relações entre rapazes e moças, bem como seus relacionamentos com suas famílias, amigos e sociedade.

O interesse pelos estudos de gênero e o uso de fontes orais, segundo Silvia Salvatici²⁴ contribuem ampliando as possibilidades de pesquisa histórica, introduzindo novos temas de investigação. Nesse sentido, as relações de gênero na juventude virão à tona a partir das lembranças, das memórias de homens e mulheres que eram jovens na década de 50.

Muitas lembranças sobre a juventude foram narradas. Cabe ao historiador a sensibilidade e o respeito ao ouvir as histórias compartilhadas. Quantas perguntas foram feitas, tanto interesse em saber como era “antigamente”. O tema trabalhado foi escolhido por tratar-se, para mim, de uma temática fascinante e de grande interesse, que partiu do desejo de conhecer mais sobre a juventude em um tempo pretérito, conhecendo os caminhos trilhados por avós e pais, repercutindo na forma pela qual fui educada. Mas paixão maior ainda é pelo momento das conversas com as pessoas idosas. Atenciosas e receptivas nos tratam como se nos ensinassem o passado, pessoas pelas quais tenho profundo respeito e admiração, que transformaram minhas tardes em belos momentos, de conversas sobre o passado e outros tantos temas importantes em suas vidas. Pensar a relação dos jovens naquele período é buscar por diversas questões que envolviam os rapazes e moças: aonde se conheciam? Quais eram os lugares de encontro? Como era o cotidiano do namoro? Quais eram as proibições? Quais os valores morais daquela década? Nesse sentido, a metodologia da história oral possibilita discussões culturais, sociais e históricas, aprofundando as temáticas por meio de conversas sobre as experiências e memórias, verificando o impacto que tiveram na vida de cada pessoa.

²³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 16, nº 2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

²⁴ SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*. v. 8, n. 1, p. 29-42, jan-jun. 2005.

A história oral constitui-se uma metodologia de extrema importância aplicada na pesquisa sobre o namoro dos anos 50, possibilitando entrevistas com pessoas que eram jovens naquele momento, que vivenciaram namoros e casamentos durante aquela década. Ecléa Bosi²⁵ discute a utilização de entrevistas e análise de memórias e recordações de velhos, pensando a memória como pessoal, mas que reflete o social, familiar e grupal na discussão do passado, caracterizando um momento único de uma vida trazido via memória, e o entendimento entre essa relação do passado articulado ao presente. E pensar namoro, relacionamento e casamento, são experiências que costumam ficar guardadas de forma especial. Assim, essas lembranças, são de elevada importância para o desenvolvimento da pesquisa que envolve esta temática, privilegiando os relatos de quem viveu nesse período ditado por regras de conduta, de preceitos de parceiro ou parceira ideais, envolvidos por uma política de modernização que impunha novos hábitos, novos consumos, novos trabalhos e relacionamentos, principalmente no caso de Joinville, uma cidade que neste momento desenvolvem-se diversas indústrias, e conseqüentemente, variada mão-de-obra.

Os “documentos” da história oral são sempre resultados de um relacionamento, um “projeto compartilhado”, onde entrevistador e entrevistado estão envolvidos. Os depoimentos orais são sistematicamente gravados, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos que envolvem uma pesquisa. Segundo Lozano²⁶, fazer história oral não é apenas realizar um relato da vida e experiência alheia, mas sim, produzir conhecimentos históricos e científicos. Problematicar as memórias de namorados em Joinville a partir da história oral significa ouvir aqueles que não foram ouvidos, pessoas comuns que detém o conhecimento, as informações que gentilmente compartilham conosco.

Considerando a história oral uma metodologia que se preocupa menos sobre os eventos, e mais com os significados, sua contribuição consiste em permitir o contato com a subjetividade do expositor, conhecer não apenas o que foi feito, mas saber a intenção do que queria fazer ou que pensa que fez, já que a memória não é um depósito de fatos, mas um processo de criação de significados²⁷. Nesse sentido, a utilização das fontes orais para o historiador não está tanto nas preservações do passado, mas nas mudanças feitas pela memória, que revelam as intenções dos narradores em buscar um sentido no passado, dando formas às suas vidas, contextualizando historicamente a narração. Pensar o namoro a partir da

²⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

²⁶ LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.) *Usos e abusos a História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 17.

²⁷ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, 1997. p. 25-39.

história oral significa problematizar que os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações, que afluem na subjetividade do ser humano, repassados através da linguagem²⁸. A história oral é uma metodologia que se relaciona essencialmente com pessoas, portanto, como discute Marcos Montysuma, é um trabalho que envolve relações entre o pesquisador e as pessoas dispostas a conceder um relato²⁹. Assim, é necessário estar atento a uma postura ética da parte do pesquisador, já que se fazem interpretações de relatos narrados, sendo importante existir cumplicidade, sinceridade e respeito na relação que o entrevistado estabelece com o entrevistado.

O testemunho oral permite a pesquisa não apenas dos aspectos materiais do passado, mas principalmente, da subjetividade do narrador, sua capacidade de ver, interpretar e perceber suas atitudes mediante eventos e desejos, possibilitando o entendimento da sua relação com a história³⁰. A memória expressada através do testemunho oral é uma leitura do passado com os interesses, disputas e questionamentos do presente. A memória é seletiva, e depende daquilo que a pessoa quer preservar, influenciada por questões políticas, jurídicas e sentimentais da atualidade. Trata-se de uma versão do passado que a pessoa possa conviver em paz na atualidade. Por tratar-se da subjetividade humana, a história oral trabalha com as representações individuais dos acontecimentos, muitas vezes trata daquilo que as pessoas acreditam que deveriam ter acontecido, não classificando as informações contadas em “verdades” ou “mentiras”. Diante de falas que aparentam ser “imaginações”, ou “afirmações falsas”, estas não devem ser encaradas como “mentiras”, mas como possibilidades de acontecimentos vistos pela pessoa. Como analisa Portelli, tais relatos não se referem à história tal qual aconteceu, mas como ela poderia ter acontecido, tratando-se não da realidade, mas da possibilidade. Segundo o autor, trata-se da uchronia, uma representação alternativa de um evento histórico que não aconteceu, contrastando o mundo desejável com o mundo existente: “as hipóteses ucrônicas permitem ao narrador ‘transcender’ a realidade como dada e recusar a se identificar e se satisfazer com a ordem existente”³¹.

É um exercício do ofício do historiador interpretar criticamente todos os documentos e narrativas. A história oral contribui com múltiplas memórias, que são fragmentadas e

²⁸ _____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 111.

²⁹ MONTYSUMA, Marcos. Um encontro com as fontes em História Oral. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XXXII, p. 117-125, jun/2006.

³⁰ PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Revista do Projeto História*, nº 10, Programa de Estudos Pós-Graduação em História, Departamento de História. PUC/SP, SP, EDUC, 1993, p. 41.

³¹ Id. Ibid. p. 50.

culturalmente mediadas, onde a interpretação está presente no ato de narrar, e ali o historiador oral lida com um mundo de possibilidades. Pode, diante de um questionamento, ouvir o silêncio, e daí saber reconhecer sua importância. Como ressalta Mercedes Vilanova, o que não foi dito pode ser o mais importante³². O silêncio pode ser resultado de traumas, como também pode ser originado nas relações de poder presentes na sociedade. É papel do historiador interpretar estes silêncios, a opção por não falar sobre um determinado assunto pressupõe acontecimentos relevantes para análise histórica. Muitas vezes, a entrevista oral exige do historiador a capacidade de dialogar com o não dito, ou mesmo as fugas de determinados assuntos. Cabe ao entrevistador a competência de *questionar* as narrativas, para perceber por que a resposta se deu daquela forma e não de outra.

Enfim, a história oral possibilita a entrada no mundo das memórias das pessoas que vivenciaram o momento no qual pretendemos estudar. Através desta metodologia, é possível adentrar na subjetividade, nas suas representações sobre as próprias experiências. Diante de uma temática tão fascinante quanto marcante e abrangente, como é o estudo da juventude nos anos 50, podemos imaginar: quantas expectativas por parte dos jovens, e quantas regras de conduta observadas pelos familiares e pela sociedade em geral. A vida dos rapazes e moças era alinhada pelos comportamentos considerados corretos: à mulher cabia o papel de boa moça, que futuramente resultaria em boa mãe, esposa e dona de casa; enquanto o homem deveria se preparar para ser o chefe da família, garantindo o sustento da mesma. Mas, os preceitos da sociedade, condiziam com a realidade e com os anseios daquela juventude? Nem sempre pais e filhos sonhavam com o mesmo namorado(a) ideal, nem sempre a juventude pensava, sentia e agia conforme as regras da sociedade; nada melhor do que ouvir o que os protagonistas destas histórias, 50 anos depois, têm a dizer.

É interessante discutir as temáticas como juventude, namoro, diversões, visando conhecer uma região num dado momento. É possível conhecer sobre uma cidade e sua sociedade a partir das relações e das identidades ou dos papéis sociais entre homens e mulheres, quando o assunto é relacionamento, como namoro e casamento, moradores da mesma cidade, porém com práticas e condutas próprias, conforme sua cultura e costumes. Segundo Manoel Castells³³, enquanto identidades organizam significados (identificação simbólica por parte de alguém), os papéis sociais organizam funções. Conforme o autor, identidade pode ser entendida como fonte de significado e experiência de um povo, e em

³² VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. In: MORAES, Marieta (org.) *História Oral*. Diadorim: Rio de Janeiro, 1994. p. 51.

³³ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

relação aos atores sociais como o processo de construção de significado com base em atributos culturais. Assim, para um determinado indivíduo pode existir múltiplas identidades, porém essa pluralidade pode representar tensão e contradição na auto-representação e na ação social. A importância do conceito de “identidades” está no fato de constituir fontes de significado para os próprios atores sociais, sendo por eles criadas por meio de um processo de individualização. É importante ressaltar que as identidades também são formadas a partir da influência de instituições dominantes, porém só assumem tal condição quando os indivíduos as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. Segundo Castells “identidades são fontes mais importantes de significados do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem”³⁴.

As relações entre homens e mulheres variam conforme a região em que se estabelecem, assim, variados fatores contribuem para que os namoros tenham características próprias conforme a localização dos jovens. Fatores como: etnicidade, religião, situação financeira, interferência familiar, colaboram para o desenrolar de diferentes situações envolvendo os apaixonados, estabelecendo certos tipos de conduta para situações como idade, parceiro ideal, miscigenação.

Com base nas entrevistas, percebe-se que Joinville na primeira metade do século XX caracteriza-se como um momento de afirmação do modo de vida burguês, apoiado pelos projetos de modernidade, que com a privatização, moldou novas formas de convivência, fazendo da família um lugar de refúgio. Nesse momento, é possível perceber na cidade de Joinville, principalmente nas camadas médias e média-baixas um processo de introdução da noção de juventude, pautada na norma familiar burguesa. Segundo Silvia Arend³⁵, durante o século XX, influenciada pela teoria da modernização, a família brasileira passou dos padrões de “família patriarcal” para “família nuclear burguesa”. A partir das pressões da industrialização, a família foi reduzida, atingindo a forma nuclear, sendo que as famílias dos grupos sociais que não se enquadraram nesse processo foram considerados desviantes ou desestruturados³⁶.

Características como a constituição de uma sociedade da disciplina, do trabalho, do casamento, da privacidade, do amor romântico, a própria escolha dos pares fazem parte de um conjunto de regras que podem ser denominadas como “norma familiar burguesa”, baseada no modelo de família nuclear, composta por pai, mãe e filhos. Nesse momento é concomitante a

³⁴ Id. Ibid. p.23.

³⁵ AREND, Sílvia Maria Fávero. *Amasiar ou Casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

³⁶ Id. Ibid. p. 50.

introdução da noção de infância, uma norma burguesa que “determina” entre outras coisas, que a criança deveria frequentar a escola ao invés de trabalhar.

Pode-se compreender por “família nuclear burguesa” segundo D’Incao³⁷:

Por família burguesa estamos entendendo aquela que nasceu com a burguesia e vai em seguida, com o tempo, caracterizar-se por um certo conjunto de valores, que são o amor entre os cônjuges, a maternidade, o cultivo da mãe como um ser especial e do pai como um ser responsável pelo bem estar e educação dos filhos, a presença do amor pelas crianças e a compreensão delas como seres em formação e necessitados, nas suas dificuldades de crescimento, de amor e compreensão dos pais. Seria ainda próprio dessa situação o distanciamento cada vez maior da família em relação à sociedade circundante, circunscrevendo-se, dessa maneira, uma área doméstica privada em oposição à área pública; esta última é sentida pela família como sendo cada vez mais hostil e estranha, e não digna de confiança. Nessa situação deveria prevalecer, aos poucos, o cultivo da escolha amorosa do cônjuge, com isso não restando mais lugar para o tipo de casamento por aliança política e econômica, característico dos tempos patriarcais, aristocráticos e/ou tradicionais.

Um conjunto de fatores de ordem econômica, cultural e política, também influenciados pelas normas médicas foram responsáveis pela transformação nas configurações das famílias da elite e de camadas médias, no entanto, não sendo, segundo Silvia Arend, um processo linear³⁸. Esses valores burgueses estão sendo introduzidos na sociedade joinvilense neste momento, na metade do século XX, já que muitas vezes esses valores se misturam ou esbarram em práticas que denotam outros arranjos de família, onde a escolha do par ainda era quase que determinada pelos pais, como é possível perceber através das entrevistas orais. Esses valores vão sendo inseridos na sociedade joinvilense de diversas formas: além das instituições escolares e religiosas, foram difundidos através da imprensa, jornais, revistas, livros, propagandas, cinema e rádio³⁹, e pela própria vivência em sociedade, no contato com as pessoas que passam a seguir estes preceitos, já que estas regras já estão na sociedade, homens e mulheres se casavam, tinham filhos, constituíam a família naqueles moldes. Assim, novas subjetividades vão sendo formadas na sociedade, moldando experiências e relacionamentos entre pessoas privadas, mas que também se expõe ao público. A subjetividade do indivíduo liga-se às novas regras ditadas pela sociedade, que tinha na imprensa sua maior aliada, reestruturando a intimidade, a casa, os códigos de civilidade e os sentimentos. Este período ditado por modos de conduta e comportamento, através de pressões sociais, disciplinou e modelou o homem moderno.

³⁷ D’INCAO, 1989 apud AREND, 2001, p. 50.

³⁸ AREND, Silvia. Op. cit. p. 51

³⁹ Em Joinville na década de 50, circulavam os jornais “Jornal de Joinville” e “A Notícia”, a revista “Vida Nova”, e outras vindas dos grandes centros, rapazes e moças liam livros diversos, frequentavam os cinemas “Cine Palácio”, “Cine Rex” e “Cine Colon” e ouviam a “Rádio Difusora”, uma rádio local que contava inclusive com espaço para assistirem ao vivo a transmissão dos programas de auditório.

Os diferentes papéis sexuais e a função da família podem ser percebidos pela instrução pública: à mulher era designado o espaço da casa, guardião do lar e responsável pelos filhos, aprendendo trabalhos manuais; ao homem destinava-se o espaço público, assim, o Estado autoritário impôs-se como novo, reformador e harmonizante. Nas cidades brasileiras eram nítidas as distinções entre os papéis considerados femininos e masculinos, prevalecendo uma “moral sexual” diferenciada para homens e mulheres. A atividade profissional feminina aos poucos emergia, porém cercada de preconceito, vista como complementar ao trabalho do homem, considerado o “chefe da casa”. Cabia à mulher a proteção da honra, sua e da família, sendo o alicerce do lar, responsável pela casa, pela saúde e educação dos filhos. Ser mãe e cuidar do lar deveria ser os objetivos das mulheres.

Segundo Margareth Rago⁴⁰, o modelo de família burguesa procurava impor hábitos moralizados, ao contrário das práticas populares julgadas promíscuas, com o objetivo de disciplinar o trabalhador para a vida da fábrica. A partir de 1930, a valorização do trabalho objetivou a construção de um novo Brasil, comparando a fábrica com uma “grande família”. Assim, era interessante para o Estado possuir trabalhadores saudáveis, disciplinados, com filhos educados e civilizados, futuros trabalhadores. Nesse sentido, a mulher era a guardiã do lar e transmissora da moral e dos bons costumes⁴¹. A cidade de Joinville, com características predominantemente industriais, ao longo dos anos de 1930 e 1940 já era considerada o maior centro industrial catarinense, com um setor econômico diversificado⁴². Sendo grande parte da população operária, implementar ou ascender à estas normas burguesas representava status e prestígio. Nesse momento a ascensão social não se conquistava apenas pelo sucesso financeiro, mas por outras vias, que incluem posturas e comportamentos considerados disciplinados, que camadas muito pobres dificilmente alcançariam. Nesse sentido, ex-camponeses que migraram para a cidade, bem como os operários estão muitas vezes deixando a pobreza, inseridos em um processo de mobilidade social que se concretiza não apenas em função do salário, mas por outros mecanismos, que são essas condutas e valores, no qual a família acaba sendo fundamental. Assim, seguir certas regras de conduta, como ser trabalhador, disciplinado, ter ou ser uma mulher que fosse excelente mãe, esposa e dona-de-casa, era um quesito para ascender socialmente, e essas mesmas questões alimentavam as ações dos jovens nas suas práticas e escolhas.

⁴⁰ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁴¹ Id. *Ibid.*

⁴² COSTA, Iara Andrade. A cidade da ordem: Joinville – 1917 – 1943. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) *Histórias de (I)Migrantes: o cotidiano de uma cidade*. 2ª ed. Joinville: Univille, 2005. p. 108.

Analisando a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia Blumenau, Cristina Scheibe Wolff afirma que o ideal de mulher “boa dona de casa”, decorre de um modo de vida trazido da Europa, associado aos valores morais e religiosos dos imigrantes. Portanto, a conduta prevista para as jovens catarinenses descendentes de imigrantes europeus aliava-se a um pensamento familiar, repassado de mãe para filha. A menina deveria aprender os afazeres e cuidados domésticos, juntamente com a educação escolar e religiosa, mas o espaço era principalmente o lar. Para as mulheres prevaleciam as prendas domésticas, enquanto para os homens, além do trabalho na lavoura, havia o aprendizado no artesanato, comércio ou indústria, ou ainda, os negócios da família⁴³. Colonizada por imigrantes provenientes das mesmas regiões européias, os mesmos preceitos valem para Joinville, porém os modelos idealizados que se esperavam das mulheres, e que permanecem ao longo de muitos anos do século XX, tais como boa esposa, mãe e dona de casa, nem sempre foram seguidos no cotidiano das mulheres em Joinville, como discute Janine Gomes da Silva, em seu trabalho sobre as mulheres joinvilenses⁴⁴.

Além de aprender em casa e na escola os ideais e tarefas da mulher “mãe-esposadona-de-casa”, os jornais, livros e revistas serviam para fixar bem a lição, as elites encontravam nos jornais uma forma de expandir suas aspirações de ascensão social, impondo modelos idealizados para os sujeitos, esse meio ultrapassa a virada do século, estando também presente nas décadas do século XX. Assim, a mulher, o amor e a maternidade eram enfocados em tom romântico, exprimindo uma idealização de papel social da mulher como mãe. Os jornais então eram formadores de opinião pública, servindo de instrumento pedagógico, divulgador de “civildade” e “moralidade”. Convém ressaltar que eram os homens os redatores, prescrevendo modelos idealizados para as mulheres, que deveriam se restringir aos papéis familiares. Os jornais traziam imagens idealizadas de mulheres – modelos para serem assumidos ou evitados – tornando-se um instrumento normatizador de conduta.

Todas as imagens e idealizações citadas nos jornais, livros e revistas, que evidenciavam a “mulher ideal”, não estavam apenas nas cabeças dos homens, mas eram de concordância das mulheres – pois assim e para isso eram construídas. As variadas revistas femininas limitavam-se a assuntos como moda, beleza, decoração, crianças, fazendo referência e definindo o espaço doméstico como o apropriado para as mulheres.

⁴³ WOLFF, Cristina Scheibe. Como se forma uma “boa dona de casa”: a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia Blumenau (1850-1900). In: MORGA, Antônio (org). *História das mulheres de Santa Catarina*. Chapecó: Argos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

⁴⁴ SILVA, Janine Gomes. *Tensões, trabalhos e sociabilidades*. Op. cit. p. 21.

Diante das imagens idealizadas que circulavam pela sociedade, através dos jornais, revistas, livros, ou mesmo pela tradição oral, pela educação recebida na família, os jovens viam-se inseridos numa sociedade que ditava regras e modelos de um parceiro ideal. As imagens de moça digna e do rapaz de bom partido povoavam a imaginação dos jovens, em busca do seu par.

Estudos apontam que durante a década de 50, nas cidades brasileiras, as características da parceira ideal estavam relacionadas ao desejo de um lar tranquilo, onde a mulher desempenhasse as funções de esposa, mãe e dona de casa, ajudando o marido e evitando despesas⁴⁵. Sem dúvida a mulher ideal deveria ser “moça de família”, caracterizando-se por aquela jovem que se comportava corretamente, para não ficar mal falada: “Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes”⁴⁶. Estes estudos demonstram a representação do modelo ideal nas revistas e livros, e são importantes para pensar a cidade de Joinville, percebendo através das entrevistas orais, se na prática estas características estão presentes nas memórias daqueles que buscavam pelo seu par.

Nas áreas não urbanas de Santa Catarina, as prioridades para a boa esposa eram outras: saber cozinhar, lavar roupa, costurar, bordar, tricotar, saber fazer pão e cerveja, matar animais, cuidar da horta, ajudar o marido, e cuidar da educação dos filhos⁴⁷. Ellen Woortmann⁴⁸ em um estudo sobre as famílias camponesas teuto-brasileiras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX, aponta aspectos que muito diferem do meio urbano: a boa esposa além das virtudes morais deveria ser boa “parideira” e ter capacidade física para a reprodução social e biológica da família. Apesar de ser subordinada ao marido, deveria gerar recursos para suas atividades e despesas da casa, ter diligência no trabalho e higiene, critérios como beleza, inteligência e elegância eram secundários ou irrelevantes.

Nas colônias agrícolas habitadas por descendentes alemães, o casamento não era visto apenas como maneira de reprodução social. O objetivo maior do enlace seria a preservação do patrimônio representado pela terra, e essa questão norteava a escolha dos namorados. Como afirma Ellen Woortmann, os indivíduos até poderiam pensar que se casariam com quem gostassem, porém escolhem o casamento que melhor reproduz o grupo. Um fator de suma

⁴⁵ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994. BASSANEZI, C. op. cit.

⁴⁶ BASSANEZI, C. op. cit. p. 610.

⁴⁷ WOLFF, C. S. op. cit. p. 161.

⁴⁸ WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Ednub, 1995. p. 143.

importância para a escolha do parceiro, e extremamente valorizado e vigiado pela família, estava na questão da etnicidade; casar-se com pessoas de mesma “origem étnica”, geralmente era um critério valoroso, seja pela manutenção dos costumes, por preconceito, ou pelas situações impostas pelo período, como a Primeira e Segunda Guerras Mundiais ou a Campanha de Nacionalização praticada pelo governo Vargas.

Entendemos por definição de etnicidade a concepção formulada por Conzen e Vecoli⁴⁹, com base na teoria proposta inicialmente por Werner Sollors quando argumenta sobre a “invenção da etnicidade”. Pesquisas recentes têm entendido a etnicidade como uma forma de coletividade humana, estudando os processos de mudanças culturais e sociais, onde os imigrantes deixam de ser estrangeiros, mas não são totalmente assimilados na sociedade anfitriã. Segundo os autores citados, a etnicidade não pode ser entendida como primordial, imutável, inerente a um grupo sanguíneo, e sim uma construção cultural realizada sobre um tempo histórico. Este conceito pode ser compreendido como “um processo de construção ou invenção que incorpora, adapta e amplia as solidariedades comunais, atributos culturais e memórias históricas preexistentes. Ou seja, ela é fundamentada no contexto da vida real e na experiência social”⁵⁰. A etnicidade está sendo continuamente inventada, como resposta às realidades vivenciadas dentro do próprio grupo, como na sociedade anfitriã. Nesse sentido, as fronteiras dos grupos étnicos são repetidamente negociadas, forjando símbolos significativos da etnicidade, que precisam ser repetidamente interpretados. Segundo os autores, o conceito de “invenção” permite compreender a etnicidade em um meio de aparecimento, metamorfose e desaparecimento. O conceito permite ainda o entendimento de uma ativa participação dos imigrantes na definição de suas identidades e solidariedades de grupo: “A renegociação destas ‘tradições’ pelo grupo imigrante presume uma percepção coletiva e atitudes decisivas nas execuções, como oposto ao modelo de assimilação”⁵¹. Ao inventar sua etnicidade é possível ao grupo determinar os termos, modos e resultados da sua adaptação aos “outros”. Este conceito prevê um processo dinâmico de etnicização, permeado por múltiplas relações, entre as várias etnias, e resulta em mudanças em várias direções.

Sobre miscigenação, Emílio Willems afirma: “(...) as diferenças culturais verificadas podem distanciar mais ainda os grupos em contato, pois estes percebem que a miscigenação lhes desorganizaria o setor mais resguardado da sua cultura”⁵², o autor observa que

⁴⁹ CONZEN, Kathleen Nehls et al. Forum – The Invention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A. In: *Journal of American History*. Fall 1992.

⁵⁰ Id. Ibid. p. 02.

⁵¹ Id. Ibid.

⁵² WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1980, p. 323.

difícilmente um descendente alemão procurava um cônjuge nativo, sob o risco de “assimilação” do indivíduo e de sua prole. O autor também observa que os casamentos inter-étnicos eram raros devido ao isolamento das colônias alemãs, quase sempre estabelecidas em áreas desabitadas. Outro fator contrário à miscigenação, na visão do autor, é a diferença de “classe” social; já que a população teuto-brasileira colocava-se como “classe média” na pirâmide social brasileira, enquanto a população “cabocla” constituía os estratos inferiores, sendo desprezados. Assim, os casamentos deveriam ser realizados entre pessoas de mesma situação financeira. Posteriormente a industrialização seria uma aliada na miscigenação, segundo Willems, o trabalho fabril aproximava economicamente operários de origens étnicas diversas, além de convivência mais próxima. Percebeu-se que os estereótipos representam um dos maiores obstáculos ao casamento entre etnias distintas, principalmente quanto aos lusos, vistos como racialmente inferiores, avessos ao trabalho, doentes, preguiçosos, no qual as mulheres não eram boas donas-de-casa. Com o passar dos anos as taxas de miscibilidade ascenderam, tornando-se freqüente o casamento entre pessoas de origem étnica distintas, sem diferença quanto ao tipo de atividade dos grupos, se ligados à agricultura ou industriais. Dados apontam que em Joinville, na década de 1940, os casamentos de agricultores teutos tenderam para o tipo misto, enquanto que entre os operários, os matrimônios etnicamente homogêneos foram mais freqüentes⁵³. Interessante analisar este aspecto de casamentos inter-étnicos, já que até a década de 1930, havia nítida separação étnica da população joinvilense, além de clubes específicos para “brasileiros” e “alemães”, uma linha imaginária dividia a cidade: no sul moravam os brasileiros, falando português, e ao norte os alemães, que corriqueiramente usavam o idioma alemão⁵⁴. É importante pensar a questão da miscigenação em Joinville, uma cidade que historicamente demonstra conflitos e preconceitos entre pessoas consideradas “alemãs” ou “brasileiras”. Se o convívio não era pacífico, mais conflituoso ainda seria o relacionamento amoroso entre pessoas pertencentes a grupos étnicos diferentes.

Tão importante e tumultuoso como a identidade étnica estava a conformidade religiosa, fator que muitas vezes determinava, unia ou anulava a escolha do par. Nas comunidades do Oeste catarinense, a crença religiosa era um fator importante, já que a religião constituiu-se, por parte dos imigrantes italianos e descendentes, como um fator de integração cultural e reconstrução do mundo cultural, já que ao redor da capela se dava sua vida social, afirmando

⁵³ Id. Ibid.

⁵⁴ SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...* as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Op. cit. p. 225.

sua identificação étnica⁵⁵. Se a Igreja estava associada à identidade dos ítálos e teuto-brasileiros, conseqüentemente era um aspecto importante a se observar nos moços e moças a se casar, preocupando-se com a continuidade de costumes e valores, a serem ensinados aos filhos do casal.

A valorização da igualdade religiosa estava presente em outras regiões, principalmente aquelas que receberam imigrantes italianos e alemães. Assim, casamentos entre católicos e protestantes eram vistos com reprovação em São Bonifácio, comunidade do interior de Santa Catarina habitada por descendentes de alemães⁵⁶. Da mesma forma em Blumenau: católicos e protestantes conviviam pacificamente, mas evitavam casamentos. Convém destacar os diferentes valores praticados por estas duas religiões: a religião luterana possuía forte cunho germanista, valorizando a língua alemã, e associando o luterano ao germanismo; já o catolicismo valorizava em primeiro plano a religião, possibilitando inclusive casamentos entre alemães, brasileiros e italianos⁵⁷. Pouco foi encontrado sobre as relações inter-religiosas nas localidades urbanas, a não ser que causavam muito falatório entre a vizinhança, ou seja, da mesma forma que as localidades agrícolas, ou mesmo diante do exposto sobre diferenças étnicas, casamentos entre religiões diferentes deveriam ser evitados. Em Joinville as tensões étnico religiosas sofreram alterações após a campanha de nacionalização, mas convém ressaltar a importância destes princípios, que para muitas famílias permaneciam como balizas entre o desejado e o indesejado, visualizado através das distintas regiões, habitadas por teutos protestantes, teutos católicos e lusos católicos⁵⁸.

Observados todos os critérios de escolha dos pares, percebe-se que eram muitas as expectativas familiares, valores e anseios que permeavam a cabeça dos jovens. O envolvimento com outra pessoa requeria bastante reflexão e análise de todos aqueles critérios já expostos, principalmente no caso das mulheres, pois o ideal seria que não tivessem se relacionado com vários namorados, sob o risco de ficarem mal faladas, e com fama de namoradeiras⁵⁹.

O namoro geralmente se iniciava com o olhar, trocados à distância. Se o flerte fosse constante, então o rapaz tentava uma aproximação, tecendo elogios à moça; usava-se amigos como intermediários. Os maiores contatos entre rapazes e moças dava-se nos bailes, geralmente contando com a presença de familiares zelando pela reputação das garotas. As

⁵⁵ Id. Ibid. p. 38.

⁵⁶ WILLEMS, E. op. cit. p. 317.

⁵⁷ WOLFF, C. S. op. cit. p. 176.

⁵⁸ SILVA, Janine Gomes. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Op. cit. p. 125.

⁵⁹ BASSANEZI, C. op. cit. p. 612.

“moças de família” de preferência não bebiam, não tinham conversas picantes e abraços e beijos deveriam ser evitados, impondo respeito⁶⁰. Assim como em outras cidades brasileiras, capitais ou interioranas⁶¹, nas memórias dos joinvilenses está presente o “*footing*”, lembrado como espaço importante para a sociabilidade dos jovens: bem arrumados, os jovens caminhavam e paravam, de um lado ao outro, e um cumprimento podia iniciar o namoro, e se piscasse, o namoro já era uma realidade. Para o “*footing*”, certos horários eram reservados, no sábado à tardinha e nos domingos à noite, na praça mais movimentada da cidade⁶².

Diante de tantas “regras” a serem seguidas para a escolha do parceiro (a), era necessário estar atento à idade “certa” para se casar: em Itajaí, era esperado que as moças se casassem aos 20 anos, no máximo 22. Se depois do noivado houvesse separação, a moça sofreria muito preconceito da sociedade, que duvidaria da sua pureza; para esta seria mais difícil encontrar outro namorado. Para os rapazes, a idade para casamento estava entre 20 a 26 anos. Para as mulheres era esperado que se casassem mais cedo, certamente para assegurar a virgindade e a honra da família, enquanto aos homens era “permitido” se casar mais tarde para concluir os estudos e conquistar boa condição financeira⁶³.

Nas colônias de descendentes de alemães as idades para casamento indicam 23 ou 24 anos para os homens e 20 a 21 anos para as mulheres⁶⁴. Havia na região o discurso de que casar mais tarde seria melhor, permitindo mais tempo para a estruturação econômica do casal, porém, com este discurso procurava-se retardar a perda da contribuição dos filhos e filhas para a produção familiar. Ainda sobre a idade para o casamento, devia-se levar em conta a seqüência dos filhos, no qual os mais velhos devem se casar primeiro, principalmente no caso das filhas, para que a mais velha não fosse definida como solteirona, pois isso poderia levantar dúvidas sobre sua aptidão à condição de esposa, “reduzindo” seu valor no mercado matrimonial⁶⁵.

As mulheres que por alguma razão não se casavam eram rotuladas “solteironas”. Nas cidades do interior, as moças que atingiram a idade do casamento sem terem encontrado um cônjuge muitas vezes iam trabalhar como empregadas em Florianópolis, fugindo daquela situação desagradável. Estas mulheres dificilmente iniciavam um namoro na cidade, retornando depois de anos à propriedade paterna, vivendo em condições modestas, plantando

⁶⁰ Id. Ibid. p. 103.

⁶¹ FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido* (a construção das elites – Itajaí, 1929-1960). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.p. 102-103.

⁶² BÜST, Ingo. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande em 27/03/2007.

⁶³ FÁVERI, M. op. cit. p. 95-96.

⁶⁴ WILLEMS, E. op. cit. p. 308.

⁶⁵ WOORTMANN, E. op. cit. p. 162.

por conta própria para pagar suas despesas⁶⁶. O preconceito em relação a estas mulheres ultrapassava os limites da sua comunidade, e se fugiam dos falatórios, na capital encontrariam o mesmo preconceito, já que as solteironas eram ridicularizadas nos jornais⁶⁷. Como o destino “natural” das moças era o casamento, ficar solteira era um castigo, representava a negação da maternidade. Em uma sociedade que idealizava para toda mulher uma vida composta de casamento, lar e filhos, a “solteirona” enfrentava diversos preconceitos.

Enfim, podemos imaginar: quantas expectativas por parte dos jovens, e quantas regras de conduta observadas pelos familiares e pela sociedade em geral. A vida dos rapazes e moças era alinhada pelos comportamentos considerados corretos: à mulher cabia o papel de boa moça, que futuramente resultaria em boa mãe, esposa e dona de casa; enquanto o homem deveria se preparar para ser o chefe da família, garantindo o sustento da mesma. A estes preceitos de homem e mulher ideal somavam-se o caráter da família ao qual pertenciam, e junto dela, questões como etnicidade e religiosidade. Nem sempre pais e filhos sonhavam com o mesmo namorado(a) ideal; provavelmente algumas moças gostassem mais de rapazes bonitos, que dançassem, carinhosos ou atrevidos, não correspondendo às expectativas dos pais. Porém, o principal critério do bom partido era consensual: “ser honesto e trabalhador, capaz de manter a família com conforto, pois acreditava-se que ‘só o amor não é tudo, quando a fome bate na porta da rua o amor pula pela janela’”⁶⁸.

O trabalho com história oral constitui parte fundamental nesta dissertação, através da qual discutimos as memórias acerca da década de 1950, pensando os códigos de conduta seguidos, os padrões de comportamento daqueles jovens que sofriam as influências da valorização de uma dada modernização, e de um certo desenvolvimento praticado naquele momento pelo país.

Realizamos entrevistas com quatro homens e oito mulheres que eram jovens na década de 1950, e que tiveram um relacionamento de namoro que levou ao casamento, por sua vez interrompido apenas pelo falecimento do cônjuge. Suas idades variavam em 2007 entre 70 a 90 anos. A maioria dos entrevistados morava e/ou trabalhava em bairros próximos ao centro da cidade de Joinville, exercendo as funções de operários, e duas mulheres vieram de regiões rurais para trabalharem como domésticas. Alguns dos entrevistados são casados, e com exceção de uma senhora que seu marido estava trabalhando, os demais casais foram

⁶⁶ WILLEMS, E. op. cit. p. 314.

⁶⁷ PEDRO, J. op. cit. p. 55.

⁶⁸ BASSANEZI, C. op. cit. p. 618.

entrevistados juntos, homem e mulher⁶⁹. Três mulheres são viúvas; nos anexos é possível saber mais sobre cada entrevistado, onde acrescentamos algumas informações a respeito de cada um deles. Cheguei até eles principalmente por intermédio de amigos, já que os entrevistados eram seus pais, avós, sogros. Outros eram conhecidos de pesquisas realizadas durante a graduação. Com todos foi feito um contato prévio por telefone, explicando os objetivos da entrevista, e nos dias marcados foram realizadas as entrevistas, que foram gravadas, nas casas dos entrevistados. No texto, optei por incluir o máximo possível de entrevistas⁷⁰, expressando conteúdos das falas das pessoas, com a intenção de retransmitir aos leitores nuances, aspectos e particularidades das experiências compartilhadas, já que, segundo Latif Antonia Cassab, as palavras proferidas pelos entrevistados permitem ao leitor confrontar as interpretações formuladas pelo sujeito e pelo pesquisador, ou ainda, “(...) emitir seu próprio parecer sobre a matéria”⁷¹. E ainda, escolhi transcrever as narrativas da forma como foram proferidas, sem correções gramaticais, já que para a história oral a forma de expressão ajuda a conhecer o depoente. A linguagem deve ser compreendida como constituinte do sujeito, é uma prática social; suas palavras e formas de expressão ajudam a compreendê-lo⁷².

Abordar as dimensões do cotidiano, do lazer, das amizades e dos namoros significa sondar as experiências lembradas e os esquecimentos, de pessoas de diferentes situações sociais, que nas suas múltiplas significações podem contar sobre a cidade, sobre os papéis considerados femininos e masculinos, sobre a idealização do parceiro ou parceira ideal, e outras conversas. Este trabalho aborda diferentes histórias e maneiras de lembrar e falar, daqueles que testemunharam e vivenciaram aquele momento histórico, já que a história oral possibilita aprofundar conhecimentos sobre culturas, estruturas sociais e processos históricos, através de conversas que abordam as experiências vividas e o impacto que as mesmas tiveram na vida de cada pessoa.

Pesquisar a relação dos jovens naquele período é buscar por diversas questões que envolviam os rapazes e moças: aonde se conheciam, quais eram os lugares de encontro, como era o cotidiano do namoro, quais as proibições e os comportamentos, ou seja, quais os valores

⁶⁹ As entrevistas foram realizadas com a presença da mulher e do homem por solicitação dos entrevistados. Os casais moram sozinhos e passam as tardes na companhia um do outro, por isso, pediram para que ambos estivessem presentes durante a conversa. Sabe-se que se as perguntas tivessem sido feitas individualmente, as respostas poderiam ser diferentes, devido a ausência do parceiro ou da parceira. Porém em respeito ao desejo destas pessoas, a conversa deu-se com esposa e marido juntos.

⁷⁰ Para a inserção das entrevistas no texto, utilizei as recomendações da ABNT para citação literal: até quatro linhas entre “aspas”, no corpo do texto; acima de quatro linhas, espaçamento 1,0 cm, tamanho de letra 10, recuo da 4,0 com da margem lateral esquerda.

⁷¹ CASSAB, Latif Antonia. *Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral*. Biblos, Rio Grande, n. 16, p. 7-24, 2004, p. 18.

⁷² RIOS, Kênia Sousa. *História oral: que história é essa? Cadernos do CEOM*, a. 14, n. 12, Chapecó, jun/00.

morais daquela década. A construção do conteúdo histórico nos remete à memória, que tem o status de conservação de informações, e constitui a base para o presente⁷³.

O primeiro capítulo da pesquisa discute a juventude e o cotidiano dos jovens joinvilenses a partir das memórias dos entrevistados. Nesse sentido, aparecem como temas recorrentes o trabalho, evidenciando diferenças de gênero em relação à carreira profissional; e as diversões, como os cinemas, os bailes, os “ensaios de dança” e os passeios na praça.

No segundo capítulo são discutidas as memórias acerca do ideal de parceiro ou parceira a partir do perfil e atitudes dos rapazes e moças. Além das atitudes, as características étnicas e religiosas do parceiro ou parceira deveriam ser analisadas. Esse momento do estudo conta ainda com as memórias do cotidiano dos jovens comprometidos, ou seja, dos casais de namorados. Verifica-se então, diferentes realidades em relação à postura familiar, às “liberdades” dos casais e a rotina do relacionamento. Serão também abordados os discursos acerca dos papéis femininos e masculinos veiculados pela imprensa, tais como os jornais e revistas que circulavam naquele momento. O discurso jornalístico, localizado na encruzilhada estado, política e poder, e passível de manipulações baseadas nos múltiplos interesses que circundam o trio que o cerca, reflete o contexto em que foram criados⁷⁴. A imprensa, entendida como um espaço de representação do real, é fruto de práticas sociais de uma época, e segundo Maria Helena Capelato, constitui vasto material para a pesquisa da vida cotidiana⁷⁵. A imprensa influencia os comportamentos de uma sociedade, caracterizando-se como um instrumento de manipulação de interesses, intervindo na vida social da população⁷⁶. Sendo assim, as elites encontravam nos jornais uma forma de expandir suas aspirações de ascensão social, impondo modelos idealizados para os sujeitos, indicando posturas ideais a homens e mulheres. Em Joinville, além do *Jornal de Joinville* (04/1931 a 08/1955), circulava o jornal *A Notícia* (1946 a 1955), publicando notícias, anúncios e artigos, refletindo a mentalidade do momento. A revista “Vida Nova” trazia entre suas reportagens políticas: propagandas, notícias da “sociedade”, aconselhamentos, entre outras seções destinadas a homens e mulheres, constituindo discursos sobre os papéis considerados femininos e masculinos.

No terceiro momento da pesquisa são discutidas as memórias referentes às intimidades dos casais, desde o pegar das mãos, passando pelo beijo, até o relacionamento sexual. Discute-se ainda sobre a gravidez, e a falta de diálogo e instruções por parte dos pais. Nesse

⁷³ GOFF, Jacques le. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

⁷⁴ SOSA, Derocina Alves Campos. Imprensa e História. *Biblos*, Rio Grande, n. 19, p. 109-125, 2006, p. 110.

⁷⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994, p. 20-34.

⁷⁶ Id. *Ibid.* p. 21.

momento acompanha-se a trajetória do casal, passando pela fase do noivado, até a realização do casamento.

CAPÍTULO 1

SER JOVEM EM JOINVILLE: O COTIDIANO DO JOVEM JOINVILENSE

1.1 – MEMÓRIAS DE RESPONSABILIDADE: O TRABALHO

“Ah, nós trabalhávamos no sítio, daí não tinha mais nossas vacas, que nós tínhamos morreram tudo, e daí meu pai disse que eu podia ir pra Joinville, pra ganhar meu pão sozinha”¹.

Ao rememorar suas juventudes em Joinville, senhores e senhoras, sem exceção, relataram suas ocupações. Os jovens geralmente ingressavam na dura responsabilidade do emprego bem novos, com idades que permeiam 8 anos de idade, mas principalmente 14 e 15 anos. Assim como o relatado por dona Gerda, que morava no distrito de Pirabeiraba², o principal motivo para começar a trabalhar consistia em auxiliar a família, mas principalmente, deixar de ser um custo para os pais, e passar a caminhar com as próprias pernas, garantindo seu próprio sustento.

Dona Gerda saiu da casa dos pais aos 17 anos, dirigindo-se para Joinville para trabalhar de doméstica³ na casa de familiares. Após permanecer seis anos trabalhando na mesma casa, passou a trabalhar com compra, venda e conserto de guarda-chuvas, no empreendimento da irmã mais velha, casada e estabelecida há mais tempo em Joinville.

Em semelhante caso, dona Irene⁴ deixou a casa dos pais, no interior da cidade, para aventurar-se numa realidade totalmente desconhecida. Aos 15 anos transfere-se para Joinville trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família desconhecida, com a qual

¹ Gerda Bublitz, 79 anos, casada, mãe de um filho, mora em Joinville no bairro Atiradores. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 20/03/2007.

² Pirabeiraba localiza-se a 20 quilômetros, é considerada um Distrito da cidade de Joinville.

³ Nesse momento histórico a atividade de empregada doméstica já se caracteriza como um trabalho assalariado. Esta saída da casa dos pais é característica dos descendentes de alemães, sendo que em décadas anteriores as meninas saíam do interior para serem socializadas em outras casas, não havendo pagamento de salários e não sendo ainda nomeadas “empregadas domésticas”. No corte geracional da juventude, sair de casa fazia parte da socialização, uma característica herdada dos anglo-saxões. Sobre o assunto ver: AREND, Silvia Maria Fávero. Filhos de criação: uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Irene Eggert. 72 anos, viúva, mãe de 4 filhos, mora em Joinville no bairro Bom Retiro. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 14/03/2007.

passou a morar. Dona Irene frisou a existência de poucos pertences pessoais “(...) uma sacolinha, isso era a minha mudança”. Dona Irene rememora a vinda para Joinville associada a falta de perspectivas no trabalho agrícola junto aos pais: “Fazer o que né, em casa também não dava para esperar nada, uma renca de filhos, 14 filhos, e eu era bem dizer, a terceira, quase a mais velha”⁵. Seu relato demonstra a responsabilidade sentida em ser um dos filhos mais velhos, assim, era sua obrigação sustentar-se sozinha, e deixar a assistência dos pais para os mais novos.

Ao contrário das lembranças de dificuldades vividas na casa dos pais, dona Irene demonstra através de seu relato a saudade, mas também sua satisfação no trabalho de doméstica: “(...) havia a Frau Knüss, ela precisava muito de uma menina, então, não sei como é que foi, mas eu fui. Fui trabalhar lá né, mas quase não agüentei de saudades, porque em casa era uma miséria, uma pobreza, e eles eram muito bons comigo”⁶. Dona Irene já não lembra exatamente como foi o caminho para o primeiro trabalho, na casa de uma cabeleireira, mãe de dois filhos e grávida do terceiro, e se as lembranças que ficam ao longo do tempo são as que mais marcaram sua vida, como o trabalho com fatura encontrada na casa da patroa, diferente da sua realidade: “Em casa não tinha esse negócio de bolachinha e eles compravam bolachinha ‘Maria’ de quilos e tudo, maçã eles davam, isso tudo não tinha em casa né, sobremesa e mesa sempre farta, tudo sempre do bom e do melhor”⁷. É possível perceber a riqueza de detalhes narrados por dona Irene sobre sua trajetória, e ao fazer isso, o depoente contribui para a construção da sua própria identidade. Ao narrar suas experiências e emitir opiniões, o entrevistado se torna sujeito dos próprios atos, percebendo seu papel na sociedade a qual pertence⁸.

Apesar de estar distante da casa dos pais, é possível perceber a influência dos mesmos sobre os rumos de sua vida, e o respeito que existia por parte da filha. Quando uma senhora procurou seu pai, informando sobre a oportunidade de trabalhar na casa de outra família por um salário maior, o pai ordenou-lhe que mudasse de emprego, mesmo que contra a vontade da jovem, que sentia-se muito bem na casa onde trabalhava: “(...) a gente não podia piar, isso era tudo com os pais antigamente. Então o meu pai resolveu: ‘Olha, se ali eles pagam mais que na Frau Knüss, então você vai trabalhar lá’”⁹. Dona Irene lembra que a família Knüss não gostou

⁵ EGGERT, Irene. Entrevista concedida a Jeisa Rech em 14/03/2007.

⁶ Irene Eggert, entrevista citada.

⁷ Irene E., entrevista citada.

⁸ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. História oral: uma utopia? *Revista Brasileira de História*, v. 13, n 25/26, p. 7-16, set 92/ago93, p. 12.

⁹ Irene E., entrevista citada.

de sua saída, e que foi, sozinha, procurar o endereço do novo local de trabalho, na casa de uma família de sobrenome Ravache, e que foi muito bem recebida.

Além da ocupação de empregada doméstica, outro trabalho comum às jovens moças era o trabalho em empresas. Na década de 50, com a expansão do mercado consumidor, a queda das importações e os benefícios federais e estaduais, características econômicas do país naquele momento, foi possível o surgimento e a expansão de muitas empresas em Joinville, que ficou conhecida como um grande pólo industrial. O trabalho feminino estava presente principalmente em malharias: Dona Wally F¹⁰. aos 14 anos iniciou suas atividades na Malharia Arp; dona Luíza¹¹ aos 16 anos passou a trabalhar com “talhação” na Martric; dona Anni¹² aos 15 ajudava a produzir meias na fábrica de Henrique Meyer. Dona Tereza¹³, diferentemente das demais entrevistadas, trabalhava numa empresa que fabricava macarrão, denominada “Nélida”.

Com o casamento a vida dessas jovens independentes e trabalhadoras mudava significativamente, já que a maioria delas trocou o trabalho pela vida do lar e a dedicação à família. Segundo Carla Bassanezi¹⁴, na década de 50 ainda havia muito preconceito em relação ao trabalho feminino, já que as mulheres deveriam priorizar o trabalho doméstico e a maternidade. Conforme a autora, essa idéia de incompatibilidade entre matrimônio e vida profissional tinha significativa força no imaginário social, acreditando-se que a mulher deixaria de lado o marido e o lar, ameaçando a organização doméstica e a estabilidade do casamento. Muitas vezes, abandonar o trabalho para cuidar do lar não era uma decisão própria, nas memórias, esse momento ficou registrado como uma determinação do marido, como lembra dona Gerda: “Não, depois fiquei em casa, depois quando casei, aí fui passar a roupa ainda né, aí depois fiquei em casa, ele não me deixou sair mais, disse: ‘Agora chega, fica em casa cuidando do filho’”¹⁵. Esta situação narrada demonstra as relações de gênero¹⁶ presentes na sociedade joinvilense e que interferiam diretamente na vida pessoal não só das

¹⁰ Wally Fischer, 71 anos, casada, mãe de um filho já falecido. Mora em Joinville, no bairro Saguacú. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

¹¹ Luíza Giesel, 79 anos, casada, mãe de 6 filhos, aposentada, mora em Joinville, no bairro Itaum. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 07/03/2007.

¹² Anni Büst, 79 anos, casada, mora em Joinville, no bairro Bucarein. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 27/03/2007.

¹³ Tereza Furtado, 70 anos, casada, mãe de sete filhos, aposentada, mora em Joinville, no bairro Jarivatuba. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

¹⁴ BASSANEZI, Carla. Op. cit. p. 624.

¹⁵ Gerda B., entrevista citada.

¹⁶ A categoria gênero representa um território de estudos específico, diante da insuficiência das demais teorias em explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. Como nova categoria, o gênero dialoga com outras categorias históricas, mas é comumente utilizado como sinônimo de mulher, devido ao grande número de trabalhos com esta temática.

mulheres, mas dos homens, que passavam a assumir sozinhos a responsabilidade financeira da família. Nesse sentido, como discute Joan Scott, o conceito de “Gênero” é utilizado não só como referência às mulheres, mas também aos homens, e um implica o estudo do outro, já que seus mundos estão interligados. Esta categoria de análise propõe o estudo do relacionamento entre os sexos, indicando construções sociais que determinam papéis adequados a mulheres e homens: “É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”¹⁷, e nesse caso, essas relações sociais que impõem papéis, contribuíram para que nesta sociedade, influenciado por discursos e normas, o homem determinasse que ele trabalharia fora de casa e a mulher cuidaria dos filhos.

Dona Gerda, após casar-se e sair do emprego, primeiramente passava roupas para demais famílias, até parar totalmente suas atividades remuneradas. Assim como ela, dona Irene, após o casamento, cessou o trabalho de doméstica para fabricar bolachas, e depois, em favor do marido, encerrou as atividades para dedicar-se à família: “(...) já tive duas meninas em seguida (...) e ele tinha que dormir, eu tinha que parar com meus filhos quase sempre na casa da sogra, pra não fazer barulho. Ele nunca quis né, que eu trabalhasse fora, daí depois comecei a fazer esse negócio de bolacha (...) eu era mais babá do que outra coisa”¹⁸. É possível perceber a insatisfação dessas mulheres, que antes pertencentes ao mundo externo, trabalhadoras responsáveis, passaram a ser apenas babás dos próprios filhos. Não que esta não seja uma tarefa importante e de muita responsabilidade, pelo contrário, mas não era apenas isso que elas gostariam de fazer. Como pode ser percebido, aos poucos essas mulheres deixaram a vivência pública, a convivência com demais pessoas, para viver no espaço privado do lar. Esse processo foi gradual, depois da saída da fábrica, o trabalho por conta própria, o cuidado com roupas e a fabricação de bolachas, até o momento de dedicação exclusiva à família que agora construíram. Essa postura exercida pela maioria das mulheres demonstra a “nova mãe”, um ideal fundamental para a formação da família moderna, que espera da mulher características como vigilância, atenção e responsabilidade pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e pela higiene do lar. O papel da mulher era cuidar do lar, local de formação do caráter das crianças, valor importante para pensar a formação da futura força de trabalho do país¹⁹.

¹⁷ SCOTT, J. Op. cit. p. 07.

¹⁸ Gerda B., entrevista citada.

¹⁹ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 80.

Até a chegada dos filhos, algumas mulheres continuavam trabalhando nas empresas, seus salários ajudavam a compor a renda da família: “(...) trabalhei quase cinco anos, até que nasceu o nosso menino”²⁰. Dona Anni relatou a solidão e a angústia que vieram com o pedido de demissão: “[depois do casamento] fiquei mais cinco anos depois trabalhando, daí não senti muito, mas depois que eu saí de lá, que eu engravidei, daí ele viajando e eu sozinha, a gente sentia (...) daí não trabalhei mais fora”²¹. Segundo Bassanezi²² era prática comum abandonar o trabalho com o casamento ou a chegada do primeiro filho, e dificilmente esposas de classe média trabalhavam fora de casa, a não ser por necessidade econômica, situação que poderia envergonhar o marido.

Essas características familiares no qual a mulher deveria responsabilizar-se pelo bem estar do marido e dos filhos decorrem de um novo modelo normativo de mulher, pautado nas normas familiares burguesas surgido ainda no século XIX, e que foram fundamentais para a constituição de papéis de gênero. Tais normas pregavam novas formas de comportamento, influenciando primeiramente as moças de famílias abastadas e aos poucos foi atingindo as classes trabalhadoras. Segundo Margareth Rago, essas normas forjaram uma representação simbólica da mulher, que deveria portar as virtudes burguesas da laboriosidade, castidade, e principalmente ser esposa-mãe-dona de casa²³.

Abandonando o trabalho remunerado nas fábricas, lojas ou casas, as mulheres entrevistadas se despediram do mundo externo para refugiarem-se na esfera privada da vida doméstica. Segundo Margareth Rago, ao confinar a mulher à esfera privada da vida doméstica, militantes e trabalhadores em geral firmaram sua posição social no processo produtivo, contribuindo para a valorização da força de trabalho masculina. Assim, essa construção de um modelo de mulher associada à mãe dedicada teve como consequência sua desvalorização profissional, política e intelectual. Essas relações de gênero contribuíram para a desvalorização da mulher: “Essa desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve-se esquecer deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido”²⁴.

Estas relações de subordinação da mulher frente ao homem aconteciam também dentro do espaço doméstico, já que o pai, o marido, o líder deveriam ser obedecidos e respeitados

²⁰ Wally Fischer,. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

²¹ Anni Büst,. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 27/03/2007.

²² BASSANEZI, Carla. Op. cit. p. 625.

²³ RAGO, M. Op. cit, p.62.

²⁴ Id. Ibid. p. 65.

pelas mulheres, segundo Rago²⁵, incapazes de assumirem a direção de suas vidas individuais. Essa situação de submissão e liderança por parte do homem é percebida através das falas acima transcritas: “(...) ele não me deixou sair mais”, “Ele nunca quis né”, enfim, estas mulheres que anteriormente seguiam as ordens do pai, ao casarem passaram a seguir as ordens do marido, que inseridos em uma sociedade que valorizava e concedia certo status às famílias, e principalmente aos homens, cujas mulheres não precisavam trabalhar fora de casa, e desprezava o trabalho feminino fora do lar, reproduziram os preceitos sociais dentro dos seus lares, não permitindo que suas esposas continuassem com suas ocupações para que se dedicassem por inteiro ao lar²⁶. Esses ideais que contribuía para a construção das relações sociais entre mulheres e homens partiam dos discursos masculinos e normativos dos poderes públicos, dos industriais, do movimento operário e também do discurso médico-sanitarista²⁷. Tais discursos pretendiam fundar um novo modelo de feminilidade, sendo a mulher o centro de um modelo imaginário de família, organizado a partir da intimidade do lar, local de cultivo das virtudes burguesas²⁸. É possível perceber essas normas e posturas como constitutivas de relações de gênero, como analisa Joan Scott: “Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”²⁹. Nesse sentido, essas regras e papéis sociais impostos sobre um corpo sexuado acabam por definir a organização familiar, a vida e todo o caminho percorrido por uma pessoa, sendo responsável por frustrações, abandono de sonhos, e impondo uma responsabilidade que muitas vezes a pessoa não está preparada para assumir, ou mesmo que não deseja assumir. Em função daquilo que é determinado e aceito pela sociedade, por sua vez formada a partir de discursos normativos por aqueles que detêm o poder, as pessoas, homens e mulheres são capazes de abdicarem de seus sonhos ou desempenharem funções e posturas com a qual não concordam. Se bem que as regras ditadas podem estar tão internalizadas e dissipadas pela sociedade, a ponto de todos desejarem viver aquela personagem, sem questioná-la.

²⁵ Id. Ibid.

²⁶ Convém ressaltar que apesar das tentativas de isolar a mulher dentro do ambiente familiar do lar, definindo seu papel na sociedade, em outras cidades muitas mulheres não aceitaram essas imposições, continuaram a trabalhar fora de casa, e inclusive participando de organizações político-partidárias, sindicais, organizando manifestações e greves. Sobre a resistência feminina ver: RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 70.

²⁷ Sobre a normatização das relações familiares a partir do discurso médico, ver: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

²⁸ Id. Ibid. p. 75.

²⁹ SCOTT, J. Op. cit. p. 16.

Assim como as mulheres, a idade média dos homens para começar a trabalhar girava em torno de 15 anos, trabalhando nas indústrias, que eram numerosas e ofereciam muitas vagas, não só para os joinvilenses, mas para migrantes vindos de várias cidades de Santa Catarina e Paraná, na busca por uma vida melhor. O cenário das indústrias já não são os mesmos daquela época: “Eu comecei em 50 [com 15 anos] na Tupy, no tempo que a Fundação Tupy era aqui onde é o [Shopping] Mueller, ali trabalhei até 59, daí eu saí e em 60 peguei no Moinho Rio Grandense, hoje é Bunge”³⁰. Com a mesma idade “seu” Ingo ingressou no mercado de trabalho: “Eu comecei, a iniciativa foi na Prosdócimo SA, antiga Prosdócimo, na rua 9 de Março (...) era uma loja, aos 15 anos (...) comecei como se diz... ‘office-boy’, ajudante (...) daí eu fui evoluindo, evoluindo (...) Depois de 3 anos comecei a trabalhar na Malharia Arp (...)”³¹. Outro entrevistado, Reinaldo Fischer, iniciou o trabalho diário mais cedo, ainda criança, com apenas 8 anos. Trabalhou em borracharias, empresas, até mudar-se para São Paulo com a família, recém casado, e com apenas 18 anos “Eu sempre tive na minha vida um espírito aventureiro”³² explica ele.

Como se pode perceber, ao contrário das mulheres, que ao se casar tinha a vida profissional interrompida, os homens relatam seus progressos profissionais. Por conta própria narram o primeiro emprego, as promoções, as mudanças de cargo, mudanças de empresa e aumentos de salário. Crescer profissionalmente e salarialmente era importante não apenas por realização pessoal, mas por necessidade, já que, depois de casados, não podiam mais contar com o salário da esposa, e deveriam sustentar sozinhos a nova família. Essas narrativas correspondem aos valores burgueses introduzidos na sociedade operária, determinando que as mulheres devessem ser as guardiãs do lar, enquanto os maridos deveriam esforçar-se para manter a casa. Demonstram também a constituição das relações de gênero no âmbito das atividades e do reconhecimento, enquanto o homem, percorrendo espaços públicos e privados, são motivados por progressos profissionais, fator de admiração e respeito por parte da sociedade, cabia à mulher o contentamento pelas conquistas do marido.

³⁰ Rolf Giesel, 72 anos, casado, pai de 6 filhos, aposentado, mora em Joinville, no bairro Itaum. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 07/03/2007.

³¹ Ingo Büst, 80 anos, casado, aposentado, mora em Joinville, no bairro Bucarein. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 27/03/2007.

³² Reinaldo Fischer, 71 anos, casado, pai de um filho já falecido, mora em Joinville, no bairro Saguacú. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

1.2 – MEMÓRIAS DE DIVERSÕES: CINEMAS, BAILES E PASSEIOS.

Quando questionados sobre o passatempo dos jovens na década de 50, os lugares que freqüentavam, o que faziam, os entrevistados rememoraram as mesmas atividades. As opções de diversão eram as mesmas para todos: ir ao cinema, ir aos bailes e passear na praça, apesar das diferentes situações financeiras.

Conforme os relatos, durante a semana dedicavam-se ao trabalho, dirigindo-se para casa após o término do expediente. Nos finais de semana aproveitavam a vida e a juventude assistindo a filmes: “(...) ia trabalhar, e ia do serviço pra casa dormir. Pra ir pra ‘*matinée*’ às vezes não tinha dinheiro. E pra ir na ‘*matinée*’ com ela quando nós começamos a namorar, mandava ela na frente”³³, a estratégia, contada entre risos, era para que a namorada pagasse a própria entrada no cinema. Segundo eles, a entrada no cinema não era de alto valor, mas eles não possuíam dinheiro.

Além dos cinemas do centro da cidade, sr. Rolf explicou a existência de cinemas no bairro, frequentado por muitos moradores: “Naquele tempo eles traziam, um ambulante sabe, ele chegava e alugava o salão³⁴, fazia uma vez por semana (...) então vinha aí e passava cinema, então cada rolo que passava acendia a luz né pra trocar o rolo (...) era cobrado ingresso assim na porta né, e o pessoal ficava sentado na cadeira de palha”³⁵. Relembrar a existência deste tipo de cinema rendeu boas risadas a seu Rolf, mostrando que se no centro da cidade havia salas de cinema “modernas”, na periferia que seu Rolf morava o cinema, as acomodações e os equipamentos responsáveis pela projeção do filme eram precários.

Os cinemas freqüentados eram o Cine Palácio, Cine Rex e Cine Colon. O conhecido Cine Palácio foi inaugurado em 1917, com o objetivo de ser o “Teatro Municipal” da cidade. No espaço aconteciam, além da exibição de filmes, apresentações teatrais, de música, balé, dança, patinação e atividades beneficentes. O local funcionou como cinema até o início da década de 90, e durante os anos 50 era considerado um dos grandes pontos de referência de lazer e entretenimento em Joinville³⁶. Em 1939, dividindo o público com o Cine Palácio, passou a funcionar o Cine Rex, que não era propriamente uma construção voltada para ser uma sala de cinema; para a projeção dos filmes era aproveitado o espaço de um salão de baile, pertencente à Liga de Sociedades, tradicional clube de Joinville, com sede construída em

³³ Ingo B., entrevista citada.

³⁴ Refere-se ao salão de baile que existia no bairro.

³⁵ Rolf G., entrevista citada.

³⁶ GUEDES, Sandra P.L. Cine Palácio: fragmentos da história do cinema em Joinville. Joinville: UNIVILLE, 2003.

1937, segundo dona Gerda³⁷, uma sociedade com vários associados, que participavam de bailes, bingos e desfiles, entre outras atividades. O Cine Colon foi construído mais tarde, em 1956; com 1,2 mil lugares, uma tela com 16 metros de largura e estrutura luxuosa, passou a ser o principal cinema de Joinville³⁸, ponto de encontro dos jovens, que aguardavam o início do filme na Praça Nereu Ramos, já conhecido local dos passeios e “flertes”.

O jornal “A Notícia”³⁹ veículo de grande circulação de notícias da cidade, direcionava na década de 50, a página número 2 para informações sociais, intitulada “A Notícia Social” divulgava diversas informações e acontecimentos, tais como: a programação do cinema, com resumos e comentários dos filmes, anúncio do Cine Palácio, com os filmes e horários de projeção. Essas críticas de filmes, títulos e horários eram anúncios pagos pelas salas de projeção, com o intuito de mobilizar a população para o cinema. Esses locais eram ponto de encontro de amigos e casais de namorados, lugares especialmente freqüentados pelos jovens, já que como relatado nas entrevistas, após o casamento diminuíram a freqüência aos cinemas, encerrando-se por completo com a chegada dos filhos.

Além das informações sobre os filmes, a citada página do jornal apresentava anúncios de remédios e farmácias, dicas de beleza, aconselhamentos de etiqueta e educação dos filhos, receitas, moda e aniversários, casamentos, bodas. As demais páginas do jornal continham notícias da cidade, Brasil e mundo, informações sobre economia e esportes⁴⁰. Pelo conteúdo da página dois, percebe-se que era a página voltada ao público feminino, já que como relatado pelas entrevistadas, e como acontecia nas demais cidades do país, a educação das crianças, a administração do lar cabia às mulheres, por isso as informações sobre educação e receitas. Porém, sem esquecer da necessidade do cuidado e vaidade que impunham às mulheres, divulgando variados textos sobre cuidados das mãos, unhas, cabelos, sobrancelhas. Além disso, informava às mulheres sobre os comportamentos adequados nos diferentes lugares, desde a sala de cinema, bailes, jantares e recepções, no sentido de educarem as mulheres para o bom desempenho ao lado dos maridos, aqueles por quem elas muitas vezes, abdicaram seus sonhos. Na seção de moda, aparecem estampadas belas atrizes internacionais, vestidas por

³⁷ Gerda B., entrevista citada.

³⁸ DIAS, Maria Cristina. Cine Colon trouxe fantasia a Joinville. *A Notícia*, Joinville, 30 ago. 1998.

³⁹ O jornal “A Notícia” foi fundado em 1923 como um “Semanário Independente”, sem ligação com partidos políticos, abordando aspectos da política internacional, economia, anúncios, avisos, editais, notícias da sociedade, programação de cinema. Em 1944, após a morte de seu fundador, Aurino Soares, o empresário Antônio Ramos Alvim assume o jornal. Nos últimos anos da década de 1940 o jornal enfrenta crises financeiras, sendo adquirido em 1956 por uma sociedade de 130 joinvilenses, composta principalmente por políticos e empresários da cidade. As informações veiculadas pelo jornal passam a dar visibilidade a assuntos locais e regionais, notícias esportivas e noticiário nacional e internacional. Sobre a história do jornal “A Notícia” ver: TERNES, Apolinário. *História do jornal A Notícia: 1923-1983*. Joinville: A Notícia, 1983.

⁴⁰ JORNAL A NOTÍCIA. Joinville, 1950, 1952, 1953. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

modelos de roupas que faziam sucesso na Europa. Talvez aqueles preceitos de moda influenciassem o modo de vestir das moças de famílias mais abastadas, e não faziam parte dos guarda-roupas das operárias e domésticas joinvilenses.

As roupas e modelos da moda não estão presentes nas lembranças dos entrevistados, mas como rememora dona Gerda, a elegância e boa aparência das vestimentas eram fundamentais para freqüentar os bailes, as mulheres deveriam usar vestidos de festa, e os homens deveriam vestir-se formalmente: “Tinha baile de primavera, muito bom, e os homens tinham que ir de terno e gravata, e paletó fechado, senão não podia dançar”⁴¹.

Existiam vários salões na cidade, com comemorações diversas, como os bailes de Primavera, Páscoa, Natal, Ano Novo, entre outras temáticas: “Tinha o baile das rosas, as moças iam tudo de cor de rosa, vermelho, era chique. E cada moça ganhava uma rosa na entrada do salão, tinha muito respeito”⁴². Os bailes aconteciam nos sábados à noite e nos domingos à tarde ocorria a famosa “domingueira”.

Os salões eram diferentes, mas pelas lembranças dos antigos freqüentadores, a organização e o andamento dos bailes eram semelhantes. Anteriormente à Campanha de Nacionalização, freqüentava-se o clube de acordo com a etnia: a Sociedade Harmonia Lyra era freqüentada por descendentes de alemães, enquanto o Clube Joinville era destinado aos descendentes de portugueses. Na década de 50, segundo dona Jutta Hagemann da Cunha⁴³, não existia mais esta divisão, e todos frequentavam todas as opções de bailes e sociedades. Segundo a entrevistada, nos bailes de Ano Novo, após a meia-noite, aqueles que estavam no Clube Joinville dirigiam-se ao Harmonia Lyra, e todos comemoravam juntos. Além do Harmonia Lyra e do Clube Joinville, existia o Joinville Tênis Clube e diversos salões espalhados pelos bairros da cidade. Os bailes de sábado à noite geralmente iniciavam entre 20h e 21h, e seguiam até o amanhecer do outro dia “(...) às vezes de dia a gente chegava em casa (...) era domingo, daí era feriado”⁴⁴, os jovens então não precisavam trabalhar e podiam descansar da noite anterior, marcada por muitas danças. Muitos bailes ofereciam jantares, lembrados pela qualidade e abundância: “De noite tinha janta, marreco e frango, e essas coisaradas”⁴⁵.

⁴¹ Gerda B., entrevista citada.

⁴² Rolf G., entrevista citada.

⁴³ Jutta Hagemann da Cunha. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 20/11/2007. Sobre os bailes e clubes diferenciados conforme a etnia, ver: SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: UNIVILLE, 2004.

⁴⁴ Gerda B., entrevista citada.

⁴⁵ Gerda B., entrevista citada.

Sr. Rolf narra os bailes salientando o glamour daqueles eventos, provavelmente a visão e o sentimento do operário que é servido pelo garçom, representando de certa forma uma ascensão social. Suas palavras evidenciam o “status”, comportamentos e posturas daquela década: seu Rolf explica que as mesas para o baile eram reservadas, portanto compradas com antecedência, na qual ninguém tocava e não poderia mais ser vendida, além do comprador e seus convidados, ninguém mais poderia sentar-se ali. A narrativa de seu Rolf também denota nostalgia, que para evidenciar a diferença entre os bailes e a postura dos jovens dos anos 50, compara com sua visão da atualidade:

A mesa era reservada, você ia lá, chegava lá, sentava lá, a mesa era reservada, daí o garçom te servia bebida essas coisas tudo, daí então o baile começava às nove horas, quinze pras nove, tocavam e tudo. Naquele tempo se dançava colado, não é que nem hoje em dia que se dança com um copo de bebida e fica ali dançando segurando um copo de bebida. Naquele tempo se dançava de rosto colado⁴⁶.

O uso da expressão “naquele tempo” é recorrente em diversos relatos. Usam não só porque fazem referência a um tempo há muito passado, um acontecimento que se distancia mais de 50 anos do presente. Falam querendo expressar a vivência de um tempo diferente, e um sentimento nostálgico toma conta de suas lembranças e palavras, como se não apenas contassem, mas lembrassem com muita saudade e quisessem ensinar, aconselhar os jovens, nas suas palavras, “de hoje em dia”, como ter uma juventude “melhor”. No interior desse processo de memórias inexistente o tempo cronológico, assim, segundo Antonio Torres Montenegro “O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva...”⁴⁷. Assim, pensar sobre “aquele tempo”, um momento que vivenciavam suas juventudes, se divertiam, namoravam, condiciona a forma de pensar para a reconstrução da realidade de uma determinada maneira. Segundo Montenegro, a realização de uma entrevista oral é a tentativa de juntamente com o entrevistado visitar esses “territórios diversos”, que se relacionam através de uma lógica desconhecida por nós⁴⁸. Em relação aos “aconselhamentos” que surgem nas entrevistas, o autor afirma que o narrador, que tem o poder de relatar e descrever acontecimentos, fatos e situações cria uma dimensão utilitária para o seu depoimento, aparecendo em forma de conselhos e sugestões práticas⁴⁹. Sobre a idéia do passado como um período melhor do que o

⁴⁶ Rolf G., entrevista citada.

⁴⁷ MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set 92/ago 93, p. 60.

⁴⁸ Id. Ibid.

⁴⁹ Id. Ibid. p. 61.

presente é possível perceber através da história oral que entre as pessoas mais idosas é comum uma narrativa baseada no “mito do tempo perdido”, onde o passado era um tempo muito bom. Como afirma Kênia Rios, se inexistem motivos para vangloriar o presente, constrói-se um tempo onde a glória esteve presente: “Esses motivos estarão nas longínquas paragens da memória. Em tempos e espaços onde as angústias do presente não encontram eco. A memória oral tenta organizar a vida e cria imagens em formas e cores desejadas”⁵⁰

O Sr. Rolf é a pessoa que mais lembrou detalhes e narrou os bailes que freqüentava, nas “Sociedades” Fluminense, Floresta, Liga de Sociedades. Os grupos musicais eram chamados de “Jazz”, como explicou seu Rolf, existia o “Jazz Marabá”, “Os Sabiá”, entre outros, e samba, valsa, bolero, xote e tango eram alguns dos ritmos tocados. A esposa do seu Rolf, dona Luíza exclama: “Tango eu adorava!”, e o marido complementa: “Hoje em dia não tem mais, nem música não tem mais!”⁵¹. Aqui novamente é possível perceber a idéia de que o passado era melhor. Essa idéia é recorrente para a maioria dos entrevistados, que nas suas falas expressam a idéia de que sua juventude e o passado eram melhores que hoje. Expressam essa visão quando dizem que hoje não existe música, que os jovens dançam segurando um copo, mas também falam da inexistência de roubos e da educação por parte dos jovens em relação aos mais velhos, provavelmente suas experiências atuais sofrendo assaltos e a sua situação de velhos na sociedade, acentuem essa visão.

A memória do seu Rolf surpreende com a exatidão de nomes e ritmos, já que, no Jornal “A Notícia” daqueles anos podem ser encontrados os anúncios de bailes, comunicando a presença do “Jazz Marabá”, provavelmente conjunto musical bastante reconhecido.

Quando questionados se sabiam dançar todos aqueles ritmos, foram enfáticos: “Uuuhhh! Saía que saía voando” respondeu dona Luíza soltando uma gargalhada, e o marido explicou, que aprendiam a dançar pelo ritmo: “Tu pega o ritmo, tu sabe o que é o quê. Se é um bolero, um samba canção, o que é um samba, uma valsa, xote, tango, tudo isso o ritmo tu sabe, e naquele tempo então se dançava bem”⁵². Para aqueles que não tinham a facilidade de aprender a dançar como o sr. Rolf, um anúncio no jornal oferecia um curso com todos os ritmos⁵³.

As chamadas “domingueiras” eram os bailes que aconteciam nos domingos à tarde, nos mesmos lugares e com os mesmos grupos musicais da noite anterior, iniciavam geralmente às três da tarde e finalizavam às sete da noite. Nos bailes que aconteciam aos sábados à noite,

⁵⁰ RIOS, Kênia Sousa. História oral: que história é essa? *Cadernos do CEOM*, a. 14, n. 12, Chapecó, jun/00, p. 20.

⁵¹ Rolf G., entrevista citada.

⁵² Rolf G., entrevista citada.

⁵³ A NOTÍCIA. Joinville, fev. 1950.

geralmente as moças iam acompanhadas dos pais, da mãe, irmão ou uma parenta casada, jamais iam sozinhas ou com amigos. Na domingueira iam em grupos de amigas, como narrou dona Luíza, frisando que antes da diversão, cumpria seus deveres:

Eu morava ali no [bairro] Floresta né, ali nós tinha muitas amigas assim que chegava sábado, domingo (...) as meninas iam tudo lá em casa, as minhas amigas, era a redondeza do Floresta. Aí, mas eu não saía de casa sem limpar a casa, sem deixar bem bonita a casa né. Então elas iam chegando, e ficando lá em casa, daí eu me aprontava, aí nós saía tudo junto, ia pra domingueira do Floresta. Depois nós montamos um clube, e botamos o nome “As fãs do Floresta”, e eu sempre era a cabeça. Elas gostavam de ir, e eu organizar, “clube das fãs”. E assim, chegava sábado e domingo... sábado não era tanto, porque cada um se aprontava e ia com a mãe no baile lá e a gente se achava, se encontrava né, mas na domingueira a mãe não precisava ir junto, então sempre entrava aquela turma de amigas né, e de lá nós ia tudo junto na rua⁵⁴.

O fato de as mulheres irem aos bailes à noite acompanhadas por algum familiar demonstra novamente a introdução de valores burgueses, que se preocupa com a reputação da moça, garantindo sua boa moral para um futuro bom casamento. Ter a companhia de uma pessoa confiável garantiria que a moça não teria comportamentos indesejáveis, ou mesmo que os rapazes não ousassem se aproveitar dela. O modelo normativo imposto às jovens dizia que a moça deveria ser pura, frágil, casta, adjetivos que não combinariam com uma moça que vai aos bailes sozinha ou com os amigos. Dessa forma, a família permanece junto dela para mostrar à sociedade que a moça deveria ser respeitada, pois era uma “moça de família”. As domingueiras, por acontecerem à tarde, sob a luz do dia, não oferecia os perigos da noite, e as moças poderiam ir ao baile com as amigas, mas não sem antes cumprir com as obrigações da mulher, lições passadas de mãe para filha, como a responsabilidade pela limpeza e boa organização da casa, características que segundo as regras a futura boa esposa deveria desempenhar. Segundo Anne Marie Sohn⁵⁵, na metade do século XX em várias partes do mundo os jovens foram adquirindo o hábito de sair aos domingos, dançarem juntos, verem-se, sendo que saber dançar “se tornou o passaporte indispensável para o amor”⁵⁶. Segundo a autora, alguns pais muitas vezes impediam as filhas de sair, mas sabiam que era necessário que ela se casasse, e aos poucos os jovens foram adquirindo uma nova liberdade, e eram vistos passeando ou dançando juntos.

Dentro dos salões, divididos entre grupos de rapazes e grupos de moças, os jovens trocavam olhares, e os rapazes convidavam as moças para dançar: “Ih, a gente não parava. A

⁵⁴ Luíza Giesel., Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 07/03/2007.

⁵⁵ SIMONNET, Dominique (et al). *A mais bela história do amor: do primeiro casamento na Pré-História à Revolução Sexual no século XXI*. Tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

⁵⁶ Id. Ibid. p.133.

gente sentava nas mesas, as moças todas juntas e os moços ficavam do outro lado, daí vinham convidar pra dançar”⁵⁷. Estava nas mãos dos homens decidirem os pares dançantes. A mulher esperava sentada pelo convite dos rapazes. E mesmo se não gostasse daquele rapaz que a convidou, no mínimo uma música - ou uma “marca” como os entrevistados disseram - deveria dançar junta dele. E se aqueles por quem elas estavam apaixonadas, ou somente interessadas, não as convidassem para dançar, provavelmente voltariam para casa com o coração partido, pois eram eles que escolhiam as moças, e não o contrário.

Esse jogo entre rapazes e moças demonstra as relações de gênero vivenciadas na juventude. A categoria gênero visa destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino são constituídos social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados, definindo-se um em função do outro. Segundo Joan Scott, as relações de gênero contribuem para as relações sociais baseadas em diferenças que distinguem os sexos, constituindo uma forma significativa de relações de poder. Assim, os estudos de gênero buscam evitar explicações naturalizadas, evidenciando que as características culturais são construídas com base na sexualidade, estando presente nas normas, parentesco, relações de poder, na economia e na organização política⁵⁸. Vivenciando pois, essas referências culturais que faziam distinções e determinavam perfis de comportamento, aos rapazes cabia a função de escolher as damas, que submissas, ficavam expostas para olhares e análise dos gostos e preferências deles. Tal atitude reflete uma sociedade influenciada por normas que determinam ser o homem o líder das situações, e a mulher como não sendo capaz de tomar as próprias decisões. Essas situações baseadas em “normas” de aparente liderança masculina certamente não só esbarram, mas atropelam as diferenças e características das personalidades de cada jovem. Nesse sentido, podemos imaginar as dificuldades vivenciadas e os sentimentos de um rapaz tímido diante daquela “obrigação”, vivenciando a pressão social de ter que escolher uma moça para dançar. Segundo Anne-Marie Sohn⁵⁹, assim como em muitas outras coisas, tratando-se de amor também existe comportamentos que servem de modelo a ser seguido pela maioria. Nesse sentido, a autora afirma que nos anos 50 o efeito de imitação entre os jovens tornou-se muito poderoso, como o flerte, por exemplo: aqueles que não flertavam como os outros se sentiam ridículos, na sua concepção “passou-se do amor idílico à sexualidade obrigatória”⁶⁰. Certamente o rapaz sentia o medo de ser rejeitado, de não dançar bem, de não agradar a dama, de ser motivo de deboche e comentários pelo restante do salão, ou ainda de

⁵⁷ Gerda B., entrevista citada.

⁵⁸ SCOTT, J. Op. cit, p. 11-15.

⁵⁹ SIMONNET, Dominique. Op. cit.

⁶⁰ Id. Ibid. p. 153.

ver a moça com quem gostaria de dançar sendo convidada por outro, entre outras possibilidades. Do mesmo modo a moça, que cuidadosamente se arrumou para o baile, esperando dançar com um rapaz em especial, mas não foi por ele convidada; que até gostaria de demonstrar ao rapaz que desejava dançar com ele, mas as normas daquela sociedade determinaram que a moça não poderia tomar a iniciativa.

Enfim, pode-se perceber que estas regras levaram à formação de papéis considerados femininos ou masculinos, e que os jovens tiveram que seguir e se comportar como tal, desejando ou não. Montysuma, discutindo a experiência dos povos extrativistas na Amazônia, nos diz que tanto as mulheres como os homens são pressionados a viver de acordo com as representações sociais de gênero predominantes na concepção daquele determinado modelo de sociedade, suportando a imposição de códigos sociais. Nesse sentido, não somente as mulheres sofrem, mas também os homens, pressionados a desempenharem determinados comportamentos “(...) como sendo *próprio* aos homens, subentendido como significantes de uma situação identitária, que lhes compele a comprovar serem portadores dos atributos de uma virilidade através da manifestação de posturas e mecanismos de dominação e força”.⁶¹ Esta compreensão se torna útil para se pensar este estudo, na medida em que os homens de Joinvile, com os quais manteve-se contato na pesquisa, também manifestaram um certo sentimento de que se sentiam pressionados a desempenharem papéis condizentes com uma postura esperada de masculinidade, à altura daquilo que as mulheres esperavam. Muito embora quem mais indicasse aquilo que esperavam do parceiro fossem as mulheres.

Dona Gerda imita o gesto realizado pelos rapazes para convidar a moça: sinalizando um convite, baixava o tronco e a cabeça, estendia a mão direita em direção à moça, mão esquerda junto à barriga, e direcionava os olhos para ela. Segundo dona Gerda, este gesto bastava, os rapazes não proferiam uma só palavra. Feito o convite as moças, como quase que uma regra a ser obedecida, deveriam dançar com o moço, caso contrário: “Ah, dava briga, se negasse, daí não podia dançar umas quatro marchas, marcas. O cavalheiro não deixava dançar com outro, se negou pra ele. Se negasse pra um não podia ir com outro [porque] ficavam observando”⁶².

Os motivos para não querer dançar com um rapaz são citados por dona Gerda: “Ah, se não gostou do rapaz, se era feio, ou se não dançava bem né. Uma marca a gente tinha que dançar com todo mundo, mas se viesse mais vezes a gente negava, e daí dava briga (...) era

⁶¹ MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. *Gênero e Meio Ambiente: mulheres na construção da floresta Amazônica*. In Temis Parente (Org). No prelo.

⁶² Gerda B., entrevista citada.

feito dar balaio”⁶³. A regra era de conhecimento geral, e citada pela maioria das entrevistadas quando o assunto é baile. Uma música, a moça era “obrigada” a dançar, e numa nova tentativa, se não tinha se interessado pelo rapaz, na expressão da época, lembrada por outros entrevistados, dava um “balaio”. Esse dever era tão internalizado e seguido por homens e mulheres, que às vezes interferiam até mesmo em um casal de namorados, como lembra seu Ingo, que foi no baile acompanhado da namorada, atual esposa, Anni: “Não podia dar balaio, não podia negar, tinha que ir de qualquer jeito, e às vezes ela ia dançar com outro, não que ela ia, mas ele tirava ela (...) porque ele chegou na minha frente (...) aí o baile pra mim acabou, não deu muito certo”⁶⁴

Negar uma dança a um rapaz poderia ser considerado uma ofensa e sinônimo de falta de educação. A situação parecia ser um assunto tão recorrente, que uma nota sobre boas maneiras enfatizando esta questão foi publicada no jornal “A Notícia”. O texto alerta às moças que, durante um baile, a moça que se mantém indiferente, que não aceita dançar com os rapazes, não está agindo de forma correta, e melhor seria ter permanecido em casa. O principal motivo para dar um “balaio” parecia estar relacionado a aparência dos rapazes, já que o mesmo artigo adverte: “A espera de um cavalheiro de melhor aspecto revela antipatia e falta de educação”⁶⁵. A crítica ao comportamento das moças nos leva a pensar que possivelmente o editor do jornal recebeu uma negativa em um baile.

Mas as moças tinham suas estratégias para fugir dos rapazes sem serem mal faladas ou interpretadas, dona Gerda lembra: “[as moças] se escondiam, ou não olhavam né, baixavam a cabeça pra baixo pra não olhar, e se viesse outro ia, e ele ficava lá parado”⁶⁶. Ou então, tinha a “técnica” citada entre risos por dona Anni: “(...) nós ia tudo pro banheiro, que nós não queríamos dançar com esses”⁶⁷. Interessante perceber como as moças se solidarizavam, se uniam em favor da outra, despistando o rapaz indo todas ao banheiro. Em uma época que demonstra a sujeição feminina ao ser escolhida para dançar, é interessante notar uma forma de resistência por parte das mulheres.

As mesmas situações aconteciam em um outro tipo de baile, muito freqüentado e lembrado pelos entrevistados: os “ensaios de dança”. Esses “ensaios” eram aulas de dança, ministradas por um professor, e geralmente aconteciam às quartas-feiras à noite, sábados ou

⁶³ Gerda B., entrevista citada.

⁶⁴ Ingo B., entrevista citada.

⁶⁵ A NOTÍCIA. Joinville, 01 out. 1953, p. 2.

⁶⁶ Gerda B., entrevista citada.

⁶⁷ Anni B., entrevista citada.

domingos à tarde, em vários salões pela cidade, às vezes nos mesmos salões que os bailes eram realizados.

Para aqueles jovens que, ao contrário do sr. Rolf, não sabiam dançar ou queriam aperfeiçoar seus passos, freqüentavam os ensaios, naturalmente, para aprenderem e desenvolverem as técnicas de dança, já que saber dançar era fundamental para fazer bonito nos bailes, e claro, não levar um “balaio”. Como lembra seu Reinaldo, o objetivo do ensaio de dança era “(...) aprender a dançar, e naturalmente, como novo né, pra namorar, arrumar uma namorada”⁶⁸. E foi lá no ensaio de dança do “salão do Orlando Voss” que o seu Reinaldo e dona Wally se conheceram: “(...) lá tinha o Eisenruth, ele era o professor de dança, nós aprendíamos de tudo (...). Ela ia lá, as moças, era tudo muito bom, ele ensinava nós. (...) então ela tinha suas amizades, eu tinha os meus amigos, e dali nós nos conhecemos (...) e namoramos um bom tempo”⁶⁹. Dona Wally K, apesar de já conhecer o futuro marido, também iniciou o namoro no ensaio de dança: “(...) Lá tinha um salão e lá tinha assim baile, aula de dança pra aprender dança e lá conheci meu marido. (...) a gente se conhecia, mas não direito, eu morava na rua XV e ele morava na rua Max Colin⁷⁰. Então a gente se conheceu assim na aula de dança”⁷¹.

Os bailes em salões eram principalmente freqüentados por jovens que moravam nos bairros próximos ao centro. Um casal de entrevistados sempre morou numa região distante 10 quilômetros aproximadamente do centro da cidade. Eles relatam que não freqüentavam salões, e que os bailes aconteciam em casas particulares, cada sábado na casa de uma pessoa diferente, mas havia outro baile que era fixo em uma residência: “Naquele tempo, no nosso tempo, um homem tinha um salãozinho, que era uma casa particular, lá na estrada de ferro, dançavam lá (...) dava baile bom”⁷². Na memória do seu José ficaram a aparência daqueles que encontrava nos bailes: “Tudo moça, moça forte, moça alta, moça bonita, os homens também, os moços bem vestidinho, calcinha bem passadinha, arrumadinho, e hoje em dia já é bem diferente né, meu Deus do céu, meu Deus do céu”⁷³. Assim como já citado por outros entrevistados, dava-se muita importância para a vestimenta e a boa aparência na hora de ir para o baile. Era um momento de se mostrar para a sociedade, depois de trabalhar a semana

⁶⁸ Reinaldo F., entrevista citada.

⁶⁹ Reinaldo F., entrevista citada.

⁷⁰ Atuais ruas XV de Novembro e Max Colin.

⁷¹ Wally Kammradt, 91 anos, viúva, mãe de dois filhos, mora em Joinville, no bairro Atiradores. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 20/03/2007.

⁷² José Alexandre Furtado, 73 anos, casado, pai de 7 filhos, aposentado, mora em Joinville no bairro Jarivatuba. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

⁷³ José Alexandre F., entrevista citada.

inteira dentro de uma empresa era chegado o momento de ver e ser visto. Estar bem vestido também era importante pois naquela noite poderia conhecer um namorado, ou namorada.

Além do cinema, dos bailes e dos “ensaios de dança” outra opção de diversão dos jovens era freqüentar a praça Nereu Ramos às quartas feiras à noite. Seu Ingo e dona Anni contaram que nas quartas-feiras iam passear na praça, segundo seu Ingo, tinha a “retreta”, uma banda tocava no coreto que existia na praça. E dona Anni complementa: “(...) e as pessoas iam pra lá e pra cá, pra lá e pra cá”⁷⁴, ali era o “footing” como rememora seu Ingo. Como já citado, esse encontro de jovens em uma praça principal da cidade, onde ficavam caminhando de um lado à outro era comum nos anos 50, e aconteciam em várias cidades do país. A denominação “footing” é lembrada apenas por seu Ingo, os demais entrevistados, além de não usarem o termo, quando perguntados, afirmam nunca terem ouvido essa palavra. E como o sr Ingo conhece essa palavra? Talvez leu em alguma fonte ao longo dos anos, ou quem sabe ouviu de alguma pessoa, associando àquilo que ele e os outros jovens faziam nas quartas-feiras. Quando interrogado se todos os jovens utilizavam esse termo, ele afirma que não; e quando questionado como ele conhecia o termo, ele diz: “veio agora na minha cabeça”⁷⁵.

Dona Gerda explica o que acontecia na praça: “Tocava banda sempre quarta feira de noite, o batalhão tocava, e a gente passeava pra lá e pra cá e pra lá e pra cá, e os moços estavam lá também né, e olhando, daí depois vinham atrás da gente um pedaço”⁷⁶ e complementa com muitas risadas, de quem lembra das peripécias da juventude, e da atração que despertava nos rapazes. Assim como Ecléa Bosi nos fala da presença dos sons nas falas dos velhos⁷⁷, isso serve para pensar nos velhos em Joinville, já que as lembranças dos joinvilenses também estão povoadas de sons: “Eles olhavam e psiu, psiu, pra gente olhar” e olhavam? “Sim, lógico né”⁷⁸. Aqui, nessa relação entre entrevistador e entrevistado, nas perguntas e nas respostas, é importante destacar outra especificidade da história oral: a narrativa é construída em uma relação direta, o que é dito depende da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Muitos elementos que compõem a narrativa é “gestado” no momento da entrevista, dependendo das condições de recepção e emissão no momento do diálogo⁷⁹.

⁷⁴ Anni B., entrevista citada.

⁷⁵ Ingo B., entrevista citada.

⁷⁶ Gerda B., entrevista citada.

⁷⁷ BOSI, E. Op. cit.

⁷⁸ Gerda B., entrevista citada.

⁷⁹ RIOS, Kênia Sousa. História oral: que história é essa? *Cadernos do CEOM*, A. 14, n. 12, Chapecó, jun/00, p. 12.

Como narrado pelos entrevistados, as moças andavam de um lado a outro, sob o olhar atento dos rapazes: “Não é como hoje em dia não! Naquele tempo tinha que ficar olhando”⁸⁰, diz seu Rolf. “Ficavam se marcando. Depois o rapaz vinha a perguntava: ‘Posso ir junto?’ ‘Pode!’ (risos)”⁸¹, conta dona Luíza, que segundo o marido, e ela mesma confirma, era namorada. Os gestos respeitosos dos rapazes refletem a idéia do “amor romântico” difundido pela sociedade, levado a efeito pelo ato de cortejar. Segundo Giddens⁸² o amor romântico começou a marcar presença a partir do final do século XVIII, unindo o amor apaixonado, a idealização do outro e o amor sublime, tendo predomínio em relação ao ardor sexual. Assim, a virtude passa a assumir um novo sentido para os sexos, não significando apenas inocência, e sim qualidades de caráter que torna o outro “especial”. Conforme o autor, a idéia do amor romântico está relacionada a um conjunto de influências, tais como a criação do lar, a modificação nas relações entre pais e filhos e a “invenção da maternidade”, orientando o casal para um futuro previsto e uma “história compartilhada”. Giddens afirma que futuramente o amor romântico proporcionaria significados especiais ao vínculo conjugal, colaborando inclusive para a união do casal e seus filhos, num empreendimento emocional conjunto, com o lar sendo encarado como um local de apoio emocional, ao contrário dos locais de trabalho. A idéia de “amor romântico” também foi utilizada pelo Estado: ao combater os valores patriarcais, utilizou-se principalmente do discurso médico, visando a constituição de casais higiênicos, garantindo a boa formação das crianças e a continuidade da nação. Tais discursos valorizavam o amor e o direito de escolha afetiva e pessoal do cônjuge e não a escolha feita pelo grupo familiar. Com este objetivo os médicos aderiram ao amor romântico, inclusive adequando os textos científicos ao gosto e estilo do romantismo⁸³.

O casal Rolf e Luíza antes e depois de iniciarem o namoro freqüentavam a praça, e narram com uma entonação na voz que convence o ouvinte de que realmente essa era uma atividade bastante realizada e muito divertida também, uma opção para aqueles que por qualquer razão, não foram nos bailes. Quando o assunto da conversa é a praça, e quando questionado se freqüentava este espaço, seu Rolf enfatiza: “Ô”, dando a entender que com bastante freqüência caminhava por lá, e complementa : “O passeio da gente nas quartas-feiras, sábado, domingo, se a gente não ia no baile, qualquer coisa, a gente ia lá pro centro passear.

⁸⁰ Rolf G., entrevista citada.

⁸¹ Luíza G., entrevista citada.

⁸² GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas. 2ª ed. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

⁸³ COSTA, Jurandir Freire. Op. cit. p. 231.

Sentava lá no banco, namorar. E os rapazes iam lá pra namorar, e as meninas também né”⁸⁴. A praça era freqüentada principalmente por jovens, como diz dona Luíza, interessados em conhecer um parceiro ou parceira, mas alguns adultos também apareciam por lá: “Tinha uns velhos, mas a gente não dava bola. Ninguém dava bola pros velhos (risos)”⁸⁵. Interessante notar na fala de dona Luíza que os jovens não davam atenção aos velhos. Essa idéia se confronta com a idéia do passado melhor e respeitoso. Certamente, acreditar que tudo no passado era melhor é uma idéia atual, uma idéia de quem hoje, já considerado um velho pela sociedade, já não pode realizar todas as atividades que gostaria. E provavelmente, sofrer preconceito ou desatenção por parte dos jovens, uma situação que como acabamos de ver, não é exclusiva dos dias atuais, já que ocorriam também nos anos 50.

A praça representa a pluralidade de freqüentadores e de possibilidades. Os salões de bailes eram freqüentados por pessoas da mesma etnia ou situação financeira semelhante, enfim, representava uma homogeneidade de características, e os jovens encontrariam pares semelhantes a eles. A praça, por ser um lugar público, aberto, e de fácil acesso, já que ficava bem no centro da cidade, lugar de passagem para operários e patrões, ricos e pobres, moças de família e moças faladas⁸⁶, representa um lugar de heterogeneidade, possibilitando amizades e até relacionamentos entre pessoas de diferentes situações.

As sociabilidades também eram heterogêneas, nem todos os jovens freqüentavam com assiduidade os cinemas, os bailes e a praça. Dona Irene, por exemplo, que trabalhava de doméstica na casa de uma família, nunca freqüentou a praça; seu passatempo era visitar a irmã, que morava com a avó. Provavelmente por ser uma moça que veio de uma região voltada para as atividades rurais, era mais caseira, e dedicando-se exclusivamente ao trabalho, não possuía amigos: “Eu nem conhecia outros jovens, pra dizer a verdade, só conhecia a minha irmã”⁸⁷. Quando questionada se ia passear na praça, é enfática: “Não, não, não, não, não tinha disso não”⁸⁸. Uma das especificidades da história oral está na riqueza de signos, sentimentos, significados e emoções, que são expressos pelo narrador ao pesquisador. A oralidade permite apreender significados e conotações, pelo tom, ritmo e volume usados pelo narrador, características que muitas vezes a forma escrita é incapaz de revelar.

Além das diversões e passatempos principais como o cinema, os bailes e a praça, outras atividades foram citadas. Seu José reforça que a sua rotina era marcada pelo trabalho, e o

⁸⁴ Rolf G., entrevista citada.

⁸⁵ Luíza G., entrevista citada.

⁸⁶ Gerda B., entrevista citada.

⁸⁷ Irene E., entrevista citada.

⁸⁸ Irene E., entrevista citada.

lazer era pouco: “Só trabalhava, só trabalhava. Quando eu era rapaz novo, só saía mesmo domingo à tarde, jogar uma bolinha nos campos por aí, no pasto. Então dia de semana era só trabalhando, ajudando os pais e roçar, carpinar, com a vaca”⁸⁹. Seu Rolf lembrou do “Circo-teatro”, um grupo de atores itinerantes que faziam apresentações e permaneciam entre um e dois meses em cada cidade, voltando com frequência, apresentando outro espetáculo: “(...) tinha o ‘Irmãos Moreno’, o ‘Diana’ (...) ao vivo e tudo certinho (...) e representavam muito bem, bem melhor que cinema, porque eu fui ver o coração materno no cinema, eu digo, meu Deus do céu, um absurdo, e eles aqui representavam bem melhor que no cinema”⁹⁰.

Como é possível perceber nos relatos, a vida daqueles jovens operários era marcada pelo trabalho, poucos eram os momentos de lazer. Naquele momento ainda não existiam as chamadas “recreativas”, associações criadas pelas empresas para incentivar o esporte aos funcionários e o lazer às suas famílias. Assim, os entrevistados em geral não relatam a presença de esportes, o único entrevistado a fazer referência à prática esportiva foi seu Ingo. Ele participava do Clube de Remo Atlântico, treinava com bastante frequência e participava de competições, que aconteciam nos meses de maio e setembro. Os treinos e provas reuniam muitos jovens: os moços, competidores e seus amigos, dos dois clubes existentes na cidade: o Cachoeira e o Atlântico; e as moças, as torcedoras dos clubes. E foi através do remo que o casal Ingo e Anni se conheceram:

E naquela época todos dois clubes tinha aquela torcida ferrenha, e na hora de embarcar elas faziam aquela zebra ‘Porque vocês vão perder’ e isso e aquilo, aquela guerra. Daí eu disse: “Se eu ganhar eu vou te dar um abraço e um beijo!” (risos) e ela sumiu. Daí depois nós se encontramos no baile, na Lyra, ali era a entrega das medalhas, então teve um baile especial pros remadores, e assim foi indo, foi o princípio do nosso namoro⁹¹.

Os entrevistados em geral acreditam que havia bastantes opções de lazer, talvez levando em consideração a falta de atividades voltadas à velhice. Quando questionado se havia opções para os jovens, seu Rolf concordou que sempre havia algo para fazer, porém julgou importante destacar outro aspecto da sua juventude: a inexistência do perigo, da violência e da desonestidade: “Não tinha a malvadeza que tem hoje em dia, tu podia andar a pé, eu me lembro que nós íamos no cinema, deixava a bicicleta assim uma do lado da outra, ficava tudo

⁸⁹ José Alexandre F., entrevista citada.

⁹⁰ Rolf G., entrevista citada.

⁹¹ Ingo B., entrevista citada.

sem tranca, voltava a bicicleta tava ali (...) tu andava tranqüilo, de noite, de madrugada, qualquer hora, não tinha bandidagem”⁹².

As narrativas em tom de nostalgia indicam as saudades do tempo que eram jovens e aos poucos ingressavam na vida adulta, trabalhando, frequentando cinemas e bailes, passeando na praça e iniciando um relacionamento. Seguindo os passos de Ítalo Calvino e erguendo as enormes pedras que fazem “barragem entre o presente e o passado”⁹³, homens e mulheres narraram seus cotidianos, permeados por relações calcadas no gênero e regras de conduta impostas pela sociedade, lembrando um momento em que inexistiam os problemas sociais e as violências atuais.

Após narrarem seus cotidianos, detalhando seus trabalhos e diversões, os entrevistados atem-se ao momento seguinte na vida dos jovens, que após conhecerem alguém especial, vivenciam a experiência do namoro, lembrando desde a formação do casal, até as rotinas dos apaixonados, temas do próximo capítulo.

⁹² Rolf G., entrevista citada.

⁹³ CALVINO, I. Op. Cit.

CAPÍTULO 2

O RELACIONAMENTO A DOIS: O COTIDIANO DOS RAPAZES E MOÇAS COMPROMETIDOS

2.1 – O PAR “IDEAL”

Pelos relatos dos entrevistados, os namoros começavam após os jovens se conhecerem e conversarem nos bailes, cinemas ou na praça, iniciando ali uma relação que ultrapassa cinqüenta anos. Quando perguntados como deveria ser o parceiro, ou a parceira ideal, pensam um pouco e logo respondem que não pensavam nisso. Interessante perceber que a maioria não citou características ou qualidades de como gostaria que fosse o seu parceiro ou parceira. Seu José respondeu que não pensava sobre isso, que nem tinha tempo para pensar. A mesma resposta é dada pela sua esposa: “Não dava tempo, eu trabalhava o dia todo, chegava em casa (...) tinha que já sair com ela [mãe], pra fazer alguma coisa, tinha louça pra lavar, tinha comida pra fazer, daí eu ia pro fogão né”¹. Dona Irene também respondeu que nem pensava sobre o assunto, que não tinha a intenção de começar a namorar, e aconteceu de repente, após conhecer o marido no primeiro baile que ela foi. Porém, quando questionada sobre o que aquele rapaz tinha de especial para ela apaixonar-se por ele, a resposta surpreende: “Porque ele tava muito agarrado, porque eu acho que eu nem ia me apaixonar tanto assim, mas é que ele não largava de mim. Ele era muito apaixonado por mim”², muito provável que na sua inexperiência de 16 anos, longe de casa e do apoio dos pais, cedeu à insistência do rapaz, e que talvez com ele pudesse superar sua solidão. Mas a situação demonstra também a relação de gênero, que atribui poderes ao sujeito, neste caso masculino, já que no relacionamento do casal, mesmo diante das incertezas da mulher entre namorar ou não, prevaleceu a vontade do homem, ao insistir no compromisso entre os dois.

As primas Gerda e Wally K. explicam que ao namorar já era possível saber se aquele seria o marido certo: “Era assim, a gente já sabia o que ele tinha, o que não tinha, o que trabalhava, quanto ganhava”³, não ficavam imaginando um “príncipe encantado”. A história oral permite conhecermos situações vivenciadas no cotidiano de cada pessoa e sujeito

¹ Tereza Furtado,. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 21/03/2007.

² Irene E., entrevista citada.

³ Gerda B., entrevista citada.

histórico. Entendendo a história conforme Yara Khoury: como um processo construído por homens e mulheres, de maneira complexa e compartilhada, o sujeito histórico não pode ser pensado como uma abstração ou conceito, e sim pessoas vivas que se constroem histórica e culturalmente, em um processo onde as dimensões individuais e culturais estão interligadas. Nesse sentido, a cultura está enraizada na realidade social, tem um sentido intenso, e é o meio pela qual os sujeitos se expressam e reagem⁴. Além dos riscos do esquecimento, sabemos que o passado nunca é recuperado; apenas é possível obter interpretações desse passado, influenciadas pelas vivências do presente, e também pelas questões levantadas pelo entrevistador. Talvez os entrevistados nunca tivessem refletido sobre o ideal de parceiro ou parceira ideal, mas naquele momento, diante da pergunta do pesquisador, tornou-se necessário verbalizar suas formas de pensar, idéias muitas vezes formuladas naquele momento. Interessante perceber que em muitas situações como esta, o entrevistado fala sobre algo que aconteceu na década de 1950, sobre seus ideais há 50 anos, mas com a visão de hoje, de uma pessoa que soma experiências e que conviveu por muitos anos com aquela pessoa na qual está se referindo, o que faz toda a diferença sobre a forma de enxergar e interpretar os acontecimentos. Assim, com o olhar atual, foi narrada como elemento fundamental a importância do sentimento: “(...) quando a gente namorava então a gente sente, ele gosta de mim, e eu gosto [dele]”⁵.

O casal Ingo e Anni também relatam que não ficavam imaginando as qualidades do parceiro, seu Ingo acredita que esse é um pensamento atual: “Hoje em dia já é um namoro diferente, que hoje em dia as moças que casam já estão num estudo superior, na faculdade, já tem outra mentalidade”⁶. Na opinião de seu Ingo, atualmente as mulheres com formação superior imaginam e procuram por um namorado ideal, que esteja ao “nível” delas, e que na década de 50 todos os jovens tinham as condições de estudo e situação financeira semelhantes. Seu Ingo se refere ao grupo a qual pertencia e onde os relacionamentos poderiam acontecer, no caso, operários com escolaridade em torno de 5 a 10 anos de estudo.

Sobre a situação financeira dos pretendentes, os entrevistados responderam que este não era um fator que interferisse na relação. Como os casais entrevistados pertenciam mais ou menos ao mesmo nível social do outro, relataram que juntos trabalharam, economizaram, fizeram a festa de casamento e construíram sua família. Dona Tereza afirma que ninguém pensava no dinheiro do companheiro ou companheira, lembrando a orientação da mãe: “(...)

⁴ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, n. 22, São Paulo, jun/2001, p. 80.

⁵ Gerda B., entrevista citada.

⁶ Ingo B., entrevista citada.

a mãe sempre dizia “Tem que ser o amor”⁷. Com a burguesia do século XIX o amor passou a ser um componente importante na escolha dos cônjuges, e os pais, mesmo interferindo no namoro dos filhos, tiveram que exercitar a paciência e aceitar suas escolhas. A seleção do parceiro conjugal tornou-se uma questão fundamental para a higiene que se almejava. Nesse sentido, o discurso médico defendia a idéia de que a saúde dos filhos estava condicionada à saúde dos pais, logo no casamento engendrado pela higiene, o casal tinha um compromisso com os filhos, e o cuidado com a prole era o grande objetivo da união matrimonial. Essa nova forma de pensar condenava o casamento por interesses econômicos, que levavam ao conflito e ao desamor entre o casal⁸. A partir de 1920 a idéia do casamento por amor percorreu todas as classes sociais, e segundo Anne-Marie Sohn⁹ todos passaram a afirmar que as relações matrimoniais deveriam ser baseadas em um sentimento recíproco. Assim, o casamento por conveniência tornou-se vergonhoso, e o amor passou a ser o alicerce do casal.

Se por conta própria os entrevistados não relatam sequer que o namorado ou namorada deveria ter boa aparência, depois acabam revelando suas impressões sobre o outro: “Ele era bonito, era muito bonito”¹⁰ diz dona Tereza olhando para o marido, que todo envergonhado, responde: “Ah, nós namoramos desde pequenos, e fiquei assim né, apaixonado por ela, vou saber se ela era bonita... ela era bem dentuça (...) e nos agradamos um do outro né”¹¹. Entre tantas características a serem lembradas sobre o outro, se era alta ou baixa, cabelos compridos ou curtos, seu José referiu-se a um “defeito”. Não afirmou se a namorada era bonita – como ela elogiou ele – dizendo que não sabe, e justificou, que mesmo ela sendo dentuça, achou-a interessante, enfim, na intimidade de quem se conhece há quase 60 anos, disfarçou sua sinceridade.

Na visão das moças, os rapazes deveriam ser discretos, não chamarem a atenção ou adotarem uma postura de exibicionista. Dona Irene conta que havia um amigo daquele que seria seu namorado, interessado nela, mas ela não se agradou dele: “Ele parecia muito prosa assim né, se eu ia pegar um cara desses! (...) eu acho que com ele eu nem dancei porque já achei meio prosa, faroleiro”¹². Dona Tereza teve uma experiência semelhante: “eu não gostava desse cara, não gostava dele, ele era muito gavola, muito garganta”¹³. Enquanto os homens eram associados a estas nomenclaturas citadas, as moças com uma postura

⁷ Tereza F., entrevista citada.

⁸ COSTA, Jurandir F. Op. cit. p. 231.

⁹ SIMONNET, Dominique. Op. cit. p. 129.

¹⁰ Tereza F., entrevista citada.

¹¹ José Alexandre F., entrevista citada.

¹² Irene E., entrevista citada.

¹³ Tereza F., entrevista citada.

inadequada eram denominadas “coquetes”. Um artigo de jornal da época aconselha as moças quanto à postura ideal: “Uma moça não deve procurar ser muito coquete, pois isso pode prejudicar o seu bom nome. Mantenha uma conduta controlada e normal, agindo como todas as moças de sua idade. Não procure ser mais esperta que as outras, pois isso compromete seu futuro”¹⁴. Enfim, em função da boa reputação, a moça deveria ser discreta e não sobressair-se em relação às amigas, sob o risco de ficar mal falada e não conquistar um bom casamento.

No início da década de 50, circulava em Joinville uma revista mensal ilustrada denominada “Vida Nova”, que trazia reportagens de cunho político e econômico, e também espaços destinados a propagandas, notas sociais, receitas, conselhos e poemas. Assim como acontecia em outros lugares e momentos, a imprensa desempenhou um importante papel na formação e consolidação de valores femininos. Essencialmente escrita por homens, a imprensa contribuiu para dar contornos sociais de valores masculinos a respeito dos papéis das mulheres, divulgando e valorizando as posturas de boa mãe, esposa, dona de casa, filha ou irmã. Os jornais e a revista Vida Nova eram lidos pelos entrevistados, algumas entrevistadas chegaram até mesmo a colecionar as revistas, mantendo-as bem guardadas até hoje. Os impressos traziam artigos voltados à leitura feminina, e em forma de conselhos, expunham comportamentos que tanto deveriam ser assumidos como aqueles que deveriam ser evitados pelas mulheres, tornando-se assim, um instrumento normatizador de condutas.

Na seção denominada “Receitas e Conselhos” é possível encontrar um bom exemplo do que foi acima discutido: sob o título “O que afasta os homens” o artigo discorre sobre uma série de situações que desagradam os homens e que devem ser evitadas pelas mulheres, fornecendo pistas para conhecer como deveria ser a mulher ideal no imaginário masculino. Assim, as atitudes femininas desejadas são: Convencionalismo: respeitando valores morais e sociais, evitando atitudes inapropriadas e vestimenta “fora das convencionais”; respeito a personalidade do homem: alertando que a mulher que critica ou discute com um homem está sujeita ao isolamento. E as atitudes reprovadas são caracterizadas pelo: excesso de independência: as mulheres independentes tornam-se masculinizadas e não “estabelecem as bases de dependência que clama pelo carinho e cuidados masculinos”; nervosismo: a mulher nervosa, irritada ou pessimista desagrada e irrita os homens; egocentrismo: a mulher que muito fala ou primeiro opina em situações públicas, desagrada os homens porque os faz sentirem-se deslocados; falta de consideração: desejar adquirir futilidades, não considerar os preços e a situação econômica da família, afasta “violentamente” os homens; e finalmente,

¹⁴ A NOTÍCIA. Joinville, 9 out. 1953, p. 02. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

inteligência superior: considerações brilhantes poderiam despertar sentimentos de inferioridade por parte do homem, assim, se a inteligência do homem for superior, não haveria problemas, mas deveria tomar cuidado ao expressar seus conhecimentos em companhia dos “menos dotados”¹⁵. Interessante perceber que a longa lista dos comportamentos desejados e indesejados diz respeito apenas às posturas femininas, tanto os aconselhamentos, as notas de boas maneiras, os artigos, todos se referem ao comportamento feminino, inexistem nos jornais e revista, aconselhamentos sobre a postura masculina, ou atitudes que agradam ou desagradam às mulheres. Os ideais que determinam relações entre os gêneros, o desempenho de posturas consideradas femininas ou masculinas, em grande parte são aprendidas e adquiridas com a vivência familiar, mas é também construído, segundo Scott, na economia, na organização política, e que operam independentemente das relações de parentesco¹⁶. Neste caso, a imprensa, principalmente jornais e a Revista Vida Nova colaboram para a construção de gênero, à medida que dita regras e condutas para as mulheres, caso contrário, como quase que uma ameaça, e na época não poderia existir medo maior, de desagradarem aos homens e ficarem solteiras. Em relação ao preparo intelectual das mulheres, Margareth Rago discute a pouca preocupação com a educação feminina, que não visava prepará-la para a vida profissional, e sim no sentido de exercer sua principal função: a carreira doméstica. Os poucos conhecimentos deveriam apenas suprimir preconceitos, tornando-a uma companhia mais interessante e agradável ao homem¹⁷. Este ideal assemelha-se ao ideal divulgado pela imprensa em Joinville, aconselhando as mulheres sobre os comportamentos desejados e reprovados, visando transformar as mulheres em agradáveis companhias aos homens.

As características presentes nas páginas dos jornais e revistas não vieram à tona nas lembranças dos entrevistados, mas os valores da sociedade burguesa, da boa mãe, esposa e dona-de-casa estão sendo inseridos nessa sociedade, refletindo como as relações de poder moldaram não só a personalidade feminina, mas a maneira como os homens passaram a vê-la. Sobre as características do parceiro ou parceira ideal, dona Luíza e seu Rolf nos explicam:

(...) a gente ia convivendo e procurando, e via se era boa coisa, e a moça que se dava por bem, por moça direita, a gente falava muito moça direita antigamente né. Tinha moças direita e tinha moças que facilmente se doava né. Então a gente se considerava uma moça direita né, então, claro, quando eles vinham pro lado da gente a gente já cortava né, cortava o barato: “chega pra lá” (risos)...¹⁸

¹⁵ REVISTA VIDA NOVA. Joinville, fevereiro de 1950, p. 33. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

¹⁶ SCOTT, J. Op. Cit. p. 15.

¹⁷ RAGO, M. Op. Cit. p. 63.

¹⁸ Luíza G., entrevista citada.

Seu Rolf complementa:

É, pra começar tinha que ser recatada, uma mulher que não fosse vulgar né... uma pessoa que não fosse vulgar, que não fosse falada...Naquele tempo era assim... uma mulher que fosse difícil né, pior coisa que tinha era você sair no primeiro dia e já beijar, já ficava com um pé atrás né. Então tu já ficava com um pé atrás, porque isso aí não né, porque primeiro dia já posso abraçar, já posso beijar, posso fazer tudo ... daí não, daí chamava de galinha¹⁹.

É possível perceber que em Joinville havia a mesma distinção narrada por Carla Bassanezi em seus estudos sobre as mulheres dos anos dourados²⁰, classificadas entre as moças de “família” e as “levianas”. As moças de família eram aquelas que impunham limites, que não permitiam intimidades, que o namoro deveria acontecer dentro de casa, sob a permissão dos pais. Ao contrário, as jovens, como afirma dona Luíza “moças faladas” eram aquelas que estavam indiferentes aos preceitos e regras impostos pela sociedade. E para poder rotular as moças, os rapazes não hesitavam em fazer o teste, como lembra dona Luíza: “Os homens, eles procuravam muito testar as moças sabe, se já no começo deixava beijar e abraçar já desde o primeiro dia, aquilo eles não gostavam. (...) É, se aproveitavam mas gostavam né pai?”²¹, demonstrando que era uma prática comum entre os rapazes, praticado inclusive pelo marido, seu Rolf, que rememora: “O ditado naquele tempo era: ‘esse é um bucho!’ (...) É, de vida fácil né, e já quando fosse pra namorar sério daí já era outros quinhentos. Pra começar, já o primeiro dia o pai dizia ‘Ó, teu dia namoro é quarta até tal hora, sábado até tal hora, dez horas ou dez e meia...’”²².

Enfim, as moças de família eram aquelas que tinham o suporte e o controle por parte dos pais, que moravam com suas famílias, respeitavam seus pais, e cumpriam suas determinações em relação aos comportamentos, como horário e companhia para ir aos bailes, dias e horários para namorar, e até mesmo “prazo” para casar. Interessante perceber nos relatos a idéia comum de que os rapazes podiam testar e se “aproveitar” das moças, sem serem rotulados ou mal falados por conta disso, enquanto as mulheres que eles beijavam recebiam o apelido de “bucho”, uma referência ao fato que ela seria um problema, não era “coisa boa”, não era moça boa para namorar. Percebe-se através dos relatos a existência de papéis de gênero, indicando comportamentos adequados a homens e mulheres, a cobrança por parte da sociedade, de diferentes posturas, conforme o sexo do jovem. Assim, a “nova”

¹⁹ Rolf G., entrevista citada.

²⁰ BASSANEZI, C. Op. cit.

²¹ Luíza G., entrevista citada.

²² Rolf G., entrevista citada.

mulher que vinha sendo moldada desde o século XIX, e que aos poucos vai se moldando também em Joinville, é uma mulher que não demonstra desejo sexual, preocupada em casar-se e preocupada com a própria reputação na sociedade, não poderia ceder às investidas dos rapazes, mesmo que isso significasse ir contra os próprios sentimentos. Esta postura reflete a educação sexual que permeia uma sociedade, contribuindo para a formação da sensualidade dos homens e mulheres. Peter Gay discute o processo de formação das sensações sexuais das classes médias no século XIX, porém são construções que resistiram à virada do século, moldando os comportamentos de homens e mulheres. Assim, a sociedade impõe aos jovens advertências e inibições, como explica o autor, “educa os sentidos”²³.

Outra situação que colaborava para a classificação das moças entre aquelas com quem se poderia casar ou não, estava na sua postura em relação ao cigarro e às bebidas alcoólicas. A moça interessada na sua boa reputação deveria manter-se longe desses hábitos, e as entrevistas mostram que essa era uma educação que recebia em casa: “Minha mãe dizia assim pra mim ‘Ó, se você vai ao baile, se você ver uma moça fumar, você não chegue perto, aquela moça ali não tem valor minha filha, se retira’”²⁴. É possível perceber a moça além de não fumar, também não deveria ter amizade com aquelas que fumavam, correndo o risco de serem “confundidas” ou associadas a elas. Se nas memórias o cigarro aparece como algo impróprio às mulheres, sob o risco de ficarem mal faladas, os anúncios dos jornais expressam o contrário: na propaganda do cigarro “Continental”, aparecem um homem e uma mulher trabalhando, cada qual com um cigarro, ilustrando a seguinte frase: “Os tempos mudam... mas a preferência pelos cigarros Continental permanece!”²⁵. Enfim, o anúncio tem como objetivo transmitir a idéia de que viviam em um novo momento, onde não apenas os homens trabalhavam fora de casa e fumavam, mas também a mulher poderia desfrutar dos mesmos privilégios: associando a independência feminina ao trabalho e ao cigarro, a mulher moderna possuía uma carreira profissional e fumava.

Assim como o ato de fumar, a bebida alcoólica também não era vista como um bom hábito para as moças. Um artigo de jornal da época esclarece bem esta questão às mulheres: no artigo, a mulher que ingere bebida alcoólica é associada a um mau desempenho na função como mãe. Logo, essa afirmação influenciaria a maioria das mulheres, que aspiravam serem boas mães, inseridas em uma sociedade que valorizava as mulheres que se encaixavam na tríplice função de serem mães, esposas e donas de casa. Conduzindo para esta forma de

²³ GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória e Freud: a educação dos sentidos. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

²⁴ Tereza F., entrevista citada.

²⁵ A NOTÍCIA. Joinville, 12 mar. 1950, p. 5. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

pensamento e comportamento, o artigo segue alertando as mulheres: “Também os homens não gostam das mulheres que bebem. As jovens que bebem tem mais namorados, porém poucas se casam”, enfim associando a bebida à solteirice, uma idéia que amedrontava as moças, ou ainda, numa sociedade que é possível verificar o baixo número de relacionamentos, ou mesmo, o casamento com o primeiro e único namorado, o texto relaciona a bebida às moças vulgares, que têm “mais namorados”. No artigo, em relação a um suposto comentário de uma dona de casa: “Se a gente não beber, acham que já morremos”, responde-se apenas: “coitada”²⁶. Enfim, a idéia de uma mulher que encara a bebida como uma prática igualitária, tanto para homens quanto para mulheres, é desprezada, julgando-a como uma pessoa sem noção dos bons costumes e da realidade que vivencia. Outro artigo alerta para os perigos do cigarro e da bebida, não para a saúde das moças, mas para a sua reputação: “A mocinha que bebe, fuma, revela-se cheia de dinamismo, não está fazendo nada de bonito. Pelo contrário, está prejudicando seu conceito diante de terceiros. Isso não é modernismo, mas sim uma conduta pouco recomendável e hábitos que não devem ser contraídos”²⁷. Com relação a este e outros assuntos já discutidos, é possível perceber a postura das moças através de uma entrevista com uma candidata à Rainha do Centenário da cidade, publicada pela revista *Vida Nova*. Na entrevista, intitulada “Como pensa você”, é perguntado à jovem se concorda com “certas atitudes” de independência da mulher moderna, como ir à praia, fumar, trabalhar no comércio, na indústria ou repartições públicas. A candidata Juta Guettschow, afirmando ser este, um assunto complexo, acredita que o progresso feminino naqueles últimos anos era um fato evidente, e com ele vieram “atitudes de independência” que foram adotados pelas mulheres conforme seu caráter e temperamento. A moça diz concordar com muitos modernismos, reprovando apenas os vícios, que segundo ela, prejudicam a saúde²⁸. Não utilizando de idéias baseadas em papéis sexuais, ela usa a justificativa da saúde.

2.2 – ENTRE CREDOS E SOBRENOMES: OS ELEMENTOS IMPORTANTES PARA A FORMAÇÃO DE UM CASAL.

Para iniciar um namoro sem conflitos, e o mais importante, com a aprovação da família, era necessário que o casal pertencesse à mesma religião. Essa idéia de unidade religiosa era

²⁶ BLAU, Ernest. E. Que sabe dos homens e das mulheres? *A Notícia*, Joinville, 9 out. 1953, p. 02. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

²⁷ A NOTÍCIA. Joinville, 9 out. 1953, p. 02. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

²⁸ REVISTA VIDA NOVA. Joinville, dezembro de 1950. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

imposta pelos pais, que constantemente advertiam os filhos: “(...) meus pais sempre eram contra casar com católico. Isso meus pais sempre eram contra. (...) isso eles já explicavam antes, eles diziam: ‘Não vem com católico’”²⁹. Dona Anni passou pelas mesmas instruções: “Os pais puxavam né: ‘Ah, tu não vai casar com esse porque não é da mesma religião. (...) ela [mãe] dizia: ‘Não senhora, você foi batizada, foi confirmada, fica na tua religião’”³⁰

Por parte das famílias católicas a regra era a mesma: “Tinha que ser da mesma religião, não podia ser de outra, aí, se fosse de outra, Deus o livre, aí não dava. [Os pais] já falavam, (...) era família de gente muito católica (...) minha vó sempre dizia, que religião era a nossa, católica né, então tinha que ser da mesma religião”³¹. Nas memórias ficou registrado a exigência por parte dos pais, os entrevistados não se referem a um pensamento ou opinião própria, assim como não sabem explicar as razões por essa divisão religiosa.

Além da mesma religião, era cobrado por parte dos pais ter a mesma etnia: “É, o meu pai sempre exigiu isso [ter um namorado luterano] e também da mesma, da mesma... não que nem um alemão e um brasileiro”³². Assim, os pais expressavam “sua vontade” para com os relacionamentos amorosos dos filhos, sob a seguinte explicação: “Os pais falavam né, pra não dar muito mestiço, eles falavam né, dar outra raça depois né”³³. Os entrevistados sentem certo desconforto ao falar sobre isso, lembrando as idéias racistas e preconceituosas dos pais, e já complementando suas frases dizendo “Mas hoje em dia não tem mais isso”³⁴, narrando situações de filhos e parentes. Sobre as comparações com a atualidade, deve-se considerar que o entrevistado vive outro presente e tem uma relação com o passado. Nesse sentido, a entrevista traz à tona comportamentos, situações e opiniões muitas vezes que estão em desacordo com os valores do presente. Nestas situações o relato pode constituir-se uma ameaça, nesse caso um preconceito, já que as percepções sociais e públicas que se tem no presente são muito diferentes do passado. Como afirma Montenegro: “Relembrar é projetar publicamente um cenário a que a ótica do presente poderá oferecer inúmeras restrições”³⁵, assim, a forma de narrar se ajusta aos valores atuais, no qual a entrevistada enfatiza que o preconceito em relação à miscigenação partia dos pais, e que atualmente sua família não segue mais os mesmos preceitos.

²⁹ Irene E., entrevista citada.

³⁰ Anni B., entrevista citada.

³¹ Tereza F., entrevista citada.

³² Gerda B., entrevista citada.

³³ Gerda B., entrevista citada.

³⁴ Gerda B., entrevista citada.

³⁵ MONTENEGRO, op. cit. p. 61.

Esta necessidade de conformidade étnica é uma característica de Joinville³⁶, por ser uma cidade habitada por descendentes de portugueses, que recebeu imigrantes alemães. Segundo João Klug, o grupo de imigrantes vindos para o Sul do Brasil e denominados alemães, incluía minorias teutas do Leste Europeu, e que os documentos oficiais do governo intitulam como alemães por terem embarcado em portos alemães, assim, este grande grupo era formado também por suíços, noruegueses, russos, poloneses. Além disso, segundo o autor, os imigrantes não tinham a identidade alemã, mas fortes identidades regionais (badenses, pomeranos, prussianos)³⁷. Ainda sobre a origem dos imigrantes aqui estabelecidos, Dilney Cunha discute a participação dos demais grupos na formação da cidade, principalmente os suíços, desprezados pela historiografia local e esquecidos, segundo o autor, em função do enaltecimento dos alemães, considerados “verdadeiros construtores” de Joinville³⁸. A relação entre descendentes de alemães, conhecidos por “teuto-brasileiros”, e descendentes de portugueses, chamados de “lusobrasileiros”, “brasileiros” ou “caboclos” gerou uma série de tensões que se refletiam no cotidiano, nos jornais e clubes diferenciados, e que acompanharam a entrada do século XX³⁹.

As tensões entre teutos e lusos remontam a formação da colônia Dona Francisca, atual cidade de Joinville, iniciada em meados de 1851, como aconteceu em outras localidades com situação semelhante, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Verifica-se uma situação de impermeabilidade dos imigrantes e descendentes frente à sociedade brasileira que não foi proposital, já que ao chegarem no Brasil, os imigrantes reivindicaram a presença do Estado, procurando integrar-se à nova pátria e exercer a cidadania. No entanto, suas reivindicações não foram atendidas, seja no campo estrutural, econômico, político, educacional ou religioso, dificultando a integração à sociedade nacional. Segundo João Klug, ao longo deste processo para suprir as próprias carências, foi se constituindo uma nova identidade, denominada “teuto-brasilidade”, uma identidade híbrida, que não possuía a plena cidadania brasileira, nem a alemã. Predispostos a superar o rótulo de “estrangeiros” recebido

³⁶ Outras cidades do Sul do Brasil também receberam imigrantes europeus, sendo palco de tensões étnicas entre brasileiros e descendentes de outras etnias, como alemães, italianos, poloneses, entre outras. Um exemplo é a cidade de Brusque: os estudos de Renzo Grosselli apontam que entre 1876 e 1891 ocorreram 1.161 uniões naquela comunidade, sendo que apenas 82 foram entre alemães e outras etnias, e destas, eram principalmente entre alemães e italianos, o que demonstra a importância da conformidade étnica para os relacionamentos. GROSSELLI, Renzo M. *Vencer ou Morrer*. Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. 1875-1900. Florianópolis: EdUFSC, 1987.

³⁷ KLUG, João. *A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil*. ADLAF – Jahrestagung/2003. Institut und dem Seminar für Wissenschaftliche Politik der Albert-Ludwigs Universität. 13-15 de Novembro de 2003, Freiburg, DE, p. 01.

³⁸ CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. Joinville: Detrad'água, 2003.

³⁹ Sobre a tensão entre teutos e lusos, ver: SILVA, Janine Gomes. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: UNIVILLE, 2004.

pelos brasileiros aqui estabelecidos, mobilizaram-se e tomaram para si o direito de ser brasileiro e permanecer alemão, perpetuando os traços lingüísticos e culturais⁴⁰.

No início do século XX desenvolveu com muita intensidade o conceito “de origem”, uma nomenclatura forte nos anos 50 e presente ainda hoje em cidades colonizadas por alemães, como é o caso de Joinville. “Ser de origem” era o elemento fundamental na distinção étnica, ligado à idéia de herança de sangue, ou seja, poderia ter nascido no Brasil ou nas regiões da atual Alemanha, mas tinha sangue alemão e falava alemão. Esta denominação era importante em uma sociedade marcada por conflitos étnicos, embates que debatiam inclusive a capacidade para o trabalho, o desenvolvimento econômico, higiene, beleza e comportamentos. “O ser ‘de origem’ constituiu-se num amálgama que superava qualquer outra diferença. Neste contexto, o papel da família é reforçado. Para distinguir a qualidade superior de uma pessoa, procurava-se verificar se esta pessoa era ‘de origem’”⁴¹. Assim, o casamento, para uma pessoa “de origem” deveria ser com outra pessoa “de origem”. Apesar da passagem do tempo, esta característica permanecia forte ao longo das décadas de 30 e 40, o teuto-brasileiro era aquele descendente de imigrantes, mas era “de origem”, ou seja, tinha sangue alemão, falava o idioma e cultivava uma forma de ser considerada alemã, expressada por várias formas como a língua, hábitos alimentares, organização de moradia, espaços de sociabilidades, representando um pertencimento a identidade alemã, e que deveria ser preservada e repassada aos filhos, situação garantida apenas com o casamento étnico.

Assim, é possível perceber a especificidade da cidade de Joinville, uma cidade com a forte presença das questões étnicas, que contribuía para a ocorrência de variados preconceitos, em relação àqueles que não fossem descendentes de alemães. Em meio a estas relações étnicas, juntemos as questões religiosas, as situações financeiras, a vivência operária, a introdução de normas e valores burgueses na construção de uma sociedade “moderna” e também construindo as relações de gênero em seu interior. Enfim, uma sociedade com características próprias, proporcionando diferentes vivências para aqueles rapazes e moças que estavam à procura de seus pares.

Diante da permanência do preconceito e das tensões étnicas entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, seu Ingo sentiu o preconceito e a reprovação por parte da família ao namorar uma moça católica e brasileira:

⁴⁰ KLUG, J. Op. cit. p. 02.

⁴¹ KLUG, J. Op. cit. p. 07.

Ah, eu tive uma briga com a minha família, porque eu namorava com uma morena bonita, ela morava aqui na Procópio Gomes, mas ela era católica, ê: ‘Tu não me traz essa guria aqui pra dentro de casa’ (...) naquela época nossa aí, ê, eu gostava dela, então encontrava ela na praça, domingo, sábado, ia trazer lá em casa: ‘Tu ainda ta com essa cabocla?’⁴²

Percebe-se que o sentimento do jovem ficava em segundo plano, em favor da opinião da família, já que, mesmo gostando da moça, foi pressionado a terminar o relacionamento. O preconceito em relação às outras etnias parecia não existir para os jovens, tratava-se de uma pressão familiar. Para o rapaz não havia problemas em namorar uma moça brasileira, já que faz elogios a ela, citando sua beleza, e que mesmo contra o gosto da família, encontrava a moça na praça. Interessante que a necessidade de se relacionar com pessoas da mesma etnia está nas memórias apenas dos entrevistados de ascendência alemã, o casal de origem portuguesa relata que o mais importante era possuir a mesma religião, e que o casal não precisava ser necessariamente da mesma etnia. É importante ressaltar que Joinville, ainda naquele momento, era composta e “dividida” entre alemães luteranos, e brasileiros católicos. Portanto, nas memórias de dona Tereza e seu José, o importante era ser católico, a etnia não importava, porém, dificilmente encontrariam um católico que não fosse brasileiro.

É possível perceber que este é um momento de introdução das normas familiares burguesas, porque ao mesmo tempo em que estas normas prescreviam o amor romântico, a necessidade de vivenciar o namoro, como parte fundamental do rito em que a escolha individual do parceiro levará a um casamento com afinidades, por outro lado vê-se ainda que os jovens se submetiam à autoridade do pai e à escolha da família, numa demonstração de que não bastava escolher e gostar do parceiro ou da parceira, era necessário a aprovação familiar. Segundo Carla Bassanezi⁴³, apesar da escolha matrimonial partir dos enamorados, a influência familiar permanecia forte, encarada como um cuidado que os pais deveriam ter em relação aos filhos, sendo assim, a aprovação dos pais era considerada importante para a felicidade conjugal.

A diferença étnica parecia ser uma questão que dividia opiniões: por parte dos pais, era algo a ser evitado, já que os filhos deveriam se casar com pessoas da mesma “origem étnica”. Para os filhos e para as pessoas não ligadas à família a questão não deveria influenciar no sentimento do casal. Em uma seção da revista Vida Nova, provavelmente a única escrita por uma mulher, Marilene responde às cartas de leitores, aconselhando as mesmas frente aos problemas relatados. Em uma delas, a garota que se identifica como “Loirinha dos olhos

⁴² Ingo B., entrevista citada.

⁴³ BASSANEZI, Carla. Op. cit. p. 616.

verdes” expõe sua situação de um amor não correspondido, segundo ela, o relacionamento não existe porque além do rapaz estar doente e viajando, desabafa: “(...) meus pais não consentem que eu o namore, por não ser da minha raça”. Diante da situação, a “loirinha” pede um conselho a Marilene: deve insistir na relação ou tentar esquecê-lo? Como resposta, a orientadora amorosa pede mais informações a respeito da doença do rapaz, e sobre a posição dos pais escreve: “E quanto a seus pais não consentirem no namoro por não ser o rapaz da mesma raça que a sua, não vejo motivo para tal. Que me desculpem seus pais se me estão ouvindo, mas esta é a verdade. Conheço tantos casais de raça diferente e que por sinal são muito felizes”⁴⁴. Mas se nesta situação a “conselheira amorosa” mostra-se bastante liberal e livre de preconceitos, o mesmo não acontece na revista do mês seguinte. Uma leitora, sob o pseudônimo “Vida mal traçada” explica que há dois anos vinha se correspondendo com um rapaz do Rio de Janeiro, que estaria completamente apaixonada por ele, porém o rapaz era negro. A garota, consciente de que sua família proibiria o namoro, se diz disposta a enfrentar todos os obstáculos, mas insegura, recorre à Marilene e lhe pede que responda com franqueza: deveria lutar pela sua felicidade ou renunciar ao seu grande amor? Marilene é objetiva em sua resposta, e sem pudores, revela ser tanto ela, quanto a sociedade que convivem, preconceituosos em relação aos negros. Aconselha a garota a renunciar ao amor, e mesmo sem nenhum motivo aparente, supõe que o rapaz agiu de má fé com ela, e que o mesmo deve namorar uma moça “em seu meio, no meio da sua raça”. Expondo-se contrária à miscigenação quando um dos jovens é negro, explica a proibição do namoro sob um olhar simplista e preconceituoso, como se fosse possível prever o futuro arrependimento da moça caso o casamento viesse a acontecer: “Você já se imaginou, de braço com um preto, chamando a atenção de todos os olhares? Já pensou em seus filhinhos, todos mulatinhos?! Você mesma, vendo-se diante do espelho, há de ver o arrependimento estampado em seu rosto; mas então, será tarde”⁴⁵. Enfim, Marilene expressa a visão preconceituosa da sociedade onde vive, já que segundo ela, este relacionamento atrairia olhares pelas ruas, como também ela própria colabora, através da imprensa, para afirmação de idéias de superioridade racial, estimulando o preconceito em relação aos negros.

Porém, entre tantas histórias narradas, de conformidade étnica e religiosa, um casal fugiu aos padrões e regras impostas pelos pais e pela sociedade: Seu Rolf, de família alemã e religião luterana, e dona Luíza, de família “brasileira” e católica. Sobre a diferença religiosa, dona Luíza afirma que tiveram uma conversa antes de iniciar o namoro: “Tudo isso a gente

⁴⁴ REVISTA VIDA NOVA. Joinville, agosto de 1950, p. 29. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

⁴⁵ REVISTA VIDA NOVA. Joinville, setembro de 1950, p. 14. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

conversou, eu era católica. Daí botei tudo em prato limpo, e fiz ele conversar, se ficava comigo, freqüentava a minha igreja”⁴⁶. Percebe-se aqui a necessidade de esclarecer e resolver o “problema” da diferença religiosa. Como uma imposição dona Luíza alertou o namorado: se quisesse namorar com ela, teria que adotar a sua religião. A diferença étnica não foi um problema para esse casal, segundo dona Luíza, sua sogra nunca se opôs ao namoro, já que os irmãos de seu Rolf também se casaram com “brasileiras”.

A identidade teuto-brasileira que tanto agrupava e excluía sofreu duras intervenções com a política nacionalizadora empreendida a partir de 1937 pelo governo de Getúlio Vargas. O autoritarismo do Estado Novo elaborou uma legislação que visava resolver problemas sociais presentes na década de 1930, principalmente questões como o comunismo, o trabalho e o nacionalismo. Nesse sentido, organizou-se uma campanha visando a assimilação dos teuto-brasileiros, considerados portadores de uma cultura incompatível com os princípios de brasilidade, inconveniente para o nacionalismo brasileiro. Assim, buscou-se acabar com a diversidade étnica existente, em especial a germânica, considerada mais vulnerável a compactuar com o nazismo.

Em nome de uma unidade nacional, a língua alemã passou a significar um “perigo”, sendo proibida sua prática. A proibição do uso do idioma alemão e as conseqüências deste fato tiveram em Joinville vários desdobramentos, pois, a cidade até então costumava ter seus referenciais pautados na sua “origem étnica”, fruto da importância da imigração alemã no decorrer do século XIX⁴⁷. As proibições, principalmente, as relacionadas à questão da língua marcaram as mais diversas esferas da sociedade, como também o fechamento de escolas, de jornais, aprisionamentos e tratamentos hostis na sociedade⁴⁸. A Campanha de Nacionalização e a Segunda Guerra Mundial contribuíram para as tensões étnicas existentes na cidade, em muitos casos ser teuto-brasileiro representou desprestígio social, sendo alvo de preconceitos

⁴⁶ Luíza G., entrevista citada.

⁴⁷ Sobre o período da nacionalização em Joinville, ver: BRUHNS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma*. (A Campanha de Nacionalização em Joinville). Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina; COELHO, Ilanil. *É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se*. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) *Histórias de (I)Migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000. COELHO, Ilanil. *Joinville e a Campanha de Nacionalização*. São Carlos, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos; CRISTOFOLINI, Nilton José. *Nacionalização do ensino: estratégia para a construção da nacionalidade e sua contextualização em Joinville*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina; e, DEVEGILLI, Maria Terezinha Niedziewski. *A nacionalização da “loura” Joinville – 1937/1942*. Joinville, 1989. Monografia (Especialização em História da América) – Fundação Educacional da Região de Joinville/Universidade Federal do Paraná; SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. 2004. Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

⁴⁸ COELHO, Ilanil. Op. cit.

por “representarem” a Alemanha nazista, ocorrendo desavenças entre as etnias, envolvendo delações de brasileiros contra os teuto-brasileiros.

Alguns anos depois, na comemoração do centenário da cidade, percebe-se um esforço no sentido de valorizar os feitos do imigrante alemão, amenizando as dores do período da nacionalização. Segundo Janine Gomes da Silva, as festividades do Centenário de Joinville ocorreram em 1951, mas foram preparados desde 1946 pela Sociedade Amigos de Joinville constituindo-se em um investimento no imaginário da cidade em valorizar aquele momento, “apaziguando -se” com o período traumático que foi vivenciado anos antes, durante a Campanha de Nacionalização (1938-1945). O próprio grupo que organizou as comemorações, a SAJ (Sociedade Amigos de Joinville), contava com integrantes teuto e luso-brasileiros, frisando em seus discursos, que a diferente origem étnica dos componentes da SAJ era um símbolo de união. Nas memórias sobre o evento, o Centenário é lembrado como um momento grandioso, onde não havia mais a separação entre brasileiros e alemães, inclusive nas conversas, que passaram a ser na língua portuguesa após as represálias da Campanha de Nacionalização⁴⁹.

Assim, a partir do período da nacionalização e o Centenário ocorrido em 1951 representam um momento em que começam a ser diminuídas as distinções entre as etnias, contribuindo para a atenuação dos preconceitos e permitindo a formação de casais de etnias diferentes. Porém estes ideais não eram unânimes, como já foi exposto, para algumas famílias a importância da formação de casais “de origem” continuou prevalecendo, mesmo após os esforços do Estado no sentido de homogeneizar as práticas culturais do país. Dona Luíza, luso-brasileira que não enfrentou problemas para casar-se com um teuto-brasileiro, relatou a experiência do namoro anterior:

Tinha um alemão ali da avenida Getúlio Vargas, também namorei com ele, mas não levou muito tempo, o pai dele não queria por nada, o pai do alemão, eles eram alemão e eu brasileira, eles não queriam que namorasse com caboclo. Eles não aceitavam, os pais escolhiam a raça, sabe, pra namorar com os filhos né, tinha que namorar só com alemão⁵⁰.

Percebe-se nos relatos que as experiências de quem sofreu algum preconceito ou privações oriundas de diferenças étnicas ficaram marcadas na memória, tanto para a mulher,

⁴⁹ SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer...* op. cit.

⁵⁰ Luíza G., entrevista citada.

proibida de namorar pelos pais do namorado, quanto pelo homem, proibido de namorar com a bela moça brasileira.

Na maioria dos casais entrevistados as moças iniciaram seus relacionamentos, entre 15 e 16 anos, e os rapazes entre 16 e 19. Levando em consideração os dois anos que se passavam entre o namoro e o casamento, as idades estavam abaixo das prescrições médicas, que indicavam como idades ideais para o casamento 18 a 20 anos para a mulher e 24 a 25 anos para o homem⁵¹. Por se tratarem de operários, e ao contrário de outras cidades, não se percebe a necessidade de atrasar o casamento em favor dos estudos ou fatores de ordem econômica dentro da família⁵². Na maioria dos casais ambos desempenhavam funções em empresas, e casaram-se depois de vivenciadas as fases do namoro e do noivado. Seu Rolf e dona Luíza representam aquele casal que o namoro tinha tudo para não dar certo, já que além da diferença religiosa e étnica, havia a diferença de idades. No casal citado, ela era sete anos mais velha do que ele, contando com 25 anos enquanto ele possuía 18. Ela lembra que, assim como no caso da religião diferente, tiveram uma conversa: “Eu expliquei tudo pra ele, se queria ou não queria”⁵³. Dona Luíza demonstra uma postura racional ao iniciar o namoro, expondo suas características ao rapaz, que face às informações e exigências, deveria decidir se namoraria ou não com ela. É possível perceber uma postura de liderança por parte de dona Luíza, numa sociedade dominada por homens. Marcos Montysuma, ao discutir a situação das mulheres da Amazônia como transmissoras de conhecimento aos homens, discute a relação do “mito” do poder masculino em relação aos gêneros. Nesse sentido, o autor argumenta: “Não ocorre necessariamente uma luta entre ambos para ver quem detém o poder, mas uma complementaridade, um exercício compartilhado, onde cada um o exerce na sua instância e na medida em que é provocado a vivenciá-lo”⁵⁴. Assim, diante da responsabilidade e maturidade que a idade já lhe proporcionara, dona Luíza desempenhou o papel racional tão necessário naquele momento marcado pelas emoções de início de namoro, e fundamental para prevenir problemas naquela sociedade que não via com bons olhos o fato de uma mulher vivenciar vários namoros; assim, ela não poderia se arriscar com um namoro regido por mais

⁵¹ COSTA, Jurandir F. Op. cit. p. 221.

⁵² A idade dos casais é analisada por Cacilda da Silva Machado, ao discutir a história da socialização de uma família descendente de alemães em Curitiba. No trabalho, a autora percebe entre os trabalhadores urbanos havia um fluxo de riqueza dos filhos em direção ao pais, no sentido de garantir um melhor estabelecimento econômico da família no meio urbano, contribuindo para adiar a idade do casamento, ao contrário das regiões rurais, marcada pela precocidade das idades, já que os casais gratuitamente recebiam terras para a formação de domicílio próprio. Ver: MACHADO, Cacilda da Silva. A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, p. 75-100. 1997.

⁵³ Luíza G., entrevista citada.

⁵⁴ MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. *Gênero e Meio Ambiente: mulheres na construção da floresta Amazônica*. In Temis Parente (Org). No prelo.

uma diferença, a da idade, e que nessas circunstâncias representava um relacionamento sem futuro. É importante perceber essas experiências que demonstram a liderança feminina em uma sociedade compreendida como de domínio masculino, que permite o reconhecimento desse gênero como sujeito na história, revelando intervenções no espaço dominado pelos homens⁵⁵.

Provavelmente nos seus anos de experiência a mais, Luíza percebeu que na visão da sociedade tradicional a qual pertenciam, a grande diferença de idade poderia ser alvo de falatórios, além de o relacionamento tornar-se incompatível, devido a maturidade de cada um. Seu Rolf lembra que houve resistência por parte dela, por causa da idade, mas propôs: “Não, vamos tentar pelo menos né”⁵⁶. Ela confirma que casou mais tarde que as amigas, que se casavam em torno de 20 e 22 anos, e ela casou-se aos 29. Porém, lembra que não houve reprovação por parte das famílias, e que se casou mais tarde que o comum. Quando insistimos em saber o motivo de ter “demorado” a casar, a resposta vem acompanhada de risos: “Porque foi o destino”⁵⁷. Provavelmente a explicação nestes termos nos remete a outras questões e experiências que não conseguimos vislumbrar neste momento.

2.3 – O INÍCIO, OS OBSTÁCULOS, OS PROGRAMAS, OS DESENTENDIMENTOS: O COTIDIANO DO CASAL.

Os namoros iniciaram, como relatado, nos bailes, ensaios de dança, também na escola, como é a história de dona Tereza e seu José, que dizem namorar desde a quarta série primária, quando ela tinha 10 anos e ele 13: “Nós jogávamos bilhetinho por baixo da cadeira, nós era triste, tu vê. Nós ia bater bandeira, mas ele tinha que ir na frente, pra eu poder ao menos pegar nele, me levar”⁵⁸. Dona Tereza demonstra uma postura desinibida. Na sua ingenuidade de criança provavelmente ainda não se preocupava com as “boas maneiras” que povoavam o pensamento das moças, e sempre que possível aproximava-se do até então colega de turma, tentando um contato físico com ele.

O primeiro contato entre dona Anni e seu Ingo foi na competição de remo, quando ela era torcedora da equipe adversária e gritava para ele: “Tomara que vocês perdem!”⁵⁹. Mas o início exato do namoro é lembrado e narrado com detalhes por seu Ingo: “O namoro de

⁵⁵ SALVATICI, Silvia. Memória de Gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, jan-jun 2005, p. 29-42.

⁵⁶ Rolf G., entrevista citada.

⁵⁷ Luíza G., entrevista citada.

⁵⁸ Tereza F., entrevista citada.

⁵⁹ Anni B., entrevista citada.

verdade começou no baile, (...) as torcedoras iam todas no baile, e a entrega das medalhas era dez horas da noite, ia até dez e meia, quinze para as onze, aí começava o baile e ia. Eu era meio ruim pra dançar, mas pensei ‘Vou me meter’ e tirei ela pra dançar, (...) daí ela veio com tudo”⁶⁰. Seu Ingo se mostra um rapaz corajoso, que supera o fato de não saber dançar, expondo-se para a jovem Anni. No olhar atual sobre o passado vivido, seu Ingo rememora aquele momento com autoconfiança, como quem também era desejado pela parceira.

Percebe-se que o primeiro contato, a primeira aproximação é um momento marcante na vida dessas pessoas, lembrado com carinho e narrado com detalhes, é a primeira conversa ou toque naquele com quem permaneceriam juntos por toda a vida. Dona Irene conheceu aquele que seria seu futuro marido em um baile, no salão conhecido como “Schramm”, localizado na Estrada da Ilha. Dona Irene lembra o rigor com que os pais dele controlavam suas saídas noturnas, já que só poderiam participar de um baile no final do ano, devendo escolher entre o baile de Natal ou do Ano Novo. Por ser um local distante, aproximadamente 10 quilômetros do centro da cidade, os jovens utilizavam os meios de transporte disponíveis. O rapaz foi de ônibus, e a moça foi de bicicleta, mesmo sendo distante e noite. Dona Irene explica que foi ao baile, mas sem intenção de namorar, apenas se divertir, e dançou com seu Reinaldo durante o baile. E aconteceu o que as pessoas diriam que foi “força do destino”: o rapaz esqueceu o guarda-chuva no salão, e convenceu o pai de que teria que retornar no baile de Ano Novo para resgatar o seu pertence, foi quando encontrou novamente a jovem Irene. E como diz dona Irene, eles se encontravam “sem combinar nada”, tanto que no domingo, primeiro dia do ano, encontraram-se por acaso, e foi o início do namoro:

Que no Natal a gente dançava mas nem tinha intenção de nada. E nem naquela vez assim. Só que depois, domingo, era dia de ano novo mesmo, primeiro do ano, que a gente se encontrou. Domingo, eu fui dar uma voltinha assim na rua, pela estrada depois, de repente ele aparece outra vez na nossa frente. Nós saímos pra dar uma voltinha assim, a irmã disse: ‘Olha quem ta aí’, e de lá nós fomos lá pro aeroporto, eu de bicicleta, ele de bicicleta, fomos conversando, e de lá depois começamos a namorar né”⁶¹.

Seu Rolf e dona Luíza se viram pela primeira vez em uma apresentação teatral, segundo seu Rolf, às vezes não se interessava pelos filmes em exibição nos cinemas, naquele dia resolveu conhecer o grupo de teatro “São José”, um grupo de jovens ligado à Igreja Católica, e assim começa a contar a história do casal:

⁶⁰ Ingo B., entrevista citada.

⁶¹ Irene E., entrevista citada.

Daí eu fui no teatro ali do São José ali, aí, lá, ela tava lá com a mãe dela, daí olhou assim, mas eu não conhecia a mãe dela também, daí eu ia conversar né, mas daí eu vi a mãe dela, eu digo “Não, vou embora, vou pra casa que amanhã é dia de trabalho”. Daí depois nós se encontramos ali no “baile da Rainha” que tinha naquele tempo, era o “Botafogo”, Daí eu fui lá olhar... Antigamente, quem não queria entrar no salão, podia olhar por fora, hoje em dia não né, olhando pela janela pra ver quem é que tava lá dentro né, se o nosso parzinho tava lá (risos)⁶².

O jovem temeu uma aproximação, devido à presença da mãe da jovem, e evitando prolongar-se no horário, foi para casa descansar, pensando no trabalho do dia seguinte. Mas curiosamente, dias depois encontrou a moça na porta do salão, sem a mãe, mas com a irmã, e teve coragem de aproximar-se dela e iniciar uma conversa. E dona Luíza conclui:

Daí ele perguntou se no outro dia ele podia ir na minha casa. Daí ele perguntou se podia ficar junto comigo. Eu disse “Ó, você é que sabe, eu não forço ninguém”, eu não tinha amor nele ainda mesmo né, era só paquera, “Se é pra vir um dia, dois, freqüentar a casa e depois se mandar, então não precisa vir. Pensa bem primeiro se você pode freqüentar a casa ou não”. Quando foi no outro dia, ele lá, a minha irmã: “Luíza, visita pra ti” (risos)⁶³.

Dona Luíza expressa uma posição firme e racional, de quem só aceitaria um namoro se fosse um relacionamento sério, com o rapaz freqüentando sua casa, como “moça direita” que era. E assim aconteceu com a maioria dos casais entrevistados, após o primeiro contato, chegava o momento do rapaz ir até a casa da moça, onde num primeiro momento conversavam fora de casa, “acertando os ponteiros” como diz dona Luíza, já que ainda era cedo para entrar em casa.

Com a certeza do sentimento e do compromisso sério, era chegado o momento de conhecer a família da moça, num ato de pedir permissão para o namoro. Dois meses após ter conhecido e conversado com Luíza, Rolf foi conhecer a família da namorada. Segundo ela, ficavam todos na sala conversando, e a aprovação da família era importante para o futuro do casal. Dona Gerda, que morava no centro da cidade com a irmã casada, não pediu permissão aos pais para namorar, porque segundo ela, já tinha 23 anos, idade suficiente para decidir sozinha e começar a namorar.

Dona Irene, que assim como dona Gerda morava distante dos pais, contava com apenas 16 anos, mas parece também ter tomado a decisão de namorar praticamente sozinha. A família para a qual trabalhava de doméstica percebeu que um rapaz rondava a casa de bicicleta, assim, sua patroa perguntou-lhe se ela havia “arrumado alguém”, e ela respondeu

⁶² Rolf G., entrevista citada.

⁶³ Luíza G., entrevista citada.

“Ah, não sei se vai dar certo”⁶⁴. Seus padrões tinham responsabilidade sobre a jovem, e não permitiram que ela fosse conversar com o rapaz. Mesmo sozinha em casa, dona Irene sabia dos seus limites, espiava o rapaz passar de bicicleta e lembra que pensou: “Eu não vou lá fora pra conversar com ele, o que é isso!”⁶⁵, percebe-se uma preocupação de dona Irene em comportar-se de acordo com as regras ditadas pela sociedade, apesar de ter cogitado ir até a frente da casa conversar com o rapaz. Dona Irene lembra as orientações do patrão: “‘É, mas daí tem que ir em casa primeiro, perguntar para os pais, se tu podes namorar’. Eu e o meu irmão fomos de bicicleta, mas tu sabe que eu nem me lembrei de perguntar em casa. Daí me perguntaram quando eu voltei ‘Pode namorar?’ aí eu disse que sim, menti (risos)”⁶⁶. Com o passar do tempo a memória nos prega peças, não é possível lembrar e ter certeza de tudo o que aconteceu. Interessante notar que a menina de 16 anos, recém chegada da área rural desobedeceu aos padrões e aos pais, ao decidir por conta própria namorar aquele rapaz.

Conversando com os entrevistados, é possível perceber que nem todos os jovens acatavam as ordens dos pais. Por mais que vivessem numa sociedade que impunha regras e valores, e que deviam respeito e obediência aos pais, algumas jovens enfrentaram as famílias para prosseguir com seus namoros, demonstrando atos de rebeldia. Mesmo na sociedade dos anos 50, colocaram seus corações e seus desejos em primeiro plano. Foi possível perceber que estas moças que lutaram pelo seu relacionamento, moravam com a mãe e irmãos, já que seus pais, um era falecido e o outro divorciado. Na ausência do pai, deveria respeitar – ou não – a mãe e os irmãos mais velhos.

Dona Tereza é um exemplo dessa situação, sua mãe não aceitou seu namoro, e permaneceu não aceitando os longos oito anos de namoro e nem mesmo o casamento. Nas memórias de dona Tereza, os motivos para a mãe não aceitar o namoro se confundem, entre o namorado ser de família com melhores condições financeiras, e não ser uma boa pessoa para ela, e que inclusive a família dele também se posicionava contra. A história de dona Tereza é um exemplo de rebeldia e persistência, que vale a pena transcrever aqui:

Porque a minha sogra era bem de vida né, eles eram melhor de vida, e nós era pobre, a minha sogra não queria. Minha mãe achava que era isso, aí quando eu comecei a namorar a minha mãe disse assim: ‘Filha, aqui é uma coisa muito difícil, você não tem pai, você sabe o tratamento, não é brincadeira, precisa respeitar a mãe’ e ela disse assim ‘Não pensa que ele vai chegar na casa aqui sem falar comigo, ele vai entrar e tem que falar...’ aí eu tinha medo, (...) foram oito anos de sofrimento assim. Aí quando eu fiz dezoito anos eu disse ‘Minha mãe, agora eu to na minha vez, to trabalhando, e dele eu não vou deixar’ eu disse assim,

⁶⁴ Irene E., entrevista citada.

⁶⁵ Irene E., entrevista citada.

⁶⁶ Irene E., entrevista citada.

porque o meu marido era um homem assim muito namorador, ele bebia um pouquinho, sabe como é jovem né, naquele tempo já existia. E minha mãe dizia assim: ‘o teu pai era um homem tão querido, e você... eu não quero o namoro de vocês!’. Aí eu disse assim pra ela tadinha: ‘Pois se a senhora não quer eu vou embora com ele, eu vou fugir’, daí eu apanhei uma coça bem grande, apanhei. Aí eu disse assim pra ela: ‘Mas quanto mais eu apanho mais eu gosto dele minha mãe, não adianta tu me surrar’. Daí o meu irmão que tava no lugar de pai, disse assim: ‘Mãe, deixe, se é da vontade dela, deixa esse namoro’. Aí começemos a namorar, daí nós brigava muito, nós terminava e voltava, e ia e vinha. Aí ele disse assim: ‘Olha, tu sabe de uma coisa, eu vou na tua casa, e vou enfrentar tua mãe, e vou pedir pra nós noivar’. Daí ele enfrentou a minha mãe, uma noite lá, um sábado. Daí ele disse assim: ‘Olha dona Zina, eu chego aqui agora, eu vim agora, me interesse pra gente noivar e casar’ ela olhou e disse assim ó: ‘Eu não quero esse noivado, noivar com o quê você vai noivar? Eu não tenho filha pra noivar’ aí ficou outra vez, aí nós começemos a namorar, daí ele ia lá em casa né, mas a mãe né, e tinha a hora de sair, era nove horas, dez horas tinha que sair, e domingo a mesma coisa, a minha mãe não dormia enquanto ele não saía⁶⁷.

O relato é a versão “escolhida” entre tantas outras possibilidades, e nisso reside sua importância, já que foi escolhido a partir da subjetividade do narrador, para expressar aquele momento ou acontecimento. Assim, entre tantas histórias em potencial, possibilidades imaginadas e não escolhidas, dona Tereza escolheu falar sobre seu relacionamento com a mãe sob este prisma, e sua percepção possibilita conhecermos as questões presentes naquele momento, conforme trazemos neste estudo. Assim, o relato “escolhido” permite perceber que o relacionamento entre mãe e filha era complicado, sendo que a mãe tentava impor sua autoridade, proibia o namoro, mas Tereza continuou insistindo. Interessante notar a idéia de maioridade aos 18 anos, já que a partir dessa idade, Dona Tereza considerava-se adulta, trabalhava, e achava que deveria decidir seu futuro sozinha, inclusive ameaçando sair de casa. Como já comentado, nas famílias que o pai/marido havia falecido, era comum um irmão/filho mais velho ficar responsável por algumas questões da casa, como diz dona Tereza, o irmão estava “no lugar de pai”. Esta situação expressa valores que se implementavam na sociedade, e conseqüentemente a formação de posturas baseadas nos “papéis” de gênero, nos quais o homem deveria ser o líder da casa. O que se percebe, é que na ausência do pai/marido, motivada pela separação ou falecimento, o filho mais velho passava a ser o líder da casa, e não a mãe/esposa, no qual as mulheres do lar deviam-lhe respeito e obediência. A narração expressa o significado da experiência através dos fatos: “recordar e contar é interpretar”⁶⁸, os relatos não são informações “puras” do que aconteceu, mas a interpretação que a pessoa tem do ocorrido, como afirma Portelli:

⁶⁷ FURTADO, Tereza. Op. cit.

⁶⁸ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 59-72, p. 60.

O realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico⁶⁹.

Um evento pode gerar múltiplas interpretações, e o importante é a interpretação da memória, onde a subjetividade do depoente interpretou aquela situação vivida daquela forma, e assim ele sente e narra, contando muito sobre seus custos psicológicos⁷⁰. Hoje, ao olhar para o passado e para o relacionamento com a mãe, refere-se a ela com sentimento de pena, certamente levando em consideração o seu falecimento e o seu histórico, que ela, como filha, conhece muito bem.

Dona Anni também enfrentou a desaprovação da família para namorar com seu Ingo. Seus pais eram separados, e mesmo o pai já havia falecido, e sua mãe, muito rigorosa, não aceitava o namoro. Seu Ingo e dona Anni relembram o início do namoro, na fase de conversar no portão:

[Após o baile das medalhas do remo] foi o primeiro dia que nos vimos. Eu tinha saído do Tiro de Guerra⁷¹, nove e meia da noite, de bicicleta, daí pensei em passar pra ver se ela estava lá na frente, daí ela apareceu na janela, desceu e ficamos namorando no portão, conversando né, daí chegou o irmão dela e quase derrubou nós. Daí ele contou pra mãe dela, que tava lá na frente namorando no portão com um soldado⁷².

Dona Anni complementa: “Ele era do Tiro de Guerra, e aí ele veio de farda, aí naqueles tempos Deus me livre quem falasse de soldado, achavam que soldado não prestava. Daí me deu uma surra: ‘Tu ta namorando com soldado, tu não tem vergonha?’”⁷³. O casal até hoje desconhece os motivos que levavam as pessoas a falarem mal dos soldados, o certo é que a mãe continuou não aceitando o namoro e nem o casamento. Nas memórias de dona Anni e dona Tereza, as dores físicas marcam mais a memória que o corpo, já que narram as surras que receberam por namorar contra a vontade da mãe.

Os programas dos casais eram os mesmos de quando eram solteiros: cinema, baile, praça, mas principalmente ficar conversando em casa. As conversas geralmente eram nas

⁶⁹ _____, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto história*, São Paulo, n. 14, fev/1997, p. 33.

⁷⁰ Id. Ibid. p. 31.

⁷¹ Tiro de Guerra era uma instituição voltada a treinar militarmente os rapazes que trabalhavam durante o dia. Suas atividades eram no período noturno, e quando necessário ajudavam na defesa e patrulhamento da cidade.

⁷² Ingo B., entrevista citada.

⁷³ Anni B., entrevista citada.

varandas das casas, e os horários deveriam ser respeitados. Para dona Irene e o falecido marido, seu Reinoldo, que namoravam na casa dos patrões dela, o horário era ainda mais rigoroso: “Peguei uma cadeira e nós sentamos lá fora. Não é que depois quando veio o patrão: ‘Tá na hora de dormir’ nem era dez horas ainda né, mas ê, ele já se mandou”⁷⁴. Seu Ingo esperou bastante tempo para freqüentar a casa da namorada, e mesmo assim, mal recebido pela sogra, não sentia-se bem: “[conversava] na cozinha, mas procurava sair logo, porque a mãe dela era uma chata”⁷⁵. Acima dos ressentimentos do passado, as filhas que apesar de podadas, não deixam de nutrir amor e respeito pelas falecidas mães, assim, dona Anni tenta amenizar as palavras do marido, explicando que a mãe às vezes permanecia junto ao casal, mas não compreendia o português, e como alternativa, passeavam pela praça e assistiam às “*matinéés*”⁷⁶.

Em algumas famílias, após iniciado o namoro, os jovens eram constantemente vigiados pela família da moça, que não permitia que o casal permanecesse sozinho, ou mesmo proibiam o casal de irem desacompanhados ao cinema ou baile. Esse é o caso de dona Luíza e seu Rolf, que mesmo ela contando com 25 anos, não ficavam a sós. Mesmo após o noivado a mãe de dona Luíza acompanhava o casal nos bailes. Interessante notar que só a mãe ia, o pai ficava em casa, porque não gostava desses eventos. Dona Luíza expõe com naturalidade o fato de uma mulher casada freqüentar bailes noturnos desacompanhada do marido: “É, ia levar a filha né”⁷⁷ justifica dona Luíza. Enfim, uma sociedade que “permitia” liberdades aos homens e que julgava ser o espaço privado o melhor lugar para a mulher, mudava seu pensar em favor da boa postura e o namoro “correto” da filha, permitindo que a mulher fosse sem o marido aos bailes.

Se o casal quisesse assistir a um filme, deveria levar a mãe de dona Luíza junto, “Senão não ia” relembra entre risos a filha. Nas conversas na sala, sempre alguém “ficava de guarda” segundo dona Luíza, às vezes o pai, às vezes a mãe, que muitas vezes se sentavam no sofá entre o casal. O pai sinalizava o momento do rapaz ir embora: “Ele começava ‘hum, hum, hum’, ele batia o chinelo no chão e a gente já sabia que tava na hora de ir embora”⁷⁸ relembra seu Rolf, enfatizando a presença da família e principalmente do pai no controle do namoro.

Podia acontecer de alguns casais serem observados e “controlados” sem saberem, como é o caso do seu Reinaldo e da dona Wally F.: “Nós não via, mas ficava [alguém olhando].

⁷⁴ Irene E., entrevista citada.

⁷⁵ Ingo B., entrevista citada.

⁷⁶ Anni B., entrevista citada.

⁷⁷ Luíza G., entrevista citada.

⁷⁸ Rolf G., entrevista citada.

Depois que fomos saber que a avó, que passava períodos na casa da mãe, eles pediam, não pra fiscalizar, mas pra conhecer eu, me ver, atrás da cortina, tinha uma janela assim, daquele varandão uma sala, então ficavam meio de olho”⁷⁹.

O caso mais rigoroso parece mesmo ser o de dona Tereza e seu José: quando saíam para passear sempre deveriam levar uma criança para acompanhá-los, nos bailes, o irmão e a cunhada buscavam, acompanhavam e traziam para casa novamente, e nas conversas em casa tinham sempre a companhia da mãe:

Lá em casa nós sentava no banco, aquele tempo não tinha cadeira, móveis, era banco. Eu sentava aqui, ele aqui e a minha mãe ali, e aquela luzinha [de querosene], que naquele tempo não tinha luz né. Então ficava lá no canto, ela dizia: ‘Tá na hora’, e ta na hora parte! ela ia na cozinha e já voltava, chegava a cochilar. [Nós] nem conversávamos nada, fazer o quê, nós só resmungava (risos)⁸⁰

Esta situação de vigilância era vivida por muitos casais, que não podiam ficar à vontade nem para conversar. Consequentemente, não partilhavam sonhos e ideais, casando muito provavelmente, sem conhecer bem o parceiro: “Minha mãe não saía de perto, minha mãe vigiava, minha mãe vigiava, medo (com a mão, sinaliza gravidez). Nós na varanda e minha mãe na sala, que dava pra ver né, minha mãe era fogo”⁸¹. Como discute Anthony Giddens, durante os séculos XIX e XX a sexualidade desenvolveu-se como um segredo a ser guardado, e contra o qual, deveria se precaver⁸².

Dona Tereza, enquanto rememora suas histórias da juventude, afirma com muita frequência que teve uma vida, um namoro muito sofrido. Com o sentimento de sofrimento internalizado na memória, ela não narra passagens de alegria, apenas de dor:

Um dia, vou te contar, eu namorava com ele já bem firme, ele chegava lá em casa. E eu fui numa domingueira, naquele tempo chamava-se domingueira, e o meu irmão, esse que é morto, mais velho, tava no lugar do meu pai, ele só botou o braço em cima de mim assim, quando eu cheguei em casa, meu Deus... “Você já casou?”, eu disse “Por quê?” “Isso não se faz! Que falta de educação minha irmã, que respeito que tu vai dar?” apanhei dele, e eu não podia falar né, não podia responder”⁸³.

É possível perceber o respeito que dona Tereza, órfã de pai, tinha pelo irmão mais velho, que não hesitava em cobrar da irmã uma postura adequada, de “moça de família” de se

⁷⁹ Reinaldo F., entrevista citada.

⁸⁰ Tereza f., entrevista citada.

⁸¹ Edith Campos, viúva, mora em Joinville, no bairro Atiradores. Entrevista gravada por Jeisa Rech Casagrande em 12/06/2007.

⁸² GIDDENS, A. Op. cit.

⁸³ Tereza F., entrevista citada.

dar respeito, a ponto de não poder permitir que o namorado colocasse o braço sobre seus ombros.

Algumas jovens não tão “reguladas” pela família, como as moças “independentes” Gerda e Irene, podiam usufruir dos passeios de bicicleta com o namorado como opção de lazer. Aproveitavam os domingos ensolarados para visitarem os pais, passeavam por lugares desconhecidos da cidade, como a atual região do Cubatão, visitavam parentes e até arriscavam uma bebida mais forte, pra divertir as conversas: “Esse era então o nosso divertimento né, o que nós fazíamos então era que se comprava uma garrafa de cachaça às vezes né, de besteira, era uma mania, até minha tia tomava e meu irmão”⁸⁴.

No cotidiano dos namoros às vezes aconteciam discussões, brigas e até rompimento da relação. No caso de dona Tereza, as brigas e término de namoro eram um “prato cheio” para os comentários da mãe, contrária ao namoro:

E depois [que] nós brigava, minha mãe dizia: ‘viu, não disse?’. Nove vezes nós brigamos de aliança. [Brigava] porque ele era muito namorado né, e aí eu era mais quietinha, e a mãe achava que ele ia ao baile, quando eu não ia ele ia né. (...) a minha colega dizia: ‘Tereza, o Furtado tava lá pulando com namorada!’. Minha mãe dizia: ‘Não disse pra ti filha! Te agüenta filha, te agüenta, ta em tempo minha filha, ta em tempo, não casou ainda, aliança não resolve nada, é só um respeito!’. Aí eu dizia: ‘Vou terminar’ mas não dava coragem pra terminar, tu vê né, e fui levando⁸⁵.

Dona Tereza e seu José realmente eram muito diferentes, não apenas na estrutura familiar, mas na personalidade e postura diante dos acontecimentos. Mesmo sabendo que ele ia sozinho nos bailes, numa posição de submissão, aceitava as condições, mantendo um relacionamento de muitas brigas e desentendimentos, sem o apoio da família, mas certamente com muito amor. Dona Tereza chegava mesmo a não ir aos bailes, só para não encontrar e discutir com o namorado. As brigas ficaram marcadas na memória, a ponto de saber o número de rompimentos: “Ah, terminamos muito de aliança no dedo, foi umas nove vezes, jogava lá e ele também jogava de cá. (...) é uma novela. E tanto com a mãe, com ele, e não sei como é que eu criei juízo ainda de fazer o casamento”⁸⁶. Dona Tereza admira-se consigo mesma, de suportar oito anos de brigas com a mãe e o namorado e mesmo assim insistir no casamento.

⁸⁴ Irene E., entrevista citada.

⁸⁵ Tereza F., entrevista citada.

⁸⁶ Tereza F., entrevista citada.

O ciúme também podia ser o fator de desentendimento entre o casal, motivo pelo qual, segundo dona Anni, o noivado entre ela e seu Ingo foi rompido. Seu Ingo, por sua vez, foi em um baile sozinho:

Nós tinha terminado o noivado, daí eu fui num baile lá na rua XV, lá no salão “Petrusqui” lá onde hoje é o (...) lá pra dentro, no Zinho Batista por ali, ali tinha o salão “Petrusqui”. E tinha um amigo que trabalhava comigo que era sanfoneiro né, daí ele sabia que nós tinha terminado, daí ele disse “Aparece lá no baile” essa coisa toda. (...) daí na volta, na rua XV, eu tinha que passar na frente da casa dela né, era cinco horas da manhã, eu olhei assim, sabia onde era o quarto dela né, onde ela dormia, já tinha também tomado uma cerveja né, meio corajoso, e (bate palmas) bati na janela dela. Daí nos fundos da casa tinha uma escada, ficamos sentados na escada, daí depois veio a mãe dela “O quê que vocês estão fazendo aqui?” daí eu falei assim: “Ó, vamos se encontrar na matinée hoje à tarde”. Aí ficamos de bem outra vez, e voltamos da matinée era cinco, cinco e meia, daí eu fui até na casa dela⁸⁷

No caso de dona Gerda, a discussão lembrada não é tão “grave” como as histórias relatadas, situações em que o namoro foi rompido. A “briga” lembrada por ela mostra uma situação em que ela, descontente com as atitudes do namorado, resolve “dar o troco” nele, porém, temendo seus atos, refletindo uma posição de submissão, volta atrás na sua decisão:

Eu sei que tinha pêssego, e ele não admite que coma pêssego cru, e eu gostava muito, daí o meu cunhado tinha comprado cada pêssego bonito, daí de noite ele chegou lá, e eu queria dar um pedaço pra ele, e ele não comeu, eu pensei ‘isso eu vou me cobrar’, daí depois quando era a outra semana, ele trazia bala, e eu não aceitei a bala (risos) pra dar o troco nele, daí ele ficou bravo, ele disse ‘Se tu não pegar a bala eu vou jogar lá na rua’ ele disse (risos).(…) Eu peguei, eu dei pra trás né⁸⁸.

Até mesmo nos desentendimentos entre os casais é possível perceber uma relação de gênero na qual a mulher se submete às intempestividades do homem. Ensinada a ser frágil e dócil, ela era a responsável por apaziguar as brigas, enquanto eles, demonstrando uma postura de descompromisso e indiferença, iam sozinhos aos bailes, enquanto elas ficavam protegidas nos seus lares. Como foi narrado, dona Tereza deixou de ir ao baile só para evitar discussões com o namorado, dona Anni reatou o namoro mesmo sabendo que o noivo tinha ido sozinho ao baile, e dona Gerda desistiu de dar o troco só para não ver o namorado zangado.

⁸⁷ Ingo B., entrevista citada.

⁸⁸ Gerda B., entrevista citada.

As histórias de namoro narradas são todas de relacionamentos que levaram ao casamento, uniões que permanecem fortes ainda na atualidade, ou interrompidos apenas com a morte do cônjuge. Com exceção destas situações de desentendimentos transcritas, os casais afirmam que sempre se deram muito bem. É sabido que todo relacionamento humano tem seus momentos de desentendimentos, mas os entrevistados não citaram ou enfatizaram. Tratando-se de história oral, devemos estar atentos para algumas questões: o entrevistado fala aquilo que ele pensa que o entrevistador quer ouvir. Assim, mesmo perguntando sobre brigas e desentendimentos, preferiu-se representar as próprias histórias de namoro como pacíficas. E aí se tem outra característica dos depoimentos na história oral: o entrevistado constrói uma representação do passado com a qual ele possa estar em paz consigo mesmo. Alistair Thomson⁸⁹ atenta para esta questão, no qual a memória gira em torno de uma relação passado-presente, e que as memórias para recordar e relatar são escolhidas, podendo mudar ao longo do tempo. O autor também afirma que as reminiscências dependem das alterações sofridas na identidade pessoal, por isso compõe-se um passado com o qual se possa conviver atualmente, supondo então uma relação dialética entre memória e identidade. Essa idéia significa que com o passar dos anos constrói-se uma identidade a partir das próprias vivências e com a interação com as outras pessoas, dando forma ao contar histórias para si próprio (secretas ou fantasiosas) ou para as demais pessoas. Segundo o autor:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido⁹⁰.

Quase no final da entrevista, seu Ingo julgou interessante contar sobre as investidas que as moças davam para cima dele, mesmo estando comprometido. Segundo ele, era uma prática constante entre as jovens, fazer tentativas para acabar com os relacionamentos. Seu Ingo rememora os conflitos entre o casal e outras jovens, que não satisfeitas com o namoro dele, desprezavam dona Anni, referindo-se aos seus atributos físicos: “(...) as guria procuravam, que nem no caso eu namorava com ela, daí elas tentavam namorar comigo. Isso existia muito, um tirar do outro, namorado, namorada, isso existia. (...) às vezes na saída da

⁸⁹ THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História*, n. 15, São Paulo, abr/1997, p. 57.

⁹⁰ Id. *Ibid.*

fábrica: “Ô, ainda ta com ela?” “O que tu quer com aquela magricela lá?”⁹¹. Interessante perceber a postura destas moças, narrada por seu Ingo. Num momento com “papéis” distintos a serem desempenhados por homens e mulheres, era o homem que procurava e “flertava” com as moças, e não o contrário. Nas lembranças de seu Ingo, existiam moças que “desrespeitavam” as boas maneiras das moças de família, insinuando-se para rapazes comprometidos. Aqui percebemos transgressões do ponto de vista dos papéis esperados; em um momento de cuidados acerca das posturas femininas, visando um bom casamento, estas moças socialmente perdiam o seu capital simbólico de futura boa esposa, ou seja, como já mencionado, ao contrário das moças “de família”, existiam moças que aparentemente não se importavam com as regras e posturas a serem seguidas.

Na seção dos aconselhamentos amorosos da revista *Vida Nova*, é possível perceber esta relação entre moças solteiras e rapazes comprometidos. Nesse caso, não se sabe quem se insinuou para quem, mas a moça que escreveu para a revista encontrava-se com um rapaz casado, pai de dois filhos, e ele também procurava por ela. Percebe-se a preocupação do rapaz com a reputação da moça, pois ela escreve que ele decidiu romper os encontros porque gostava muito dela e não queria “vê-la na boca do povo”. Porém um mês depois voltou a procurá-la, mas ela, sabendo que é um “amor sem esperança” pede um conselho: deveria encontrar-se com ele? Marilene aconselha que não, incentivando a moça a namorar outro rapaz, já que ela não deveria construir sua felicidade sob o custo da infelicidade da esposa e dos filhos do rapaz⁹².

Enfim, era esse o cotidiano dos jovens comprometidos, que primeiramente, antes de começarem a namorar passavam pela “sabatina” da família, e também da sociedade, que analisava no casal a equidade de religião, etnia, idade e personalidade. Entre ciúmes, brigas, discussões e rompimento dos relacionamentos, divertiam-se nos bailes, cinemas e passeios de bicicleta. Muitos casais, vigiados o tempo inteiro por familiares, muitas vezes casaram-se sem conhecer muito do parceiro, já que as conversas eram ouvidas. O objetivo desse forte controle era proibir um contato físico maior entre o casal, sendo esse o tema do próximo capítulo.

⁹¹ Ingo B., entrevista citada.

⁹² REVISTA VIDA NOVA. Joinville, setembro de 1950, p. 15. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

CAPÍTULO 3

INTIMIDADES E O CAMINHO AO ALTAR

3.1 – O RITUAL DO NAMORO: CONVERSAS, BEIJOS, INTIMIDADES, GRAVIDEZ ...

Na memória de todos os entrevistados estão fixados os dias da semana em que os namorados se encontravam: quarta, sábado e domingo. Mas se os dias semanais eram os mesmos para todos, a forma como podiam usufruir desse momento não era. Como já visto, alguns casais podiam passear e andar de bicicleta a sós, freqüentar bailes ou cinemas sozinhos. Porém, outros tinham sempre a companhia dos pais, da mãe ou irmãos, que não lhes permitia nem uma conversa a dois, muito menos uma abertura para um contato mais íntimo, mesmo que esse contato fosse um beijo.

Cada casal entrevistado vivenciou situações diferentes, não só por cada história de vida ser única, mas também porque possuíam realidades familiares diversas. A realidade de cada casal de namorados era decidida pela postura familiar da moça, já que a maior parte do tempo passavam em convivência da casa e família dela. É possível perceber que as moças que não moravam com os pais, ou mesmo morando somente com a mãe usufruíam de maior liberdade, enquanto aquelas que moravam com pai e mãe, ou mesmo irmãos mais velhos (no papel de pai) eram vigiadas, e a postura do casal era levada com rigor. Porém um caso foge à “regra”: uma moça que morava com os pais e tinha amplas liberdades com o namorado.

Os relacionamentos afetivos eram vivenciados em etapas, um processo ritualístico que passava pelo conhecimento, as conversas, o pegar nas mãos, o namoro, o beijo, o noivado, até chegar à intimidade sexual e no casamento. Cada fase foi vivenciada de forma diferente, tanto em relação ao tempo esperado, quanto à quantidade e intensidade dos atos, seja dos beijos ou das relações sexuais. Esse ritual que vivencia as etapas do relacionamento demonstra a introdução da norma familiar burguesa, já que em última instância, o namoro e o casamento burguês visa a concepção e a educação das crianças, assim, o casal deveria ter certas afinidades para conseguir criar seus filhos. Nesse arranjo familiar o namoro e o noivado são rituais importantes, baseados na idéia do amor romântico e da escolha do indivíduo. Segundo Jurandir Freire Costa¹ um objetivo da recuperação e utilização higiênica

¹ COSTA, Jurandir F. Op. cit.

do amor foi o seu valor enquanto padrão moral da vida familiar, criando obrigações e obediência às regras estabelecidas pelo contrato amoroso. A escolha individual e o conhecimento do parceiro através do namoro depositava no indivíduo a culpa por eventuais fracassos no casamento. Dessa forma fortalecia-se o compromisso entre os cônjuges, sendo que aquele que colaborasse para a dissolução da sua família sofreria uma reprovação social, sofrendo o remorso de trair as expectativas do parceiro, pessoa que se uniu por livre e espontânea vontade².

Após o primeiro contato os relacionamentos passavam por uma fase de conversa no portão, para se conhecerem melhor. Segundo os entrevistados, passava-se mais de um mês até que segurassem nas mãos um do outro. E para um beijo, mais tempo ainda, como reclama seu Rolf: “Ah, isso foi terrível ganhar um beijo dela, levou tempo minha filha, (...) mais de um mês, naquele tempo é como eu digo pra ti, não era fácil”³ e dona Luíza retira-se da responsabilidade pelo ato: “Era roubado, o beijo era roubado (risos)”⁴.

Segundo Anne-Marie Sohn, na Europa a partir das décadas de 20 e 30 o beijo na boca que até então era julgado escandaloso mesmo na intimidade, passou a ser valorizado e generalizado, tornando-se símbolo do amor⁵. Mas em Joinville o beijo não era considerado tão simples, Dona Irene relata as diferentes posturas entre o namorado, e ela, tímida e recatada: “Ele até se queixava que eu não era de beijar, e não era mesmo. Ele que gostava ainda de beijar, mas eu não, eu não era de beijar, (...) eu tinha até vergonha”⁶. Percebe-se a pressão e a ansiedade por parte do rapaz para ter mais contato físico com a namorada, enquanto, ela, desempenhando o papel feminino imposto pela sociedade, de ser contida e discreta, envergonhava-se e fugia às investidas dele, justificando não gostar de beijar.

Dona Anni lembra que para beijar, só se fosse escondido, pois se algum familiar visse, seria motivo de desentendimento. A moral da época proibia beijar na rua, já que, como explicado anteriormente, a pessoa seria tachada de “sem valor”, de “qualquer um” pela sociedade. Os momentos onde o beijo se não era permitido, mas acontecia, eram os momentos de despedida, quando o rapaz deixava a casa de moça. Se não podia beijar na frente de familiares, ou na rua, deveria ser um lugar que ninguém visse, ou estivessem fazendo o mesmo; o lugar propício era o cinema, como lembra seu Ingo: “(...) às vezes ia ao

² Id. Ibid. p. 233.

³ Rolf G., entrevista citada.

⁴ Luíza G., entrevista citada.

⁵ SIMONNET, Dominique. Op. cit.

⁶ Irene E., entrevista citada.

cinema à noite, quando tinha condições a gente aproveitava (risos)”⁷, o escurinho do cinema favorecia os jovens joinvilenses.

Beijar uma pessoa na rua parecia mesmo algo condenável, como podemos perceber nas palavras de seu Ingo: “Naquela época, a turma dizia: essa aí é uma qualquer, que beija na rua”⁸, a jovem ficava rotulada como uma moça que “não vale nada” diz dona Anni. E do homem, ninguém falava nada? “Não, só da guria, que não valia nada porque tava se beijando com qualquer um na rua”⁹ responde seu Ingo, agora já afirmando que o homem também era um “qualquer”. Enfim, demonstrar na rua relações íntimas como um beijo era desaprovado tanto para homens quanto para as mulheres, apesar de que, inicialmente foi associado ao sexo feminino.

E para alguns jovens o beijo era ainda mais escasso, segundo dona Tereza, só era permitido mesmo, depois do casamento. As “escapadas” como diz seu José aconteciam na distração do irmão, mas certamente para a moça, um beijo com sabor de medo, temendo sua reputação e temendo que o irmão visse, alguém contasse e a mãe soubesse: “[beijar] era difícil (...) só se num caminho que a gente pudesse conversar escondido, porque se o meu irmão visse o pau fechava. (...) só se a gente fosse no escuro, que a gente ia pro baile com o meu irmão, que ele não visse, mas se a mãe soubesse, ela dizia que isso aí a moça ficava mal falada”¹⁰. Ou seja, a preocupação com a sua imagem perante a sociedade controlava suas atitudes.

Dona Gerda afirma que nas visitas semanais, entre as conversas, beijos aconteciam, era “permitido”, e já entra no assunto do que era “proibido”: “(...) ele vinha sempre às quartas-feiras e sábados de noite pra namorar né, daí a gente se beijava, mas eu não casei obrigado, meu pai me proibiu isso também, ele não queria”¹¹. Nas memórias de dona Gerda, não poderia haver relação sexual antes do casamento, por proibição do pai. Não que houvesse uma conversa franca entre pais e filhos, como veremos adiante, mas havia o temor de acontecer uma gravidez. Como os namoros eram baseados no amor e na escolha dos jovens, a ênfase no autocontrole das moças tornou-se primordial, os pais não tinham conversas abertas com as filhas, mas elas deveriam se controlar, distinguindo o certo do errado, conservando suas virtudes e contendo sua sexualidade.

⁷ Ingo B., entrevista citada.

⁸ Ingo B., entrevista citada.

⁹ Ingo B..

¹⁰ Tereza F., entrevista citada.

¹¹ Gerda B., entrevista citada.

Alguns casais afirmam que não tiveram qualquer tipo de intimidade antes do casamento, por ser proibido: “Não, não podia. Deus o livre, minha mãe matava”¹², afirma dona Tereza, que era vigiada o tempo inteiro pela mãe e irmãos, com a preocupação de não se tornar uma “moça falada”. Com a metodologia da história oral, quando um depoente fala sobre o assunto solicitado, ele não informa simplesmente os acontecimentos; ele constrói o fato baseado em suas experiências, apresentando-nos suas próprias interpretações, que constitui um caminho para nos encontrarmos com o sujeito¹³. Assim, dona Tereza, baseada em suas vivências e na educação que recebeu da mãe, interpreta a gravidez como algo de extrema gravidade, não somente para ela, mas estende à sociedade como um todo; porém podem ser percebidas outras maneiras de pensar por parte das demais mulheres, principalmente aquelas que engravidaram antes do casamento.

Dona Gerda, que temia a reação do pai, também afirmou não ter nenhuma intimidade, e o tempo de namoro foi o mais curto de todos os entrevistados: um ano desde o início até o casamento. Segundo Giddens¹⁴, a virgindade feminina era valorizada tanto pela família como pelo casal, ambos os sexos. Assim, seja nos Estados Unidos ou em Joinville, poucas mulheres admitem que tiveram uma relação sexual completa antes do casamento, ou somente admitem se mantivessem uma relação sólida e formal com o rapaz. As garotas sexualmente ativas eram julgadas tanto pelas outras garotas como pelos rapazes, mesmo se tentassem se aproveitar delas. A reputação dos jovens era distinta e contrária: a das mulheres estava na capacidade de resistir aos avanços sexuais, enquanto a dos homens dependia das conquistas sexuais que conseguia realizar.

Algumas pessoas não se sentiram à vontade em falar nesse assunto tão íntimo, ficavam caladas, e entre risos mudavam o tema da conversa. Na relação entre entrevistado e entrevistador, o pesquisador constrói uma interpretação sobre os depoentes, assim como eles constroem sua interpretação sobre o pesquisador; essa dinâmica é de extrema importância para a dimensão da narrativa¹⁵. Esta situação é discutida por Portelli: “(...) os papéis do *observado* e do *observador* são mais fluídos do que poderiam aparentar à primeira vista”¹⁶. Nessa troca entre sujeitos, pode acontecer aquilo que foi vivenciado por Portelli: ser tratado pelos entrevistados como um estereótipo de classe, modos e discurso, sendo observado com

¹² Tereza F., entrevista citada.

¹³ RIOS, K S. Op. cit. p. 15.

¹⁴ GIDDENS, A. Op. cit.

¹⁵ RIOS, K S. Op. cit, p. 13.

¹⁶ PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, 14, fev/1997, p. 8.

preconceito¹⁷. Essa inibição em falar das intimidades pode ser uma característica pessoal, de um sujeito construído em meio a uma sociedade que impunha pudores e restrições quanto aos assuntos íntimos. Ou talvez isso se deve ao fato da diferença de idades entre pesquisador e entrevistado, existindo um estereótipo e um preconceito em relação à pouca idade da entrevistadora. É possível perceber que ao mesmo tempo em que a pouca idade fez com que os entrevistados explicassem, detalhassem sobre outros assuntos, não se sentiram à vontade para falar de sua sexualidade. Ao utilizar a fonte oral, interessante perceber o papel do pesquisador, já que participa efetivamente na produção das fontes, elaborando as perguntas e dirigindo as conversas. Assim, os documentos da História Oral são sempre resultados de um “projeto compartilhado”, que envolve o entrevistador e o entrevistado. E se esta relação é tão importante para ter um trabalho com sucesso, foi possível perceber a necessidade de conhecimento e confiança por parte dos depoentes¹⁸.

Mas alguns tiveram coragem e contaram situações, estabelecendo com o ouvinte uma relação de confiança, pois provavelmente alguns jamais contaram essas íntimas lembranças a alguém. Ao contrário de alguns jovens que mal podiam encostar os lábios, alguns jovens tiveram experiências sexuais mesmo antes de firmarem um compromisso mais sério como o noivado. Segundo Anne-Marie Sohn, a idéia de que o amor e a sexualidade caminhavam juntos levou ao entendimento de que se o amor era uma certeza, se poderia correr o risco de ir mais além; seus estudos apontam que nos anos 50 metade das moças tinha relações sexuais antes do casamento¹⁹. Quando questionados sobre a dificuldade em encontrar um lugar para ficarem mais à vontade, parecia não ser um problema: “Era umas onze horas da noite, a mãe dela tava dormindo daí a gente aproveitava, em casa né”²⁰ explica ele, “E não tinha essas casas tudo muito junto”²¹ complementa ela. Conforme outro casal, um namoro de um ano de duração já era tempo suficiente para ser considerado um relacionamento firme, iniciando relações sexuais. Neste caso, a intimidade, era de certa forma consentida pelos pais, que segundo o casal, sabiam que se encontravam à noite:

Quando eu comecei a frequentar a sala, primeiro nós namorava no varandão, tinha um varandão do lado da sala, lá nós namorava, tinha um banco, uma porta de

¹⁷ Id. Ibid. p. 9.

¹⁸ Antes de iniciar as entrevistas, várias perguntas eram direcionadas à pesquisadora: onde morava, qual o sobrenome, quem são os pais, onde trabalha, sendo possível perceber os valores que permeiam esta geração nesta sociedade. Na maioria das vezes, questionavam apenas essas informações pessoais, e não sobre a pesquisa e o objetivo da entrevista.

¹⁹ SIMONNET, D. Op, cit, p. 136.

²⁰ Ingo B., entrevista citada.

²¹ Anni B., entrevista citada.

entrada e de saída, e ali nós namorava, mas daí então depois, ê, depois que eu tava acostumado, então eu já ia... ela dormia no sóte em cima, e às vezes né, sábado eu dormia lá no sóte. Ela dormia com a irmã, que tem uma irmã mais nova, dois, três anos (...) é que eles tinham confiança né, a gente era de origem, eles conheciam a família Fischer²².

Na fala deste senhor percebe-se a questão étnica em evidência: os pais permitiam que dormissem juntos à noite porque confiavam nele, e essa confiança provinha do fato de ele ser um rapaz “de origem”, de família alemã. Neste caso é possível perceber a sobreposição da importância étnica em relação às normas sociais e aos papéis de gênero. Aqui é possível perceber a mudança, a diferença em relação a outros casais da mesma sociedade, mesmo inseridos em uma organização social que proibia o relacionamento sexual antes do casamento, dentro do contexto familiar a questão étnica foi mais importante. “Ser de origem” era fundamental para muitas famílias de ascendência alemã, sendo um fator importante a considerar para a formação de um casal. As narrativas na história oral possibilitam compreender a reapropriação que o depoente faz das suas experiências passadas, compreendendo a forma como ele lembra seu passado, entendendo sua relação com a vida e a cultura contemporânea²³. Nesse sentido, é possível perceber o quanto a questão da etnicidade é importante para este senhor ainda hoje, ao usar esta questão “ser de origem” como um valor que justifica o rompimento de barreiras sociais e fazer sexo com a namorada antes de casar.

Em outro relato, as experiências sexuais começaram somente após o noivado: “Antes do noivado a gente nem mexeu, foi depois do noivado”²⁴. Geralmente aconteciam nos domingos à tarde, na casa do rapaz, quando seus pais não estavam, lembra que não acontecia com muita frequência, não tem certeza, mas acha que talvez aconteceu também na casa onde trabalhava: “Quando a gente chegava aqui, ou se aconteceu na casa da patroa, não lembro assim direito. A gente ia pra cama quando podia. Domingos à tarde, quando os pais não estavam aqui (...) a gente não tinha outro lugar”²⁵.

Segundo as entrevistadas, o contato sexual geralmente partia do homem, que acabava convencendo a namorada a aceitar a relação sexual: “Eu acho que ele tava mais adiantado que eu, eu era mesmo burrinha. A gente não tinha explicação sobre isso né. Hoje em dia as crianças pequenas já sabem mais que a gente”²⁶, segundo ela, essas investidas caracterizam a

²² Reinaldo F., entrevista citada.

²³ THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 79.

²⁴ Irene E., entrevista citada.

²⁵ Irene E., entrevista citada.

²⁶ Irene E., entrevista citada.

personalidade de homem: “Sabe como é homem né”. Sua fala demonstra uma forma de pensar influenciada pelas questões de gênero, ideais inseridos na sociedade a partir da introdução de normas familiares na qual a mulher é vista como inferior intelectualmente e assexuada, e o homem necessita da relação sexual para provar sua virilidade e satisfazer seus desejos.

Como herança da burguesia do século XIX, a família passou a ser um refúgio silencioso e discreto, atenta em manter a privacidade e as aparências. Segundo Peter Gay, esse século burguês instruiu seus contemporâneos ao silêncio, refletindo na educação das crianças e na cautela com que se tratava a sexualidade²⁷. Da mesma forma é possível perceber na década de 50 essa discrição em relação ao sexo. A família tinha a função de ajudar na escolha dos pares e de vigiá-los quando estivessem juntos, direcionando o casal para a vida adulta, porém sem informar nada sobre os aspectos sexuais tanto do corpo individual quanto do casal. Essa falta de informação está presente em todas as lembranças e relatos. Segundo os entrevistados, os pais, ou nem mesmo a mãe, conversava sobre assuntos íntimos com os filhos:

Ah, não falavam nada, mesmo quando a gente ganhava a menstruação, não explicavam pra gente, a gente não sabia. Aprendia sozinha, eu escondia as minhas coisas, lavava sozinha, quando ela não tava em casa, até quando ela descobriu. A gente tinha vergonha, porque ela nunca falava (...) pensava o quê que tava acontecendo²⁸

Dona Gerda vivenciou as mesmas angústias quando teve a primeira menstruação:

[Os pais não ensinavam nada] nem menstruação, a minha mãe não falava nada. Aí eu sei ainda quando minha irmã viu a calcinha, meu Deus, eu achei que ela ia morrer quando eu vi a calcinha dela daquele jeito, cheia de sangue, quando ela ficou menstruada. (...) as minhas amigas já estavam tudo menstruando, e eu não, daí me faziam um medo, diziam que se até os 16 anos não vem, daí vai morrer, e eu não tinha, fui ter depois dos 17²⁹.

O desconhecimento a respeito da sexualidade muitas vezes permanecia mesmo após o casamento, como dona Tereza, que mesmo grávida não sabia como nasciam os bebês. Dona Tereza relata a ignorância frente a certos fatos da vida, e a falta de sensibilidade da mãe em ensiná-la sobre seus questionamentos:

²⁷ GAY, P. Op. cit.

²⁸ Tereza F., entrevista citada.

²⁹ Gerda B., entrevista citada.

A minha mãe não explicava nada. Nunca conversou com nós. Uma vez eu perguntei uma coisa pra minha mãe, ela disse; “Não me pergunte mais minha filha”, um palavrão que eu escutei na firma e perguntei né. (...) depois eu casei, fiquei grávida, não sabia como é, eu perguntava pra minha mãe ela dizia “ah, eu não sei minha filha, o avião vai descer, tu vai na maternidade e eles vão dar pra ti um neném”, eu tava grávida do menino. Mas ela dizia que o avião descia, e a barriga saía e o neném. (...) Depois quando eu casei eu perguntei muitas coisas pra ele assim, que a mãe não falava. Ele já tinha informação, e eu perguntava pra ele.(...) Dizia “ah mãe aquela mulher ta tão gorda!” “Ah, aquilo logo o avião desce e vai trazer neném pra ela filha, lá na maternidade”.(...) eu fui pra maternidade, eu não sabia, eu pensei que era como a minha mãe dizia. Ela dizia: “Olha filha, se tu quer ficar grávida bota bastante açúcar na janela”, e eu fazia aquela bobica. Ai eu fiquei muito doente, não comia nada “Ah, então é neném que vem por aí” (...) [quando veio a menstruação] olha eu gritei, eu dei um berro pra ela, eu pensei que tinha me machucado, aí ela disse assim: “Isso é assim, isso é assim” e virava as costas³⁰.

Finalizada a entrevista, no momento da despedida, já na porta de sua casa, dona Tereza julgou importante contar uma coisa: na sua humildade e simpatia falou-me mais ou menos assim: “Sabe aquelas coisas que eu te contei, que a minha mãe não me explicava nada? Eu também não expliquei nada para as minhas filhas”³¹, contou-me como quem não culpa as atitudes da mãe, já que ela teve postura semelhante.

Como explicado por dona Tereza, muitas vezes era o marido que explicava suas dúvidas. E para os jovens em geral, como os pais não explicavam nada em casa, eles aprendiam com os amigos e amigas, principalmente no trabalho. “A gente aprendia dos outros, que já eram mais velhos que a gente, e hoje aprende na aula né. Na época todo mundo tinha vergonha, não podia falar”³². A comparação com a atualidade e a educação sexual nas escolas é citada pela maioria dos entrevistados como algo espantoso e prejudicial, pois banaliza o sexo, contribuindo para experiências precoces, sem necessariamente manter um relacionamento duradouro com o parceiro.

Os jovens sabiam do risco de acontecer uma gravidez: “Sabia [da gravidez] mas não se falava em camisinha, não se falava em prevenção da mulher, pílulas, não existia o DIU, isso naquela época não se falava, não tinha”³³, “Que a gente começou a aprender mais coisas quando trabalhava na fábrica, aprendia com as moças mais velhas, elas davam o ensinamento então pra gente”³⁴ explica dona Wally F.

Esse “ensinamento”, o método de prevenção parece ser o atualmente conhecido como “tabelinha”, onde os dias férteis são contados e não se pratica relação sexual naquele período:

³⁰ Tereza F., entrevista citada.

³¹ Tereza F., entrevista citada.

³² Tereza F., entrevista citada.

³³ Reinaldo F., entrevista citada.

³⁴ Wally F., entrevista citada.

“Cuidava os dias, calculava né, cuidava pra não escorregar”³⁵. Parecia dar certo, já que o casal programou a vinda do primeiro filho somente para cinco anos após o casamento. Mas para muitos, a “escorregada” como disse seu Ingo, poderia acarretar na chegada inesperada de um filho.

Das seis histórias de namoro gravadas, em dois casos o casamento foi adiantado pelo fato da moça estar grávida, e segundo elas, era comum na época as moças casarem grávidas, pois não havia métodos de prevenção. Os métodos mais utilizados eram o coito interrompido e o método rítmico, mais conhecido como o método da tabelinha, desenvolvido no início do século XX, quando pesquisadores descobriram que a ovulação de uma mulher ocorre somente uma vez no ciclo menstrual³⁶. A camisinha de látex foi inventada em 1939, sendo aperfeiçoada ao longo dos anos, porém a pílula anticoncepcional e o DIU só passaram a ser comercializados na década de 60, enquanto preservativos femininos surgem apenas na década de 80³⁷. A camisinha já existia na década de 1950, mas ao contrário, as entrevistadas afirmam a inexistência de métodos anticoncepcionais naquele momento, provavelmente em suas memórias elas afirmam não existir esse método porque não o conheciam, ou nunca utilizaram. Dona Gerda³⁸ tem vagas lembranças sobre a existência do preservativo, afirmando que os jovens tinham vergonha de entrar na farmácia para comprar.

O casamento por motivo de gravidez ficou conhecido como “casar obrigado”, como explica dona Luíza: “Os pais obrigavam a casar, se ele aprontou tinha que cumprir”³⁹. Certamente não era uma cobrança somente por parte dos pais, mas pela sociedade em geral, pois não seria de boa índole deixar uma moça grávida desamparada. Interessante perceber, as relações de gênero presentes na fala de dona Luíza, que a responsabilidade pela gravidez caía nos ombros do rapaz: “ele aprontou”. Enquanto beijar na rua era responsabilidade da mulher, o ato sexual e a gravidez era “culpa” do homem.

Sobre a postura e comentários da família e da sociedade, as memórias são diversas. Dona Irene lembra que ninguém comentou nada sobre sua gravidez porque ela não “alarmou”, não espalhou a notícia. Segundo ela, sua sogra desconfiou porque ela estava comendo muitas laranjas. Posteriormente, a patroa desconfiou e quis levá-la ao médico, foi quando decidiram preparar o casamento, antes que o bebê nascesse, e nem comentou sobre

³⁵ Ingo B., entrevista citada.

³⁶ CONTRACEPÇÃO E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS. Disponível em: <<http://leituradiaria.com.br/p=280>>. Acesso em 30 de mar. 2008.

³⁷ VARELLA, Drauzio. *Dispositivo intra-uterino*. Disponível em: <<http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/alempilula5.asp>>. Acesso em 30 mar. 2008.

³⁸ Gerda B., entrevista citada.

³⁹ Luíza G., entrevista citada.

sua gravidez com a família: “Até minha mãe falou: ‘Vocês precisam casar?’ isso ela falou, daí também não desmenti né”⁴⁰. Mas dona Irene lembra dos comentários sobre a desaprovação do pastor, que o mesmo não queria realizar o casamento, e pediu para que ninguém comentasse que a noiva estava grávida. A reprovação da sociedade vinha aliada à moral religiosa: “Ah, casou grávida e vai pra igreja ainda”⁴¹ rememora, indicando que segundo os “bons costumes” da época, a mulher que casasse grávida expunha em público seu “pecado” sendo desrespeitoso frequentar a Igreja.

Seu Reinaldo afirma que não houve represália por parte da família, que os pais apenas orientaram para que eles se casassem: “(...) e a gente como era de família séria, tinha que assumir né”⁴². Mas nas lembranças daqueles que não casaram “obrigado”, a gravidez antes do casamento parecia não ficar ileso aos comentários da população, que logo espalhavam a notícia da gravidez, em tom de reprovação e condenação. Mesmo a relação sexual sendo praticada antes do casamento por muitos casais, o fator gravidez pesava nos comentários, pois se todos faziam, mas ninguém ficava sabendo, e a gravidez era a prova, a certeza do ato, tornando pública e inquestionável as atitudes do casal. As lembranças de dona Anni comprovam esse pensamento: “Falavam: ‘Essa não presta porque ela se entregou pra ele, porque ficou grávida’”⁴³.

Se para alguns a gravidez era algo comum, para outros, era comparada à morte: “Uma vez aconteceu com uma pessoa, olha (...) era como se fosse uma morte, não podia acontecer gravidez. Naquele tempo era difícil, difícil, porque não dava folga, os pais não davam folga pra ninguém. Era levado no baile, era trazido. E se acontecesse, Deus o livre”⁴⁴.

3.2 – O NOIVADO: UMA NOVA ETAPA DO RITUAL.

Geralmente após um ano ou um ano e meio de namoro acontecia o noivado, que durava também em torno de um ano, até a chegada do casamento⁴⁵. Os estudos de Carla

⁴⁰ Irene E., entrevista citada.

⁴¹ Irene E., entrevista citada.

⁴² Reinaldo F., entrevista citada.

⁴³ Anni B., entrevista citada.

⁴⁴ Tereza ., entrevista citada.

⁴⁵ Os estudos de Silvia Maria Fávero Arend sobre a família popular no final de século XIX em Porto Alegre apontam para a inexistência de uma divisão rígida entre o namoro e o noivado, sendo que as relações sexuais eram comuns entre os casais, inclusive com poucos meses de namoro. Os casais populares viviam em situação de amasiamento, duramente combatido pelos valores burgueses, no qual a polícia e a justiça desempenhavam o papel de corrigir as virtualidades, procurando introduzir novos padrões de comportamento. AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou Casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

Bassanezi sobre o tempo de namoro na década de 50 apontam para alguns padrões: não deveria durar muito, para não levantar suspeitas sobre as intenções do rapaz, nem pouco, antecipando decisões sérias e definitivas⁴⁶. Nas narrativas sobre o noivado é citada a realização de um jantar comemorativo para consumir este compromisso. Segundo os entrevistados tratava-se de uma festa pequena, somente para os familiares mais íntimos, como pais, irmãos e cunhados. A festa de noivado poderia ser a primeira oportunidade para os pais dos noivos se conhecerem.

Segundo seu Rolf, o noivado era o pedido de casamento, suas palavras expressam a idéia de que namorar tinha como finalidade o casamento: “Tava sabendo né, que namorar era pra isso”⁴⁷. Dona Luíza explica que como resposta ao pedido, o pai perguntou: “Quanto tempo?”, enfim, deveriam ser claros os objetivos do casal, de quanto tempo precisariam para preparar o casamento e o novo lar, respeitando os prazos combinados.

No caso de seu Ingo e dona Anni, em que os pais da “noiva” eram separados, e a mãe não aceitava o namoro, o noivado não aconteceu como os demais casais, apenas comunicaram o desejo à mãe, sem considerar sua opinião ou pedir autorização: “(...) nós chegamos lá na minha mãe e dissemos que nós íamos noivar”⁴⁸. Semelhante situação é narrada por dona Tereza, que relembra o noivado simples, em virtude da desaprovação da mãe. Segundo dona Tereza, não houve comemoração, nem jantar, e o fato da mãe não ter preparado nada para a ocasião, ficou marcado em sua memória: “Fizemos [noivado], mas a mãe não fez nada, nenhum bolo a mãe não fez, o noivado foi seco assim”⁴⁹, “Só aliança pra lá, aliança pra cá e pronto”⁵⁰ seu José Alexandre ajuda a recordar. A memória pode ser compreendida como a forma pela qual as pessoas interiorizam o passado, associada à forma como lembram dos acontecimentos no presente. Como os relatos das experiências são subjetivos, lembra-se daquilo que foi significativo, que marcou de alguma forma, seja de maneira positiva ou negativa.

Se o noivado é lembrado por todos como uma festa pequena, ou mesmo inexistência dela, já em seguida os entrevistados frisam que o casamento foi uma grande festa, com a presença de muitos convidados, com jantar, música, dança e café, para comemorar e tornar pública sua próspera situação social. Geralmente os casamentos ocorriam aos sábados, no período da manhã os noivos assinavam os documentos no cartório, e a cerimônia religiosa

⁴⁶ BASSANEZI, Carla. Op. cit. p. 618.

⁴⁷ Rolf G., entrevista citada.

⁴⁸ Anni B., entrevista citada.

⁴⁹ Tereza F., entrevista citada.

⁵⁰ José Alexandre F., entrevista citada.

aconteciam no final de tarde, seguida pela festa que só encerrava no meio da madrugada. As festas eram realizadas na casa de um dos pais dos noivos, e o espaço decorado com palmeiras, mesas compridas, toalhas rendadas, flores de jardim. Muitas vezes a festa continuava no domingo, já que, como lembra seu Ingo: “O gaiteiro não foi embora”⁵¹.

O período da juventude é lembrado pelos entrevistados como um momento em que se aproveitava a vida, passeando, dançando, conhecendo pessoas. As entrevistadas, no seu olhar atual sobre o passado, consideram namoro só os relacionamentos em que o rapaz freqüentava a casa da moça, se não havia esse tipo de compromisso, os relacionamentos eram denominados “controle”. O próprio verbo controlar já denota uma relação de posse, de pertencimento, assim, quando alguém possuía um “controle” ou “controlava” alguém, significava eram fiéis um ao outro, dançavam, conversavam, ou iam ao cinema juntos.

Segundo dona Edith, apresentar o rapaz à família era sinal de compromisso sério, de um futuro casamento, e terminar um relacionamento a esta altura era uma hipótese descartada, a não ser que existisse uma boa justificativa para isso. Mediante esta “regra” dona Ana⁵² afirma ter casado não por amor, mas por não poder voltar atrás na sua decisão em namorar aquele rapaz. É com muita dor que esta senhora narra, mais de 50 anos depois, o amor correspondido que sentia por um outro rapaz, mas foi proibida por sua mãe de namorá-lo, já que ele era descendente de portugueses. Diante da proibição do namoro, o rapaz mudou-se de cidade, e ela decidiu namorar e conseqüentemente casar com o primeiro rapaz que se aproximasse dela, como uma tentativa de esquecer o rapaz que até hoje é chamado por ela de “meu primeiro amor”.

Diante destas “regras morais” invisivelmente impostas pela sociedade, é interessante perceber que com exceção de uma senhora, as demais seis mulheres entrevistadas casaram-se com o primeiro namorado: “[Ele] é o primeiro homem que eu conheci, e é o primeiro até hoje”⁵³. A pouca idade, o controle por parte da família, a preocupação com a reputação, o medo de romper um relacionamento, e a novidade que o namoro representava, tudo colaborou para que as jovens não tivessem outros relacionamentos como experiência. A partir do início do namoro, dois anos depois já estavam casados, compondo uma história a dois, que não foi rompida e continua até o momento da pesquisa: “(...) que eu tinha ele como namorado e tenho até hoje, cinquenta e três anos vai fazer agora dia 10 de julho”⁵⁴. A idéia

⁵¹ Ingo B., entrevista citada.

⁵² Esta senhora pediu para que nesta parte de sua entrevista não fosse identificada, por isso utilizo um pseudônimo.

⁵³ Wally F., entrevista citada.

⁵⁴ Wally F., entrevista citada.

do amor romântico, aliado ao casamento e a maternidade, sugeria que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, seria para sempre.

Sobre a experiência amorosa é possível perceber uma grande diferença entre as moças e os rapazes, resultados de uma construção social pelo meio em que viviam, e que “permitia” liberdades ao homem, sem preocuparem-se com comentários da sociedade, que não os regulava. Todos os homens entrevistados relataram que tiveram outras namoradas antes de conhecerem as atuais esposas, tiveram, portanto, outras experiências. Os rapazes experimentaram a sensação não apenas de saírem, passearem e dançarem com várias namoradas, mas também tiveram, muitas vezes, experiências sexuais. Segundo dona Edith os rapazes freqüentavam os prostíbulo que existiam pela cidade, mesmo tendo um namoro “sério” com uma garota⁵⁵. Pode-se perceber que os estudos de Carla Bassanezi⁵⁶ estão em consonância com a realidade joinvilense, onde as moças sabiam e consentiam que seus namorados se encontrassem com prostitutas, realizando com elas o que não podiam fazer com suas namoradas, consideradas “moças de família”. As moças seguiam a moral sexual dominante, que exigia a “virtude” das mulheres, valor confundido com ignorância sexual, significando virgindade. Ao contrário, aos homens era permitido e estimulado que tivessem relações sexuais com várias mulheres, sem com elas firmar compromisso, garotas fáceis ou prostitutas, que lhes permitiam intimidades proibidas às “moças para casar”. Segundo Anthony Giddens⁵⁷, tradicionalmente a boa saúde física do homem esteve associada à necessidade de variedade sexual e por muito tempo aceitou-se os múltiplos envolvimento sexuais dos homens antes e até após o casamento. Segundo o autor, até poucas décadas atrás, existia um duplo padrão em relação às experiências sexuais do homem e da mulher, enquanto um único caso de adultério por parte da mulher acarretava medidas punitivas, com relação ao homem era encarado como uma fraqueza “lamentável, mas compreensível”.

Se atualmente a maior parte da juventude reluta em classificar-se e moldar-se conforme os “antigos” papéis de gênero impostos pela sociedade, na década de 50 eram presentes e internalizados pelos jovens, tanto rapazes quanto moças. Na década de 50, o papel feminino que a sociedade desejava era o de moça de família, que futuramente seria boa mãe, esposa e dona de casa. Ao homem era permitido que tivessem outras experiências amorosas, e muitas vezes colocar-se numa posição de superioridade em relação à mulher. Os namoros eram encarados como uma etapa que levaria ao casamento, com poucas liberdades e

⁵⁵ Edith C., entrevista citada.

⁵⁶ BASSANEZI, C. Op. cit.

⁵⁷ GIDDENS, A. Op. cit.

poucas intimidades. As experiências das mulheres e homens entrevistados são também marcados por esses papéis. Esses homens e mulheres falam do seu passado no presente, e provavelmente estas questões relacionadas ao namoro, à juventude e aos papéis classificados conforme o sexo, não haviam sido problematizados por eles e ao narrarem sobre o passado, mesclam suas experiências ao longo das últimas décadas. Ao compartilharem suas experiências, não apenas remexeram suas lembranças, conforme Ítalo Calvino, escondidas nas “poças da memória”⁵⁸, mas permitiram o conhecimento de outras histórias sobre a cidade de Joinville.

⁵⁸ CALVINO, Ítalo. Op. Cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1950, geralmente denominada “Anos Dourados” reflete um momento de grande crescimento econômico, que somado às transformações de ordem política, econômica e social, influenciaram para que ocorressem mudanças no estilo de vida do brasileiro, tais como o consumo de produtos industrializados e comportamentos que refletissem o novo e o moderno. A cidade de Joinville, caracterizada pela forte industrialização, neste momento expandiu suas indústrias, oferecendo vagas de trabalho e transformando grande parte da sua população em operários.

Este momento marcou um período de ascensão da classe média, e diante da onda de transformações que o país vivenciava, os comportamentos dos homens e mulheres também foram alterados. Nesta pesquisa buscou-se compreender os hábitos e comportamentos dos jovens joinvilenses da década de 50, através das memórias de namoro daqueles que eram jovens naquele momento.

Aqueles jovens vivenciavam o referido momento de prosperidade econômica, e para tanto, deveriam desempenhar papéis que permitissem sua ascensão na sociedade, regrido seus comportamentos conforme certas normas familiares burguesas, que nesse momento eram introduzidas nesta sociedade. Inseridos nessa sociedade, os relacionamentos entre os jovens eram marcados por relações de gênero, que estabeleciam papéis a serem desempenhados pelas mulheres e homens.

Utilizando a metodologia da História Oral foi possível conhecer um pouco do cotidiano do jovem, suas experiências de trabalho, as diversões como o cinema, os bailes e os passeios na praça, e principalmente sua forma de se relacionar com o sexo oposto e as vivências dos casais de namorados. Através das lembranças foi possível perceber as regras de comportamento impostas pela sociedade, fortemente influenciada por questões de gênero. Assim, a mulher na sociedade joinvilense deveria ser subordinada ao homem, vigiar e ser vigiada por seus atos, para que fosse uma moça de família, e ao se casar, deveria abrir mão de seus desejos para dedicar-se ao lar.

Mas Joinville tem suas especificidades: além das características industriais, tem sua história marcada por tensões étnicas entre descendentes de alemães e portugueses, e conseqüentemente religiosas, entre luteranos e católicos, que acabaram interferindo nos relacionamentos entre os jovens. Muitas vezes a proibição em relacionar-se com alguém de etnia distinta demonstrava os preconceitos que permeavam

aquela sociedade, no qual a palavra do pai e a exigência da família eram mais importantes que o sentimento.

Preocupada com a moral perante a sociedade, cabia à família vigiar os casais, proibindo qualquer ato de intimidade. Mas assim como cada um de nós faz e vive a sua história, muitos casais desafiaram as normas, resultando inclusive em casamentos antecipados devido à gravidez.

Os namoros em Joinville refletem um relacionamento repleto de rituais: primeiro se conheciam, conversavam, depois o rapaz passava a freqüentar a casa da moça, e posteriormente era permitido o beijo. Depois acontecia o noivado, momento em que muitos casais passaram a ter relações sexuais, e iniciavam os preparativos para o casamento, que logo aconteceria. Toda essa ritualística era permeada por regras impostas e que eram inseridas na sociedade, vivenciando situações distintas e até contrárias às suas opiniões, conforme o seu sexo.

Esse arranjo social era estimulado e afirmado pela imprensa, que publicava artigos com a intenção de moldar a mulher: desempenhar corretamente o papel de boa mãe, esposa e dona-de-casa.

A pesquisa permitiu conhecer os sentimentos, os desejos e as vivências dos jovens joinvilenses dos anos 50, evidente que poucos casais foram entrevistados, diante do extenso leque de entrevistas possíveis, e certamente a realização de mais entrevistas enriqueceriam o trabalho. As narrativas sobre o namoro de cinquenta anos atrás demonstram contrastes com a juventude atual, que muitas vezes não pratica os mesmos ritos amorosos, tampouco se submete a regras ou papéis de gênero.

A História Oral possibilitou conhecer pessoas e histórias maravilhosas, contribuindo para a construção de outro olhar sobre a cidade. A nostalgia das lembranças sobre a juventude, o cinema, os bailes, os namoros e beijos roubados nos faz perceber que mesmo diante das dificuldades e adversidades que aquelas mulheres e homens viveram, cada qual foi feliz ao seu modo, expressando suas emoções e saudades na alegria e dedicação com que narraram suas experiências: memórias de namoro em Joinville na década de 50.

FONTES

FONTES IMPRESSAS

JORNAL A NOTÍCIA. Joinville, 1950,1951,1952,1953,1954.

REVISTA VIDA NOVA. Joinville, 1950.

ENTREVISTAS

Anni Büst: 79 anos, nascida em 01 de setembro de 1928, em Joinville. Casada com Ingo Büst. Quando solteira, trabalhava em uma empresa de meias. Residente na rua Afonso Pena, 685, bairro Bucarein, Joinville/SC.

Edith Campos: 78 anos, nascida em 06 de setembro de 1929, em Joinville. Foi proprietária de uma loja de “secos e molhados” e de uma loja de calçados. Residente na rua Coronel Alire Borges Carneiro, 8, bairro Atiradores, Joinville/SC. Atualmente passa seu tempo fazendo trabalhos manuais como bordados, crochê e tricô.

Gerda Bublitz: 79 anos, nascida em 17 de setembro de 1928, em Pirabeiraba. Casada com Alex Bublitz, mãe de um filho. Residente na rua Carlos Gruensch, 158. Mudou-se para Joinville em 1947, a fim de trabalhar. Atualmente, gosta de usar seu tempo conversando e auxiliando as vizinhas.

Ingo Büst: 80 anos, nascido em 18 de fevereiro de 1927, em Joinville. Casado com Anni Büst. Aposentado, trabalhou na antiga loja Prosdócimo, Malharia Arp, como autônomo, e na Casa do Aço. Residente na rua Afonso Pena, 685, bairro Bucarein, Joinville/SC.

Irene Eggert: 72 anos. Nascida em 23 de outubro de 1935, na estrada Brüderthal, em Guaramirim. Viúva, foi casada com Reinoldo Eggert, mãe de 4 filhos. Mudou-se para Joinville aos 15 anos, a fim de trabalhar como empregada doméstica. Residente na rua Palmitos, 188, bairro Bom Retiro, Joinville/SC. Atualmente faz e comercializa bolachas e conservas.

José Alexandre Furtado: 73 anos. Nascido no dia 7 de março de 1934, em Joinville. Casado com Tereza Furtado, é pai de 7 filhos. Trabalhou como operário em empresas como Tupy, Douat. Atualmente é aposentado. Residente na rua Fernandes Nunes Santana. Bairro Jarivatuba. Joinville/SC.

Jutta Hagemann da Cunha: 81 anos. Nascida no dia 19 de junho de 1926, em Joinville. Residente na rua Chapecó, 235, bairro Saguacú, Joinville/SC. Atualmente é aposentada.

Luíza Vieira Giesel: 79 anos. Nascida dia 8 de outubro de 1928, na região de Itapocu (Município de Araquari). Casada com Rolf Giesel, mãe de 6 filhos. Atualmente aposentada, trabalhou 12 anos na empresa têxtil Martric. Residente na rua Monsenhor Gercino, 1352, bairro Itaum, Joinville/SC.

Reinaldo Fischer: 71 anos. Nascido em 4 de março de 1936, em Joinville. Casado com Wally Fischer. Pai de um filho, já falecido. Torneiro mecânico aposentado. Residente na rua Três Barras, 598, bairro Saguacú, Joinville/SC. Atualmente faz trabalho voluntário em auxílio à Igreja Adventista, a qual pertencem.

Rolf Giesel: 72 anos. Nascido em 29 de julho de 1935, em Joinville. Casado com Luíza Vieira Giesel, pai de 6 filhos. Atualmente aposentado, trabalhou na Fundação Tupy e Moinho Rio Grandense. Residente na rua Monsenhor Gercino, 1352, bairro Itaum, Joinville/SC.

Tereza Furtado: 70 anos, nascida em 26 de julho de 1936. Aposentada. Casada com José Alexandre Furtado. Mãe de sete filhos. Até o casamento trabalhava em uma empresa alimentícia. Residente na rua Fernandes Nunes Santana. Bairro Jarivatuba. Joinville/SC.

Wally Fischer: 71 anos. Nascida em 21 de agosto de 1936, em Joinville. Casada com Reinaldo Fischer, mãe de um filho, já falecido. Quando solteira e recém casada trabalhou na Malharia Arp. Residente na rua Três Barras, 598, bairro Saguacú, Joinville/SC. Atualmente divide-se entre as tarefas da casa, o cuidado com os animais e o auxílio à Igreja.

Wally Kammradt: 91 anos. Nascida em 12 de fevereiro de 1916, em Joinville. Viúva, foi casada com Afonso Kammradt, é mãe de dois filhos. Sempre trabalhou com os cuidados da casa e dos filhos. Residente na rua Otto Boehm, Centro, Joinville/SC.

BUBLITZ, Gerda. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 20 mar. 2007

BÜST, Anni. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 27 mar. 2007.

BÜST, Ingo. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 27 mar. 2007.

CAMPOS, Edith. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 12 jun. 2007.

CUNHA, Jutta Hagemann. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 20 nov. 2007

EGGERT, Irene. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 14 mar. 2007.

FISCHER, Reinaldo. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 21 mar. 2007.

FISCHER, Wally. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 21 mar. 2007.

FURTADO, José Alexandre. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 21 mar. 2007.

FURTADO, Tereza. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 21 mar. 2007.

GIESEL, Luíza. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 07 mar. 2007.

GIESEL, Rolf. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 07 mar. 2007.

KAMMRADT, Wally. Entrevista concedida a Jeisa Rech Casagrande. 20 mar. 2007.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni (Org). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, número especial n. 5-6, p.25-36, 1997.

AREND, Silvia Maria Fávero. *Amasiar ou Casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

_____. Filhos de criação: uma história dos menores abandonados no Brasil (década de 1930). Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. LTC: Rio de Janeiro, 1981.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRUHNS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma*. (A Campanha de Nacionalização em Joinville). Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal de Santa Catarina.

CALVINO, Ítalo. O caminho de San Giovanni. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARDOSO, Mirian. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK – JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASSAB, Latif Antonia. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. *Biblos*, Rio Grande, n. 16, p. 7-24, 2004.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.) *Histórias de (I)Migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000.

_____. *Joinville e a Campanha de Nacionalização*. São Carlos, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos.

CONZEN, Kathleen Nehls et al. Forum – The Invention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A. In: *Journal of American History*. Fall 1992.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

CRISTOFOLINI, Nilton José. *Nacionalização do ensino: estratégia para a construção da nacionalidade e sua contextualização em Joinville*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina;

CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville: o duplo desterro*. Joinville: Letradágua, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DEVEGILLI, Maria Terezinha Niedziewski. *A nacionalização da “loura” Joinville – 1937/1942*. Joinville, 1989. Monografia (Especialização em História da América) – Fundação Educacional da Região de Joinville/Universidade Federal do Paraná.

FÁVERI, Marlene de. *Moços e moças para um bom partido (a construção das elites – Itajaí, 1929-1960)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GAVRON, Eva Lúcia. *Seduções e defloramentos: o controle normativo das práticas sexuais em Florianópolis – 1930-1940*. 2002. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória e Freud: a educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas*. 2ª ed. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOFF, Jacques le. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

GROSSELLI, Renzo M. *Vencer ou Morrer*. Camponeses trentinos (vênets e lombardos) nas florestas brasileiras. 1875-1900. Florianópolis: EdUFSC, 1987.

GUEDES, Sandra P.L. Cine Palácio: fragmentos da história do cinema em Joinville. Joinville: UNIVILLE, 2003.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. História oral: uma utopia? *Revista Brasileira de História*, v. 13, n 25/26, p. 7-16, set 92/ago93.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*, n. 22, São Paulo, jun/2001.

KLUG, João. *A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil*. ADLAF – Jahrestagung/2003. Institut und dem Seminar für Wissenschaftliche Politik der Albert-Ludwigs Universität. 13-15 de Novembro de 2003, Freiburg, DE.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, 1993.

LESSER, Jeffrey. O Hífen oculto. In: *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 2001, p. 17-35.

LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens I: da antiguidade a era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. (orgs). *História dos jovens II: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.) *Usos e abusos a História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MACHADO, Cacilda da Silva. A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 17, n. 34, p. 75-100. 1997.

MACHADO, Fernanda Quixabeira. Por uma história da juventude brasileira. *Revista da UFG*, Vol. 6, No. 1, jun 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set 92/ago 93.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. *Gênero e Meio Ambiente: mulheres na construção da floresta Amazônica*. In Temis Parente (Org). No prelo.

_____. Um encontro com as fontes em História Oral. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XXXII, p. 117-125, jun/2006.

NODARI, Eunice Sueli. O Oeste de Santa Catarina: a renegociação das fronteiras étnicas. *Fronteiras*, Florianópolis, n. 09, p. 29-50, Dez. 2001.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 239-260. 2003.

_____. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 59-72.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, 14, fev/1997.

_____. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, 1997.

_____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Revista do Projeto História*, nº 10, Programa de Estudos Pós-Graduação em História, Departamento de História. PUC/SP, SP, EDUC, 1993.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIOS, Kênia Sousa. História oral: que história é essa? *Cadernos do CEOM*, a. 14, n. 12, Chapecó, jun/00

ROCHA, Isa de Oliveira. *Industrialização de Joinville, SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: UFSC, 1997.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

SALVATICI, Sílvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*. v. 8, n. 1, p. 29-42, jan-jun. 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 16, nº 2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

SILVA, Janine Gomes da. Tempo de esquecer, tempo de lembrar... memória e gênero das histórias de Joinville. *Niterói*, v. 5, n. 1, p. 31-54, 2. sem. 2004.

_____. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... as vibrações do Centenário e o período da Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. 2004. Tese (Doutorado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *Tensões, trabalhos e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX*. Joinville: UNIVILLE, 2004.

SIMONNET, Dominique (et al). *A mais bela história do amor: do primeiro casamento na Pré-História à Revolução Sexual no século XXI*. Tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

SOSA, Derocina Alves Campos. *Imprensa e História. Biblos*, Rio Grande, n. 19, p. 109-125, 2006.

TERNES, Apolinário. *A economia de Joinville no século 20*. Joinville: Letradágua, 2002.

_____. *História do jornal A Notícia: 1923-1983*. Joinville: A Notícia, 1983.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História*, n. 15, São Paulo, abr/1997.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VILANOVA, Mercedes. *Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais*. In: MORAES, Marieta (org.) *História Oral*. Diadorim: Rio de Janeiro, 1994.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1980.

WOLFF, Cristina Scheibe. *Como se forma uma “boa dona de casa”: a educação das mulheres teuto-brasileiras na colônia Blumenau (1850-1900)*. In: MORGA, Antônio (org). *História das mulheres de Santa Catarina*. Chapecó: Argos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Ednub, 1995.

Webgrafia:

CONTRACEPÇÃO E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS. Disponível em: <<http://leituradiaria.com.br/p=280>>. Acesso em 30 de mar. 2008.

DAMASCENO, Maria Nobre. *Formação da Juventude: educação e cidadania em áreas de assentamento do MST*. Disponível em < <http://www.alasru.org/cdalasru2006>>. Acesso em 20 out. 2007.

FEATHERSTONE, Mike. *Moderno e pós-moderno: definições e interpretações*. Disponível em: <[http:// w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/arquivos/mike_featherstone.pdf](http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/arquivos/mike_featherstone.pdf)>. Acesso em 16 out. 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. *Apontamentos para a discussão sobre a condição juvenil no Brasil*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br>>. Acesso em 20 out. 2007.

VARELLA, Drauzio. *Dispositivo intra-uterino*. Disponível em:<<http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/alempilula5.asp>> Acesso em 30 mar. 2008.